

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO E ARQUITETURA E URBANISMO**

**MESTRADO EM DINÂMICAS DO ESPAÇO HABITADO
DEHA**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**A IMAGEM DO LUGAR E SEUS REFLEXOS:
UM ESTUDO DO BAIRRO DA LEVADA.**

Bárbara Thomaz Lins do Nascimento

**Maceió
2008**

Bárbara Thomaz Lins do Nascimento

**A IMAGEM DO LUGAR E SEUS REFLEXOS:
UM ESTUDO DO BAIRRO DA LEVADA.**

DEHA

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO E ARQUITETURA E URBANISMO**

**MESTRADO EM DINÂMICAS DO ESPAÇO HABITADO
DEHA**

Bárbara Thomaz Lins do Nascimento

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**A IMAGEM DO LUGAR E SEUS REFLEXOS:
UM ESTUDO DO BAIRRO DA LEVADA.**

Orientadora: Profa. Dra. Maria Emilia de Gusmão Couto

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO E ARQUITETURA E URBANISMO
MESTRADO EM DINÂMICAS DO ESPAÇO HABITADO
DEHA**

Bárbara Thomaz Lins do Nascimento

**A IMAGEM DO LUGAR E SEUS REFLEXOS:
UM ESTUDO DO BAIRRO DA LEVADA.**

Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas, como requisito final para a obtenção do grau de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

Aprovada em

BANCA EXAMINADORA

Profª. Dra. MARIA EMÍLIA DE GUSMÃO COUTO
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – UFAL

Profª. Dra. GLEICE VIRGINIA MEDEIROS DE AZAMBUJA ELALI
Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo (PPGAU) - UFRN

Profª. Dra. JOSEMARY DE OMENA PASSOS FERRARE
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – UFAL

Prof. Dr. GERALDO MAJELA GAUDÊNCIO FARIA
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - UFAL

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, cuja força superior colocou em meu caminho pessoas que nos momentos mais complicados e difíceis me auxiliaram e apoiaram na concretização desta dissertação.

À minha família: meus pais e minha irmã, compreensivos e fies torcedores. Agradeço por todas as horas de paciência e apoio necessários para o término da “nossa dissertação”.

À minha orientadora Maria Emília. A pessoa mais paciente e devotada do mundo! Um modelo de inspiração! Agradeço todos os momentos de atenção e de apoio. Uma pessoa iluminada que me fez acreditar que eu era capaz de superar tudo o que era considerado um desafio. Muito obrigada por tudo!!!

Aos meus amigos do grupo Representações do Lugar – RELÚ, que me “suportaram” durante muitos momentos complicados: Elzinha, Fernando, Raquel, Marcela, Vanessa e Vanine. Agradeço de coração todo o apoio, a preocupação e as discussões acerca do meu plano de trabalho, qualificação e dissertação. Desculpem o stress.

A todas as pessoas que concordaram a participar das entrevistas. Neste sentido agradeço principalmente aos moradores e comerciantes da Levada, meus novos amigos que abriram não só as portas de suas casas e estabelecimentos, mas também o coração. Obrigada por estarem dispostos a responder minhas indagações em todas as horas que precisei. Em especial Wilker Melo, morador da Levada que me apoiou nas pesquisas de campo.

À FAPEAL pelo incentivo que proporcionou a esta pesquisa. Obrigada pelo apoio.

*“Se podes olhar, vê. Se podes vê
repara”*

José Saramago

RESUMO

Enquanto habitante da cidade, o indivíduo pode encontrar no bairro diversas possibilidades de se relacionar com o meio. Tais possibilidades podem ser percebidas através do simples cotidiano, expresso em práticas familiares que remetem tanto ao espaço individual do morar, quanto ao coletivo das relações de vizinhança. No entanto, estas possibilidades também revelam formas de domínio do ambiente, maneiras pelas quais uma parcela do espaço urbano pode se tornar conhecida e até valorizada em meio a um todo. É partindo deste princípio que este trabalho explora o bairro como uma forma de compreender melhor as relações entre o homem e seu meio citadino. Para tal, recorre-se a uma análise da imagem do lugar, cuja construção é relevante na compreensão de elementos considerados fundamentais, principalmente para processos de revalorização do espaço.

Neste sentido, este trabalho contempla o bairro da Levada, em Maceió, Alagoas. Este lugar que durante quarenta anos esteve fortemente associado às principais festividades da cidade, presencia hoje um período de decadência que se caracteriza, sobretudo, pela degradação e desvalorização imobiliária. Entretanto, mesmo com as mudanças, o bairro ainda possui uma dinâmica bastante ativa que o ressalta tanto para seus moradores como para a cidade. Assim, enquanto estudo de caso ele se torna algo de grande valia para a compreensão das inquietações coletivas acerca da imagem do lugar.

Palavras chave: imagem, bairro, lugar.

ABSTRACT

The city's inhabitant is able to find in the quarter, different ways to know the urban environment as individual. The quarter shows through simple actions the familiar practices of living as collective neighborhood's relationships. However these actions also reveal different perspectives to valorize the places. Considering this presupposition this research explore the quarter, as an important way to understand the relationship between the man and his urban environment. At this sense, the research uses an image's mental analyses of the place. Through its construction is also explore the importance for understand the fundamental elements for evaluative environments.

In order to illustrate this propose, the present research brings results based in the Levada's district, Maceió, Alagoas. This district passed for the last forty years through transformations that caused the decadence of the area. Although the changes, its presents, until today, an active dynamic that emphasizes to neighborhood as the city. At the same way, shows its importance as an empirical study of the space's elements of the relationship between the man and his urban environment.

Key words: image, quarter, place.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
Considerações iniciais	15
1. SOBRE O PAPEL DA IMAGEM	20
1.1. Considerações teóricas	20
1.2. A imagem e seus processos formadores	24
1.2.1. A Sensação	26
1.2.2. A Percepção	28
1.2.3. A Cognição	31
1.3. Imagem, objeto e representação.	35
1.3.1. A representação da imagem: a semiótica	36
1.3.2. Imagem e a realidade contemporânea	40
1.4. A imagem no enfoque do espaço	44
1.4.1. Imagem e espaço	47
1.5. Outras considerações	50
1.5.1. Imagem e toponímia	50
1.5.2. A imagem e a atribuição de valor espacial	52
2. A IMAGEM E O BAIRRO	55
2.1. O espaço no entendimento do lugar	56
2.1.1. Um sentido para o espaço: o lugar	59
2.2. O conceito de bairro	62
2.3. O bairro da Levada: objeto empírico	65
2.3.1. A Levada de outrora	65
2.3.2. A Levada hoje	73
3. EXPLORANDO O BAIRRO DA LEVADA	81
3.1. As amostras	81
3.1.1. A pesquisa piloto: Bairro x Cidade	83
3.1.2. A pesquisa final: Morador x não-morador	84
3.2. A metodologia	86
3.2.1. As classificações múltiplas	89
3.2.2. Procedimentos	90

4. A IMAGEM DO BAIRRO	97
4.1. Resultados	97
4.1.1. A imagem da Levada: os usuários do bairro	97
4.1.2. A imagem da Levada para a Cidade	108
4.2. Resultados finais: A Imagem do Lugar	119
4.2.1. A questão do morador x não morador	121
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	127
▪ REFERÊNCIAS	135
▪ ANEXOS	139
▪ ANEXO 01	140
Formulários de pesquisa: pesquisa piloto	141
Formulários de pesquisa: pesquisa final	147
Legenda 01: pesquisa piloto	151
Legenda 02: pesquisa final	154
▪ ANEXO 02	158
Matriz 01: respostas dos entrevistados amostra 01: pesquisa piloto	159
Matriz 02: respostas dos entrevistados amostra 02: pesquisa piloto	172
Matriz 03: respostas dos entrevistados amostra 01: pesquisa final	182
Matriz 04: respostas dos entrevistados amostra 02: pesquisa final	186
▪ ANEXO 03	191
Mapa de uso do solo da Levada	

LISTA DE ILUSTRAÇÕES - FIGURAS

Figura 01	Imagem medieval: Santo Antonio em madeira século XIII	20
Figura 02	Imagem renascentista: Teto da capela Sistina	20
Figura 03	Desenhos na gruta de Lascaux.	21
Figura 04	Fotografia por Eadward Mudbridge.	21
Figura 05	Triangulação que representa a dinâmica do signo para a semiótica	38
Figura 06	O dia-a-dia no bairro da Levada.	38
Figura 07	Canal da Levada início do séc. XX.	66
Figura 08	Porto da Levada início do séc.XX.	66
Figura 09	Inauguração do Porto da Levada em 1912	68
Figura 10	Feira do Passarinho (dec. de 60): Avenida Celeste Bezerra.	69
Figura 11	Primeiro Mercado Público de Maceió década de 1920.	69
Figura 12	Segundo Mercado Público dec. De 1940.	69
Figura 13	Hidroavião no Porto da Levada, dec. de 1940.	70
Figura 14	Festa no Canal da Levada na década de 1920.	70
Figura 15	Praça Emílio de Maya em 1940	70
Figura 16	Vila Brejal	71
Figura 17	Foto do bairro da Levada com aterro integrado à paisagem	73
Figura 18	Atual Mercado Público circundado por ambulantes.	74
Figura 19	Atual Mercado do Artesanato com todos os seus produtos	74
Figura 20	Acesso CEASA-AL no bairro da Levada.	76
Figura 21	A Feira do Passarinho	76
Figura 22	O canal da Levada	76
Figura 23	Tipologia das residências da Levada (1)	78
Figura 24	Tipologia das residências da Levada (2)	78
Figura 25	Tipologia das residências da Levada (3)	78
Figura 26	Tipologia das residências da Levada (4)	78
Figura 27	Cartão utilizado no procedimento de associação livre	91
Figura 28	Material da pesquisa de campo – procedimento 2	93
Figura 29	Material da pesquisa de campo – procedimento 3	94
Figura 30	Seqüência de fotos que mostram a aplicação do procedimento 4	96
Figura 31	Fotos mais escolhidas na associação visual amostra 1	103

LISTA DE ILUSTRAÇÕES - FIGURAS

Figura 32 Fotos mais escolhidas na associação visual amostra 2 **116**

Figura 33 Igreja Nossa Senhora das Graças **123**

Figura 34 Primeiro Centro de Saúde **123**

Figura 35 Casarões na Levada **126**

Figura 36 Seqüência de fotos sobre a Levada **127**

LISTA DE ILUSTRAÇÕES - MAPAS

Mapa 01	Abairramento de Maceió: em detalhe a localização do bairro da Levada	65
Mapa 02	Croqui exemplificativos da evolução do bairro: o canal da Levada	66
Mapa 03	Croqui exemplificativo da evolução do bairro: eixo de ocupação da inicial da cidade	66
Mapa 04	Croqui exemplificativo que localiza a Rua Celeste Bezerra, o Mercado Público e a Praça João Capristano.	69
Mapa 05	Croqui exemplificativo: localização da Vila Brejal	71
Mapa 06	Croqui exemplificativo: localização da Vila Brejal e traçado do bairro	71
Mapa 07	O bairro da Levada hoje	73
Mapa 08	Mapa com localização das feiras	74
Mapa 09	Configuração da Levada	77
Mapa 10	Zoneamento das diferentes tipologias configuração da Levada	77
Mapa 11	Algumas das principais localizações da Levada:	80
Mapa 12	Localização entrevistas da amostra 1	82
Mapa 13	Localização das entrevistas da amostra 2	82
Mapa 14	Áreas das entrevistas - resultados	101
Mapa 15	Área delimitada pelos entrevistados com sendo o bairro da Levada	117
Mapa 16	Integração global – Bairro da Levada sobreposto ao mapa de localização dos elementos	123

LISTA DE ILUSTRAÇÕES - GRÁFICOS

Gráfico 01	Porcentagem das amostras 1 e 2- pesquisa piloto	83
Gráfico 02	Grupos da amostra 1-pesquisa piloto	83
Gráfico 03	Faixa etária da amostra 1- pesquisa piloto	83
Gráfico 04	Escolaridade da amostra 1- pesquisa piloto	83
Gráfico 05	Composição da amostra 2- pesquisa piloto	84
Gráfico 06	Faixa etária da amostra 2- pesquisa piloto	84
Gráfico 07	Grau de escolaridade da amostra 2 - pesquisa piloto	84
Gráfico 08	Porcentagem das amostras 1 e 2 - pesquisa final	85
Gráfico 09	Composição das amostras 1 e 2: pesquisa final	85
Gráfico 10	Perfil dos moradores entrevistados (amostra 1) pesquisa final	85
Gráfico 11	Análise da associação livre dos três grupos integrantes (amostra 1)	99
Gráfico 12	Associação livre – Amostra 1	101
Gráfico 13	Comparação entre os principais lugares do bairro (Amostra 1)	102
Gráfico 14	Resultados da associação visual (amostra 1)	104
Gráfico 15	Aspectos positivos e negativos do bairro da Levada (amostra 1)	105
Gráfico 16	Avaliação valorativa- Amostra 1	106
Gráfico 17	Resultados dos elementos localizados (mapa – amostra 1)	107
Gráfico 18	Aspectos positivos de um bairro segundo a amostra 2	111
Gráfico 19	Melhores bairros de Maceió, segundo a amostra 2	111
Gráfico 20	Aspectos negativos de um bairro segundo a amostra 2	112
Gráfico 21	Bairros considerados desagradáveis segundo a amostra 2	112
Gráfico 22	Associação livre (amostra 2)	113
Gráfico 23	Aspectos positivos de um bairro e da Levada (amostra 2)	113
Gráfico 24	Aspectos negativos de um bairro e da Levada (amostra 2)	115
Gráfico 25	Resultados da associação visual da amostra 2	116
Gráfico 26	Resultados da avaliação valorativa amostra 2	118
Gráfico 27	Resultados dos elementos localizados (mapa – amostra 2)	119
Gráfico 28	Resultado da associação livre: moradores e não moradores	122
Gráfico 29	Resultados da associação valorativa (morador x não- morador)	124
Gráfico 30	Aparência do bairro segundo moradores e não-moradores	126

INTRODUÇÃO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Enquanto lugar da coletividade, o bairro expõe a relação entre uma pessoa e sua cidade em diferentes perspectivas. Neste sentido ele aparece associado diversas ações cotidianas como, por exemplo, o ato de conversar com os vizinhos, jogar dominó com os amigos na calçada e as brincadeiras das crianças na praça. No entanto, basta um olhar mais atento para o bairro, para entender que além de descrevê-lo, estas ações também são práticas que, quando analisadas, demonstram que a relação entre indivíduo e seu meio constitui um campo vasto e complexo.

De fato, através da realidade do bairro se encontram as mais diferentes formas pelas quais o homem estabelece contato com o meio. A possibilidade de conhecer diferentes lugares, os trajetos realizados todos os dias e as relações de vizinhança trazem à tona aspectos e elementos que, quando combinados e acumulados, produzem e organizam um espaço. A realidade do bairro mostra de maneira evidente que o espaço organizado, sobretudo aquele com o objetivo de se tornar habitado, não deve ser apenas considerado através de seus elementos concretos. O espaço métrico traz em si também aspectos invisíveis que correspondem os significados e os valores necessários ao homem para ordenar e dar sentimento a sua cidade, ou seja, o espaço métrico torna visível o que é simbólico. Estes aspectos, quando ausentes ou importantes, estariam presentes principalmente nas necessidades e desejos transmitidos por determinado habitante, pois são as principais informações através das quais os indivíduos contextualizam o espaço (RIBEIRO, 2004). No caso do bairro, ao mesmo tempo em que desperta sentimentos e sensações em meio à grandeza da cidade, estes aspectos também “representam o que cada um cria para si como lugar de aconchego e itinerários para seu uso e prazer” (CERTEAU, 1996: 23).

Entretanto, diante do contexto atual, cada vez mais tem se tornado difícil entender as informações que contextualizam o espaço. As necessidades e desejos dos indivíduos estão em constante evolução, principalmente por atualmente estarem baseados em elementos de instabilidade próprios do capitalismo e da sua busca de

dinheiro e lucro. No caso da cidade, esta busca ocasionou o surgimento de novas localidades que, com o objetivo de se tornarem atraentes, passassem a vincular a importância do lugar a elementos e a conceitos que ressaltam muito mais o seu valor financeiro. Assim se antes eram os antigos espaços que detinham os significados e os valores dos lugares, em meio à globalização são idéias que constroem o espaço concreto. Estas idéias não ocupam o espaço, mas o “circulam e o povoam deixando rastros que embora não sejam concretos, são potencialmente reais” (FERRARA, 2000:55).

Conforme Ferrara (2000) quando qualquer espaço é considerado a partir da idéia capitalista, ele se torna uma simples mercadoria, sendo visto apenas como uma aglomeração puramente física, pois só assim pode se propagar na direção indicada pelo lucro. Neste contexto, o consumo muitas vezes provoca a adoção de padrões que deixam em segundo plano, ou nem consideram os verdadeiros valores, significados e elementos que são importantes para seus usuários (CONNOR, 1993). Assim, o espaço é convertido em objeto, tornando-se suscetível às influências da moda, mídia ou mercado imobiliário que impõem modelos convencionados de como as pessoas devem almejar seus espaços. Diante desta realidade, a estrutura da vida urbana perde grande parte de suas referências fundamentais para a identificação das necessidades, desejos e interesses individuais e coletivos dos diferentes habitantes de um lugar (FERRARA 2000).

Em meio ao exposto, este trabalho parte do princípio de que privilegiar o modo como as pessoas apreendem o meio urbano, aprendem com ele, e sobre ele, é de grande importância. Como, em meio à contemporaneidade, tudo que é real é associado a um modelo, uma idéia, fica evidente que o que emerge é um real construído por imagens e que só assim pode ser compreendido, pois só faz sentido pela mediação das mesmas (CONNOR, 1993). Desta forma, considerando-se que através da imagem seja possível entender os principais elementos valorizados em um determinado espaço, pretende-se lidar não com o objeto em si, isto é o lugar, mas a sua representação.

O lugar, neste sentido é atribuído ao bairro por ser um espaço que se configura como externo em relação à casa e interno em relação à cidade, podendo assim trazer em sua composição elementos que se relacionam tanto a uma realidade individual quanto coletiva. Neste trabalho, o bairro estudado está localizado na cidade de Maceió, Alagoas, e é conhecido como Levada. Esta localidade foi escolhida por sua variação de atividades (comércio, moradia, feira livre), por sua relação histórica com a origem da cidade e localização central. Considera-se que a existência de diversas atividades

somada a sua dinâmica disponibilize um grande número de elementos que possam compor o que corresponde à imagem de um lugar. Além disso, esta localidade presencia ainda hoje um período de decadência, ocorrência comum à realidade de outras cidades do Brasil e do mundo, onde o surgimento de novas localidades atraiu parte das atividades exercidas em outras áreas, tornando-se novas centralidades em meio à desvalorização de outros lugares (CARDOSO; NASSAR, 2005). Entretanto, no caso deste bairro, soma-se a fato o resultado de vários fatores, particularidades relacionadas à dinâmica da cidade de Maceió.

Além dos fatores já mencionados, a relevância do estudo deste bairro aumenta principalmente porque foi estruturado em 2001 um projeto de requalificação para o Centro de Maceió, o qual tem também como objetivo ações voltadas para o bairro da Levada (PMM, 2001). Em discussão desde 2006 em torno de sua aplicabilidade no bairro em estudo, o projeto vinha causando divergências de opiniões entre os habitantes do lugar e da cidade. Entretanto, desde 2007 vem sendo reformulado com o objetivo de contemplar principalmente mudanças que tenham também um impacto social não apenas para o bairro, mas que tragam resultados benéficos para a requalificação do bairro do Centro que já foi finalizada. Nestas circunstâncias, a importância deste trabalho consiste em valorizar o ponto de vista das pessoas, neste caso o habitante do lugar e da cidade, para se entender os possíveis significados que são atribuídos e vinculados ao meio. Considera-se que, por meio do confronto de diferentes pontos de vista dos usuários, exista a possibilidade de extrair elementos basilares que constroem a imagem de um lugar ao mesmo tempo em que são reflexos da mesma.

Diante da busca de entender tais elementos e sua importância para a compreensão e construção da imagem do lugar, foi realizada no decorrer deste estudo uma pesquisa de campo. Devido à necessidade de obter informações de natureza subjetiva, para a pesquisa empírica se recorreu a diversas metodologias relacionadas ao campo das ciências sociais. Dentre as mais exploradas, este trabalho fundamentou-se nos resultados adquiridos através da aplicação da teoria das classificações múltiplas (CANTER; BROWN; GROAT, 1985). A escolha foi ocasionada, sobretudo pela possibilidade de elucidar diferentes procedimentos que são fundamentais para este trabalho já que possibilitam explorar o conteúdo da “imagem do lugar”.

Enfim, em linhas gerais o que se pretende é entender quais os elementos formadores da imagem de um lugar construída por seus usuários, os quais compreendem tanto moradores como não-moradores. Para tal, foi necessária a análise

da imagem do lugar através de duas óticas, ou seja, uma ótica interna - dos usuários - e externa - da cidade. Além disso, também foi necessário identificar os elementos positivos e negativos na ancoragem da “imagem do lugar”, assim como investigar a influência destes na consolidação de referenciais e sua forma de manifestação no espaço. Para tal, a presente investigação é composta por cinco seções, algumas divididos em subitens, nos quais estão contidos, de forma mais aprofundada, alguns pontos necessários para a compreensão das inquietações já colocadas.

Na primeira seção é apresentado o papel da imagem que se subdivide em cinco itens. O primeiro trata das considerações teóricas sobre a imagem e os diversos significados atribuídos ao termo, evidenciando assim o enfoque deste trabalho. O segundo trata da imagem e de seus processos formadores (sensação, percepção e cognição). O terceiro intitulado “imagem, objeto e representação” explora a relação entre um objeto e sua imagem, sendo considerado, neste sentido, a questão da semiótica e da realidade. Todas estas colocações servem para o entendimento do quarto item que explora a imagem da cidade, sendo subsidiado por outras considerações – quinto item – onde aparecem aspectos importantes que se relacionam ao estudo da imagem e do lugar.

Na segunda seção são focalizados alguns conceitos como bairro, lugar e espaço. É neste momento que se contextualiza o objeto empírico: o bairro da Levada, através de sua história, estrutura e significação.

Na terceira seção é apresentada a amostra e a metodologia, que consistem na teoria das classificações múltiplas. Nesta seção também são explorados os procedimentos que foram utilizados na pesquisa de campo, tanto piloto como final. Salienta-se, neste momento, que como os resultados da pesquisa piloto foram essenciais tanto quanto os da pesquisa final, ambos foram considerados e detalhados no desenvolvimento desta dissertação.

Na quarta seção são apresentados, de forma detalhada, os dados coletados tanto na pesquisa piloto como na pesquisa final e seus respectivos resultados. Tais resultados são seguidos pela conclusão que por ser a seção final, a quinta, traz as últimas considerações da investigação proposta. Após esta seção são apresentadas as referências e os anexos. No anexo 1 são encontrados os formulários da pesquisa piloto que foram utilizados nas visitas de campo. No anexo 2 estão as matrizes onde foram confrontados os dados e os perfis dos entrevistados. O último anexo, o três, é referente às informações referentes ao bairro em estudo, mais especificadamente o uso do solo.

Desta forma, é partindo do princípio que é importante a opinião do indivíduo, sobretudo aquela que é derivada de suas relações com o meio que este trabalho explora a relação entre imagem e espaço, principalmente sua relevância para processos de revalorização de lugares. Espera-se, então, que esta investigação proporcione reflexões acerca da importância da imagem para o planejamento e concretização de ações que envolvam questões espaciais. Em se tratando especificadamente do bairro da Levada, em meio às novas discussões suscitadas pelo seu projeto de requalificação que no período atual passa por adequações que visam privilegiar também o contexto social, pode-se dizer que este trabalho se apresenta também como uma possibilidade de contribuir para futuras intervenções no lugar. Neste sentido, espera-se que por meio deste se torne evidente a importância da compreensão dos principais elementos que constroem a imagem do bairro diante de seus usuários de forma a auxiliar em mudanças que o valorizem no contexto da cidade, mas sem esquecer dos desejos e necessidades de seus habitantes.

1. SOBRE O PAPEL DA IMAGEM

1.1. CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS

A imagem, cujo termo será tratado neste trabalho como fenômeno; pode se apresentar em um primeiro momento como sendo de fácil definição. Entretanto, os diversos campos disciplinares que lhe são subsidiários demonstram a grande complexidade de sua abrangência. Neste sentido, desde os primórdios da história do conhecimento os filósofos e pensadores se debruçaram sobre a complexa relação que une imagem e realidade, bem como sobre as suas respectivas definições. Platão (apud JOLY, 2004) foi o primeiro a definir a imagem como “... primeiramente as sombras depois os reflexos que se vêm nas águas ou na superfície dos corpos opacos, polidos e brilhantes, e a todas as representações semelhantes”. Mais tarde, na época medieval a imagem passa a ser definida como “*aliquid stat pro aliquo*” algo que está em lugar de uma outra coisa¹, apontando já para algo que pode ser produzido por alguém (figura 01). Mas foi na Renascença (figura 02) que a imagem, através das técnicas de pintura e com a introdução com a perspectiva, passa a se configurar como “uma representação do real”, atribuição que a acompanha até hoje (HAUSER, 1999).



Figura 01: Santo Antonio em madeira século XII – autor desconhecido

Fonte: RAMALLO, 1992



Figura 02: Teto da capela Sistina - autor: Miquelângelo

Fonte:www.google.com.br

Entende-se que em meio a diversas considerações e a distintos campos disciplinares, o termo “imagem” adquiriu inúmeros significados devido a uma vasta utilização. Porém, ao longo das últimas cinco décadas, o sentido comum e as utilizações repetitivas e convencionais do termo têm associado o seu emprego, na maioria das vezes, à idéia de mídia, sinônimo de televisão e publicidade.

¹ Neste sentido, ressalta-se fortemente as representações religiosas que designavam a imagem como estátua e deus. Foi a partir desta época que as esculturas passaram a ser associadas à noção de imagem e consequentemente a algo que está no lugar de alguma coisa (BRACONS, 1992)

Segundo Santaella (2003) a associação da imagem à televisão e à publicidade provoca algumas confusões que são prejudiciais à própria imagem. Uma das confusões diz respeito à origem da imagem contemporânea que mesmo aparentando ser uma novidade não tem vínculo com a mídia e tampouco é recente. Meio de expressão há milênios, antes mesmo do aparecimento do registro da palavra, a imagem tem se destacado essencial, como forma figurativa, à natureza humana no decorrer da história das civilizações. Por toda a parte no mundo o homem deixou vestígios de suas faculdades imaginativas, desde os tempos mais remotos do paleolítico sob a forma de desenhos nas pedras (figura 03) até chegar à modernidade com a fotografia (figura 04).



Figura 03: Desenhos na gruta de Lascaux

Fonte: www.google.com

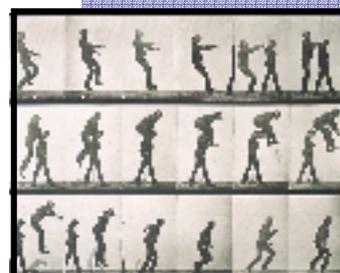


Figura 04: Fotografia: Eadward Mudbridge

Fonte: www.google.com.br

A outra confusão, que conforme Santaella (2003) seria a mais grave, trata-se da distinção entre imagem fixa e imagem animada. De fato considerar que a imagem contemporânea é a imagem de mídia - e que esta é por excelência a televisão e o vídeo – é levar em conta apenas a imagem animada, sentido que delimita as possibilidades

e os campos de aplicação da imagem, pois ocasiona o esquecimento de outras espécies de expressão visual que coexistem na própria mídia e que também são consideradas imagens.

Embora, no campo da arte e da mídia a noção de imagem esteja vinculada essencialmente à representação visual², este não é o único aspecto que deve ser levado em consideração em sua definição. Para Joly (2004) aprende-se a associar “imagem” a noções complexas e contraditórias que podem ser percebidas tanto ao explorar certos aspectos de utilização da palavra como por meio de simples expressões correntes que empregam o termo. Um exemplo clássico é a expressão “Deus criou o homem à sua imagem”, onde “imagem” se refere bem mais a evocação de uma semelhança do que uma representação visual.

Ainda segundo Joly (2004) o termo também envolve certas atividades psíquicas como as representações mentais que se configuram em visões, fantasias, esquemas, imaginações e modelos. Elaborada de uma maneira quase que alucinatória este tipo de

² As representações visuais são os objetos materiais que representam o nosso meio ambiente visual: desenhos, pinturas, fotografias, gravuras, cinema, TV, info e holografia.

representação parece tomar emprestado características da visão, formando uma imagem mental que corresponde àquela impressão que se adquire quando se lê ou se ouve a descrição de um lugar e o vê quase como se estivesse lá.

Devido a aparente facilidade de compreensão e por se relacionar ao psicológico e ao sociológico, o termo “imagem” no sentido de representação mental, se tornou bastante utilizado pelos mais diversos campos de conhecimento. No marketing e na publicidade, por exemplo, quando se fala de “imagem de si” ou de “imagem de marca” está se aludindo a operações mentais, individuais ou coletivas, que insistem muito mais no aspecto construtivo e identitário da representação do que em seu aspecto visual de semelhança. Nas ciências humanas também é natural estudar esse tipo de representação através da “imagem da mulher” ou “do médico”, ou “da guerra” neste ou naquele cineasta, isto é, nas imagens. Da mesma maneira é possível usar imagens (cartazes, fotografias) para se construir a imagem de alguém por meio de procedimentos que tratam de estudar ou provocar associações mentais sistemáticas que servem para identificar esta ou aquela pessoa, fato muito comum nas campanhas eleitorais, ou até este ou aquele objeto, atribuindo-lhes um certo número de qualidades socioculturalmente elaboradas (JOLY, 2004).

A imagem mental também é relevante para a formação de metáforas (JOLY, 2004). Sabe-se que na linguagem, a metáfora verbal, uma forma de falar por imagens, consiste no emprego uma palavra por outra em virtude de sua relação analógica ou de comparação, ou seja, quando pensamos na expressão “fulano é um lesma” não está se dizendo literalmente que “fulano” é uma lesma, mas que se move, fala ou atua com lentidão. Entretanto a metáfora também pode ser um procedimento de expressão extremamente rico, inesperado, criativo e cognitivo quando utilizado na comparação de dois termos (o objeto que se vê e a idéia que representa), pois solicita a imaginação a evocação de idéias que correspondem, no ponto de vista do observador, o significado do que está sendo visto. A metáfora aplicada desta forma é um princípio bastante comum nas obras surrealistas onde o representado não corresponde ao objeto visível e sim a imagem do que significa subconscientemente para o autor da obra (ARGAN, 1999).

Neste sentido, percebe-se que o termo imagem pode designar inúmeros entendimentos onde ela pode ser desde objetiva, perceptível, detectada por nossos sentidos até subjetiva, mental, advinda de uma idéia, de um pensamento. Embora se tenha mencionado até este ponto alguns dos empregos da palavra imagem que a exemplifica, estes ainda não esgotam a sua abrangência conceitual. De fato, o termo é

tão utilizado, com tantos tipos de significação, muitos sem vínculo aparente, que parece bem difícil dar uma definição simples que recubra todos os seus empregos. Desta forma, o que vem a ser “imagem” só poderia ser definido em termos gerais, pois se compreende que é algo que utiliza traços do visual mesmo que não remeta ao visível e que, independente de ser imaginária ou concreta, é produzida por um sujeito. (JOLY, 2004)

Compreendemos que a imagem depende da produção de um sujeito: imaginária ou concreta, a imagem passa por alguém que a produz e a reconhece.(...) Parece que a imagem pode ser tudo e seu contrário – visual e imaterial, fabricada e ‘natural’, real e virtual, móvel e imóvel, sagrada e profana, antiga e contemporânea, vinculada à vida e a morte, analógica, comparativa, convencional, expressiva, comunicativa, construtora e destrutiva, benéfica e ameaçadora . (JOLY:27, 2004.)

Entende-se assim que a compreensão do que vem a ser imagem é condicionada por todo um sistema de significações, mais ou menos explícitos, vinculados ao termo. Diante de seus inúmeros empregos e de seus sentidos comuns de utilização, a imagem se torna parte dos inúmeros objetos oferecidos e produzidos pela cultura que contribuem para formular o modo de se compreender o mundo, e o modo como se manifesta esta compreensão. Aliás, é pelo fato de se entender que a imagem é também uma forma de interpretação do mundo que seu emprego se tornou para a filosofia um núcleo de reflexão. Em especial Platão e Aristóteles apresentaram estudos ainda hoje interessantes acerca desse papel da imagem. Para Platão ela engana, pois desvia da verdade por ser visualmente imitadora. Já para Aristóteles ela educa, pois leva ao conhecimento através semelhança (JOLY, 2004). No entanto, apesar desta nítida divergência ambos convergem no sentido de encontrar a representação do real por meio de uma imagem padrão, ou seja, na idéia que se expressa em forma de construção mental.

Diante do exposto, acredita-se que a imagem mental constitua um parâmetro importante neste trabalho, pois ela expressa pontos fundamentais, idéias que podem representar, ou não, a realidade. No enfoque do espaço habitado este é um aspecto que torna o estudo da imagem algo de grande importância quando diz respeito ao planejamento e ao desenho urbano. Entender como as pessoas interpretam os lugares onde vivem, passam ou visitam tem uma grande importância, sobretudo para aqueles que se dedicam aos trabalhos de espaço, pois suas decisões deverão refletir os anseios e desejos pautados na construção da imagem de quem experimenta tais espaços. Neste

contexto, o estudo da imagem corresponde na verdade uma evocação do espaço percebido, ou seja, uma “imagem do lugar” que é construída com fundamento nas idéias do indivíduo em relação a um meio. Assim, pode-se dizer que por meio desta imagem se tem acesso aos elementos fundamentais, noções e impressões que constroem a representação de um “lugar”, que no caso deste estudo corresponde ao bairro.

1.2. A IMAGEM E SEUS PROCESSOS FORMADORES

Conforme mencionado anteriormente, por ser produzida por um sujeito a imagem se torna parte de diversos objetos que expressam a forma de compreender e de se relacionar com o mundo. De forma consciente ou não ela adquire esta possibilidade através de seus sentidos comuns de utilização, que diante de seus empregos estabelecem vínculos entre o homem e os mais variados contextos.

Segundo Aumont (1997) é por esta relação tão próxima desenvolvida com o homem que a imagem se torna uma via de acesso às suas atitudes e mentalidades, tanto do presente quanto do passado. Na verdade ela mostra uma interpretação da realidade, ou seja, tudo aquilo que foi assimilado. Quando o sujeito conhece algo ele apreende esse algo através de uma idéia, um conceito que corresponde aquele algo. Assim, quando o sujeito detém o conhecimento a imagem é a interpretação resultante:

O conhecimento só é perceptível através da existência de três elementos: o sujeito cognoscente (que conhece) o objeto (conhecido) e a imagem. O sujeito é quem irá deter o conhecimento, o objeto é aquilo que será conhecido, e a imagem é a interpretação do objeto pelo sujeito. (...) Neste momento, o sujeito apropria-se, de certo modo do objeto onde o conhecimento apresenta-se como uma transferência das propriedades do objeto para o sujeito (AUMONT, 1997)

Embora o autor acima aludido explique que independente da forma de expressão – seja representação visual ou mental – a imagem seja uma via de acesso, para filosofia quando esse acesso está relacionado ao conhecimento de algo é em forma de representação mental que ela se torna mais próxima da realidade e da verdade (PLATÃO, apud JOLY, 2004). De fato, este argumento é comprovado ao longo do processo de conhecimento que é associado a ações que significam uma posse da

realidade pelo pensamento como apropriação³ e assimilação⁴. Esta posse intelectual tem como finalidade não uma produção de uma nova realidade e sim uma reprodução da existente, através da qual se expressa a idéia que se tem dela. Portanto conhecer significa, de certa maneira, apropriar-se da realidade por meio do pensamento, que neste se reproduz de forma explicada (KOHLSDORF, 1996).

O ato de conhecer é caracterizado como um processo permanente, e contínuo de aproximação entre os indivíduos e a realidade, que pode envolver desde experiências empíricas que representam o senso comum, visões de mundo que caracterizam de ideologia até teorias que são a base da ciência. Na verdade, independente de sua natureza de senso comum, ideologia ou ciência, o ato de conhecer é uma sucessão de atividades que se processam em etapas sempre novas e mais próximas à realidade. São estas etapas que caracterizam o processo cognitivo, explicado posteriormente, e que são capazes de transformar as manifestações pelas quais o mundo se apresenta em representações. É devido a este fato que a imagem pode ser também considerada uma ação de posse da realidade, pois além de ser uma representação ela é “derivada de um processo de apreensão⁵ pelo indivíduo, que através e uma aproximação toma mentalmente um objeto” (KOHLSDORF, 1996:55).

Desta forma, a imagem corresponde a uma construção mental que traz em si a representação de características fundamentais, informações, que podem ter diferentes graus de aproximação da realidade objetiva, podendo ser tanto de natureza sensível ou abstrata. Em se tratando do espaço e do estudo da “imagem do lugar” este aspecto é bem visível. Nesta pesquisa, por exemplo, percebe-se que no bairro da Levada a imagem dos entrevistados é construída a partir de inúmeros pontos de vista aglutinados, simultaneamente. Só que neste caso, estes pontos de vista convergem para a reconstrução de uma estrutura modelo que tomará forma de representação visual bem mais adaptada aos objetivos que se estabelecem na relação que se desenvolve com o espaço (moradia, trabalho lazer). Isto é, nem sempre as imagens construídas pelos usuários de um mesmo lugar são homogêneas, pois muitas vezes as construções das mesmas são estabelecidas por aspectos completamente distintos. Além disso, por ser uma interpretação, a imagem parece banhada de elementos que são resultantes da troca de experiência no processo de conhecimento, como visões de mundo, recordações, ou

³ MARX apud Kolshdorf, 1996

⁴ PIAGET, 1978

⁵ A apreensão ocorre no senso comum, na ideologia e no conhecimento científico, e seu mecanismo, constitui-se, portanto, em possível momento de encontro entre sujeito e produtos de diferentes modos de conhecimento.

seja, tudo aquilo que é acumulado ao longo do ciclo vital das pessoas. Neste sentido, torna-se evidente porque a imagem do bairro da Levada construída pelos passantes, por exemplo, diverge da imagem construída pelos moradores que por sua vez apresenta aspectos que são um pouco diferentes dos que estão presentes na imagem dos comerciantes.

Assim o estudo da imagem constitui algo importante no entendimento de um meio, pois sua formação envolve tanto aspectos relacionados à configuração dos lugares quanto ao ponto de vista de seus usuários. Desta forma, ela constitui um “modo de conhecer”, pois fornece noções, idéias e impressões acerca de um ambiente e de sua realidade. Entende-se, assim, que sua construção é derivada de um processo complexo que passa por vários estágios de assimilação, dentre eles o sensitivo, perceptivo e o cognitivo, aspectos que são explorados a seguir, pois explicam clarificam o entendimento e a relevância da produção da imagem de um lugar, aqui entendido como o bairro da Levada.

1.2.1. A SENSACÃO

Embora aparentemente clara, a noção de sensação torna-se bastante complexa por assumir inúmeras considerações. Primeiramente, poderia ser entendida como a maneira pela qual o indivíduo é afetado pela experiência de um estado de espírito. “O cinza dos olhos fechados que me envolve sem distância, os sons dos cochilos que vibram em minha cabeça” são indicativos do puro sentir. A sensação pura corresponde a uma “experiência de um ‘choque’ indiferenciado, instantâneo e pontual” de algo que se encontra em um vazio físico (MERLEAU-PONTY, 1999: 23).

Entretanto neste trabalho a noção do “puro sentir” é algo que é cabível apenas na esfera conceitual. Os lugares se apresentam, no ponto de partida de seu aprendizado, em uma totalidade complexa formada por atividades, formas, significados e práticas sociais, onde todas são sensivelmente captáveis (KOHLSDORF, 1996). Deste modo, um dado perceptível isolado é inconcebível a menos que se induza em uma experiência mental a finalidade de unicamente percebê-lo. Assim, para entender a relação da sensação no processo de apreensão do espaço deve-se considerar que o “algo” perceptível está sempre no meio de outra coisa. Neste contexto, pode-se dizer que uma definição que se reporta a um estado de espírito se torna impensável como momento da percepção, pois

leva em conta apenas o objeto isolado, porém, serve de noção para o entendimento do que vem a ser sensação.

No caso do estudo de um bairro, entende-se que por ser porção de espaço, ele está submetido, além de uma realidade condicionada por um contexto específico, a parâmetros que o inserem em um contexto citadino (LYNCH, 1999). Assim, em se tratando dos lugares, a sensação deve ser considerada enquanto definição que situa o objeto no mundo, ou seja, que trate-o como um fragmento em meio a um universo maior. Para Merleau-Ponty (1999) quando se quer relacionar sensação a um objeto inserido em um contexto, é mais coerente uma definição que derive do senso comum, pois só assim pode-se delimitar o sensível pelas condições humanas das quais ele depende. De acordo com o mesmo, neste sentido a sensação é uma resposta direta e imediata a um estímulo que por chegar ao indivíduo sem ser solicitado constrói objetos limpos, sem significação. “Sabe-se muito bem o que é ouvir, ver e sentir porque desde criança, através da percepção, aprende-se a diferenciar os objetos por sua cor, forma, cheiro ou textura, ou seja, atribui-se qualidades ao que se sente, constrói-se a sensação com a percepção”. No entanto, embora relacionada diretamente a percepção, a sensação corresponde a um processo independente, com uma noção própria. Assim, neste sentido, deve-se considerar que “sensação é tudo aquilo que é captado pelos sentidos” (MERLEAU-PONTY; 1999:24).

Segundo Machado (apud DEL RIO, 1996) a sensação tem um grande envolvimento no processo de conhecimento, sobretudo do ambiente. O meio é aprendido pelos sentidos, que podem ser comuns (visão, audição, tato, olfato, paladar) ou especiais, como o sentido das formas, de harmonia, de equilíbrio, de espaço, de lugar. Assim, as sensações seriam as responsáveis pelo primeiro contato com o meio, constituindo-se na relação mais próxima da consciência com a realidade objetiva. Neste primeiro contato, é estabelecido um trajeto em que o mundo real confia aos órgãos dos sentidos mensagens que devem então ser conduzidas, depois decifradas, de modo a produzir no indivíduo informações que condizem exatamente com a realidade, ou seja, um “texto original”.

Entretanto, existe uma série de fatores que não permitem que o texto seja produzido de forma “original”. Por exemplo, quando a grandeza aparente de um objeto varia com sua distância aparente, ou sua cor aparente ou ainda com as recordações que temos dela, isto é, reconhece-se que o estímulo despertado será influenciado por meio de sua qualidade de grandeza. Outro fator também seria o aparelho sensorial e as

possíveis lesões e limitações que este venha a apresentar e que também colaboram para uma receptividade parcial. Desta forma, é devido a essas limitações que se deve entender que através da sensação ocorre um processo de desintegração em que o mundo exterior não é reproduzido e sim construído (TIEDEMANN E SIMÕES in RAPPAPORT, 1985).

Conforme Kohlsdorf (1996) essa construção e não reprodução se deve a natureza subjetiva das sensações. Elas resultam de relações do organismo – órgãos dos sentidos – com o meio e por isso são subjetivas, pois derivam do que se sente, no entanto refletem propriedades objetivas, que neste estudo correspondem às qualidades do espaço. Por isso além de estabelecer uma unidade entre sujeito e objeto, ela permite fornecer certas informações subjetivas que não se limitam em apenas desenhar paisagens, mas de exercer também sobre os indivíduos um sentido de orientação (LYNCH, 1999). Assim é exatamente por construir um mundo, uma interpretação, que as sensações adquirem importância no conhecimento do espaço e conseqüentemente na formação da imagem.

Assim, reconhece-se que no estudo do espaço as sensações são imprescindíveis, sobretudo por cumprirem a função de orientar o indivíduo em seu meio, e auxiliar na identificação dos lugares. Esse papel articula o indivíduo nos processos de apreensão segundo as condições de seu sistema sensorial e conseqüentemente exerce influência na formação de uma imagem, aspecto imprescindível para o seu entendimento, principalmente neste trabalho. Entretanto, considerando-se que as sensações captam características do meio ambiente por meio dos sentidos, deve-se ressaltar que ela é apenas o início de um processo no qual ela se torna matéria prima da percepção. (KOHLSDORF, 1996).

1.2.2. A PERCEPÇÃO

Segundo as considerações de Merleau-Ponty (1999), entende-se que tudo que é captado pelos sentidos é denominado sensação. Nesta perspectiva “ver é apenas obter cores ou luzes, ouvir é apenas obter sons, elementos que nada são além de componentes iniciais, informações dos órgãos dos sentidos; algo limpo: sensações” (MERLEAU-PONTY, 1999: 25).

Conforme Del Rio (1996), as sensações apenas iniciam um contato a partir do qual o mundo real se torna acessível ao indivíduo. Neste contato, as informações obtidas

pelos sentidos – cores, luzes, sons – são conduzidas ao cérebro e só depois que são decifradas expressam algum tipo de significado ou qualidade. Assim, para poder ver uma luz, ouvir um som, sentir a temperatura de um objeto, o cheiro e o gosto de uma substância é preciso que o estímulo não apenas alcance os sentidos, mas principalmente o cérebro. No momento que se lê um texto, por exemplo, os sentidos estão recebendo informações, dados do ambiente ao redor: os ruídos de um carro passando na rua, do relógio mais próximo, a cor da pele da mão, a temperatura e o cheiro do ar, enfim, tudo está sendo captado pelos sentidos, mas nem tudo está sendo considerado pelo cérebro, isto é, percebido (TIEDEMANN & SIMÕES in RAPPAPORT, 1985). Assim, pode-se afirmar que se sensação é tudo que se capta pelos sentidos, a percepção é a chegada dessas informações ao cérebro.

Embora o exemplo mencionado forneça uma idéia do que venha a ser percepção, esta ainda não é sua definição. Ao contrário da sensação, que tem noções contraditórias, a percepção se define de forma bem direta e simples. A percepção é uma função cerebral que consiste na aquisição, interpretação, seleção e organização das informações obtidas pelos sentidos. É através dela que o indivíduo organiza e interpreta as suas impressões sensoriais para atribuir significado ao meio. Em linhas gerais “percepção é um processo de decodificação de estímulos recebidos” (TIEDEMANN & SIMÕES in RAPPAPORT, 1985: 7).

Merleau-Ponty (1999) completa esta definição quando ressalta que mesmo estando intrinsecamente relacionadas percepção se distingue da sensação por ser seletiva, isto é “a sensação desperta uma informação e a percepção a compreende”⁶. Aliás, o caráter seletivo é o principal aspecto a ser considerado na percepção, pois é por meio da atenção, que não é mais do que um processo de observação seletiva, que estão baseadas parte das observações efetuadas pelo indivíduo. O caso do leitor mencionado anteriormente ilustra bem este fato. Existiam inúmeros estímulos, no entanto como a atenção deveria estar primordialmente voltada ao texto, alguns deles passaram despercebidos. (TIEDEMANN & SIMÕES in RAPPAPORT, 1985).

Pode-se dizer, assim, que a atenção é parcialmente determinada pelo que o indivíduo deseja e pela importância que se dá. Este processo faz com que se percebam alguns elementos em detrimento de outros. Contudo, esta percepção pode ser alterada à medida que se adquire novas informações. Assim por meio da aquisição de informações, da mesma forma que um objeto pode dar margem a múltiplas percepções,

⁶ MERLEAU-PONTY, 1999: 32

também pode ocorrer de um objeto não provocar percepção alguma, ou seja, se o objeto percebido não tem embasamento na compreensão de vida de uma determinada pessoa, esta pode, literalmente, não percebê-lo (TIEDEMANN in RAPPAPORT, 1985).

É neste sentido que a percepção se torna o mecanismo mais importante que relaciona os homens com o seu meio ambiente. As pessoas experimentam o meio ambiente da mesma forma que experimentam qualquer outro objeto, isto é, através dos sentidos, onde qualquer dado que vem até elas é por meio da percepção. No caso do estudo da “imagem do lugar” este se torna um aspecto de fundamental, pois se subentende que os elementos percebidos no espaço têm um certo grau de importância ou qualidade valorizada em detrimento dos não percebidos, que não despertam nenhum significado:

Antes de que os indícios possam entender-se e obedecer-se, devem ser notados; antes que o significado social se afirme; devem ser percebidos; antes de que as mensagens, edifícios ou sinais possam avaliar-se, devem diferenciar-se do que é ruído (DEL RIO, 1996)

A maioria dos campos de conhecimento que se dedicam ao estudo da percepção⁷ reforçam o argumento de que existe uma relação entre o que se sente e o que se conhece. No caso do espaço a percepção se destaca como a experiência sensitiva mais direta e imediata derivada do conhecimento do meio ambiente, só que neste caso ela também é afetada pela memória e pela cognição. É por este motivo que, para este trabalho, considera-se que a percepção é um processo mental de interação do indivíduo com o meio ambiente através de mecanismos perceptivos e principalmente cognitivos (DEL RIO, 1996). Os primeiros são dirigidos pelos estímulos externos captados através dos sentidos, ou seja, as sensações, onde a visão é o que mais se destaca (GIBSON, apud DEL RIO, 1996). Entretanto, devido a seu grande desenvolvimento e sua associação às necessidades básicas, esta investigação também considerará a percepção auditiva e a olfativa por seu papel no resgate da memória e da afetividade (TIEDEMANN in RAPPAPORT, 1985). Em alguns momentos se percebe que estes dois tipos de percepção estão bastante presentes nos resultados, principalmente em relação ao procedimento de associação livre. Para parte dos entrevistados o bairro em estudo pode ser associado à sonoridade: aos gritos da feira livre e do comércio informal

⁷ Neurociência, psicologia, ciência cognitiva e filosofia.

ou ao som do trem. Da mesma forma, também são citados cheiros característicos como de frutas, ervas, esgoto e chuva como elementos que quando sentidos remetem a realidade do bairro e que, para alguns, trazem “a sensação de que se está na Levada”⁸.

Já os mecanismos cognitivos são aqueles que compreendem a contribuição da inteligência, uma vez admitindo que a mente não funciona apenas a partir dos sentidos e nem percebe essas sensações de forma passiva (FISKE & TAYLOR apud DEL RIO, 1996). Esses mecanismos incluem motivações, humores, necessidades, conhecimento prévio, valores, julgamentos, expectativas. Assim, embora a percepção do espaço físico se apóie em uma aproximação entre sujeito e objeto, entende-se que é necessário explorar não só a percepção, mas também a aproximação possibilitada pela cognição.

1.2.3. A COGNIÇÃO

Pode-se afirmar que todo ser humano desenvolve uma aproximação com a realidade, que nada mais é que uma forma de adquirir conhecimento. Até aqui se elucidou que as sensações são as responsáveis por um primeiro contato. Elas são a matéria prima da percepção, isto é, fornece dados que após serem selecionados vão originar as primeiras informações acerca da realidade.

No entanto, segundo Gibson (apud DEL RIO, 1996), ainda que as pessoas tenham um primeiro contato com o mundo de uma maneira mais ou menos igual, elas o estruturam de uma forma diferente. As pessoas constroem sistemas para manejar o mundo, ou seja, formulam hipóteses; e predizem assim o seu cotidiano.

Para Piaget (1978) estas hipóteses são resultados do conhecimento que é acumulado ao longo da existência dos indivíduos. O conhecimento, ent se torna “decorrente das contínuas interações entre sujeito e objeto-meio” e embora possa ser derivado de diferentes naturezas, existem características fundamentais do processo de aprendizado que permanecem constantes⁹. O ponto de partida, como já foi mencionado são certos sinais do mundo exterior, estímulos que se manifestam através das sensações. Essas manifestações da realidade não são suficientes para explicá-la, pois contém informações com diversos graus de aproximação que podem revelar tanto a essência das

⁸ Expressão utilizada por um freqüentador ao explicar o motivo pelo qual mencionou o cheiro de chuva no procedimento de associação livre durante a entrevista.

⁹ PIAGET, 1978: 23

coisas como informações inúteis. Por isso, após a manifestação dos fenômenos, são realizadas reflexões a partir das quais os dados empíricos são submetidos a teorias. Finalmente, como a superação das evidências da realidade não se satisfaz com a mera colocação de conceitos, é exigido um reencontro com o objeto abordado onde este se apresenta revelado conforme suas propriedades percebidas (KOHLSDORF, 1996). No decorrer deste processo, sujeito e realidade permanecem em constante relação, onde hora o sujeito se adapta ao meio, isto é o assimila através das sensações e das percepções, e hora o meio se adapta ao indivíduo, isto é se acomoda. Um exemplo deste processo ocorre quando se passeia durante alguns meses por uma cidade desconhecida. Durante os primeiros dias, desacompanhado de um guia, “anda-se pela cidade como quem se perde em uma floresta, atento a cada passo, a objetos e sons singulares”¹⁰ que vão compondo o lugar. Ou seja, ao mesmo tempo se busca uma referência que servirá em futuros passeios o sujeito assimila o meio. Pouco tempo depois, toma-se um guia turístico buscando ruas e prédios que ainda são desconhecidos, e vendo outros já constituintes da imagem que se tem da cidade e que por isso já não se chama atenção, ilustrando assim uma acomodação. É este processo de adaptações das ações que se denomina cognição, que de forma bem genérica significa entender ou conhecer algo (PIAGET, 1978).

A capacidade cognitiva se desenvolve através do próprio processo de conhecimento, na medida em que a sucessão de assimilações e acomodações acontecem ao longo da vida do indivíduo. Na verdade, as assimilações e acomodações estão em busca de uma ordem, na qual as informações se tornam coerentes para o entendimento ou o conhecimento de algo. É por meio desta ordem que ocorre o processo de abstração que consiste na criação de conceitos e esquemas. Estes esquemas variam de cultura para cultura e são ao mesmo tempo resultado das experiências, ajustes das expectativas e preferências e meios através dos quais as pessoas organizam seu comportamento (PIAGET, 1978; HALL, 2005).

É através do processo de abstração que as manifestações do mundo exterior se transformam em representações, que podem ser imagens mentais ou conceitos. A capacidade de representar se forma durante o desenvolvimento da inteligência que ocorre em etapas. A primeira corresponde ao estágio sensório-motor, onde pelo pensamento ainda ser uma ação, a percepção aparece intrinsecamente relacionada; a segunda é o estágio pré-operacional onde se desenvolve a capacidade de simbolizar; a

¹⁰ BENJAMIN, 1987:73

terceira é o estágio operatório - concreto, no qual a evolução do pensamento é reversível, existindo a capacidade de lidar com objetos concretos por meio de operações mentais, e a última, que corresponde ao estágio operacional - formal através da qual o pensamento trabalha com idéias, sendo capaz de realizar operações lógicas. Assim, pode-se dizer que de forma geral o processo de aprendizado possui dois níveis: o nível sensorial-empírico que contém as informações e o nível teórico abstrato que são responsáveis pelos movimentos reflexivos da inteligência. (PIAGET, 1978)

Embora estas etapas estejam baseadas em um estudo em torno do desenvolvimento intelectual infantil, Piaget (1978) salienta que elas se manifestam independente do estágio de desenvolvimento da inteligência do indivíduo. Desta forma, como as imagens estão relacionadas à percepção, entende-se que elas possam ser originadas ainda no início do processo cognitivo. No entanto, as informações que nelas se manifestam variam, pois enquanto os lugares podem ser percebidos no primeiro estágio, não conseguem ser representados mentalmente quando o indivíduo não se encontra neles. Assim, nota-se a importância do entendimento do processo cognitivo, pois se entende que à medida que ele ocorre, também se estabelece níveis de interação entre o meio e o indivíduo. Assim, só depois que se conhece bem o meio, ou seja, no momento em que já houve um certo grau de adaptações das ações do indivíduo sobre a realidade, caracterizada por uma acomodação, é que a representação começa a ser possível (KOHLSDORF, 1996).

As representações correspondem a teorias que ao serem construídas refletem o mundo exterior. Elas podem apresentar tanto um conhecimento individual como coletivo. As representações individuais consistem em formas de conhecimento prático que são orientadas para a compreensão do mundo e para comunicação. Sua formação consiste na criação de um modelo abstrato do meio ambiente e de tudo o que nele ocorre, modelo no qual se encontram diversas informações tanto de desejos individuais como coletivos, isto é, um modelo de mundo (JODELET apud DEL RIO, 2002). Já as representações coletivas emergem como elaborações de sujeitos sociais a respeito de objetos socialmente valorizados, como é o caso das representações sociais. Conforme Moscovici (2003) as representações sociais é um processo de construção de conhecimento que funciona através de estruturas sociais e cognitivas locais e populares, o senso comum, sendo, portanto destinado à comunicação e à compreensão do contexto social e material de certo grupo.

Segundo Moscovici (2003) as representações são importantes, pois é a partir delas, e não necessariamente das realidades que se movem os indivíduos e suas coletividades. Assim ao se considerar que a “imagem do lugar” é derivada de um processo de aprendizado do meio, considera-se que as representações sociais constituem um ponto importante para esta investigação, visto que o conhecimento é socialmente estruturado e transmitido. De fato, representações sociais auxiliam no entendimento de como ocorre a transformação do estranho – potencialmente ameaçador – em algo familiar por meio de dois processos: a ancoragem e a objetivação.

A ancoragem refere-se à inserção do que é estranho no pensamento. Ou seja, ancora-se o desconhecido em representações já existentes. Na verdade é um processo de domesticação da novidade sobre a pressão dos valores de grupo, que a transforma em um saber capaz de influenciar. Em suma, a ancoragem é feita na realidade social vivida. Já a aceitação de uma representação remete, por sua vez, ao segundo processo de objetivação. A objetivação é essencialmente uma operação formadora de imagens, processo através do qual noções abstratas são transformadas em algo concreto, quase tangível. Esse processo implica três etapas: na etapa de seleção, que é realizada tomando como referência os valores do grupo, as informações sobre o objeto são desvinculadas de seu campo específico, do campo científico, por exemplo, para serem apropriadas pelo público, que assim pode dominá-las para seu uso cotidiano; em segundo lugar a estrutura conceitual é reproduzida sob forma de imagem a qual também pode ser chamada de figurativa, por acreditar que as representações sociais não constituem um reflexo ou reprodução de uma realidade dada, mas, uma construção do sujeito; e finalmente, a transformação da imagem em elementos da realidade, também descrita como cristalização. A objetivação, portanto, consiste em uma atividade imaginativa que dá forma ou figura ao conhecimento de um objeto. “Objetivar é tornar concreto ou materializar o conhecimento em palavras, é transformar o conceito em figura” (MOSCOVICI, 2003: 35).

Desta forma, em meio às diversas definições, entende-se que as representações são fundamentais para a construção da “imagem do lugar” e que a mesma a partir do momento que passa por todos os seus processos formadores – sensação, percepção e cognição – ganha força devido a sua assimilação. Neste sentido, considera-se também a experiência, pois segundo Piaget (1978) é um ponto fundamental para qualquer processo de aprendizado por garantir uma continuidade de uma ação que não se limita apenas à assimilação por meio do pensamento, mas, sobretudo pela ação do indivíduo

sobre estes objetos. Assim é por acreditar que a experiência quando relacionada ao processo de aprendizado permite uma maior interação entre objeto e sujeito que, em relação ao espaço, para esta investigação se considera a cognição um processo de conhecimento que se relaciona também com a possibilidade de classificação, ordenação e nomeação (KOHLSDORF, 1996).

1.3. IMAGEM, OBJETO E REPRESENTAÇÃO.

Diante das diversas considerações se percebe que mesmo que a imagem tenha vários significados associados a seu termo, por meio de sua relação entre o objeto e o sujeito se produz um sentido que a torna compreensível, onde ela não é o objeto em si, mas a sua representação. Entende-se que neste sentido a sua função é evocar, querer dizer outra coisa que não ela própria utilizando o processo de semelhança. Afirma-se então que quando a “imagem do lugar” é caracterizada como aquela impressão que se adquire quando se lê ou se ouve a descrição de um lugar e o se vê quase como se estivesse lá¹¹, na verdade se está evocando as semelhanças, os objetos e as propriedades que se assemelham ao lugar, ou seja, as suas representações.

Ao se considerar a imagem uma representação não se está atribuindo ainda ao termo uma definição detalhada que recubra todos os sentidos da palavra, mas se referindo a um ponto comum entre as suas diferentes significações: a analogia. Independente da sua forma de manifestação, uma imagem antes de mais nada é algo que se assemelha a outra coisa. Mesmo quando não se trata da imagem concreta, mas mental, foco desta investigação, é unicamente o critério da semelhança que a define: ora se parece com a visão natural das coisas, o sonho, a fantasia; ora se constrói por meio de idéias como a metáfora, por exemplo (JOLY, 2004).

De fato, é por meio da analogia, isto é a posse de alguns traços que a torna semelhante a algo, que a imagem se torna não o objeto em si, mas a sua representação. Neste sentido, conforme Joly (2004), torna-se necessário discutir três constatações que estão relacionadas à inserção da imagem na categoria das representações. Estas constatações serão enfatizadas, sobretudo por estarem associadas ao papel das

¹¹ JOLY, 2004:7

representações no entendimento de uma realidade e portanto, basilares nas reflexões deste trabalho.

A primeira constatação pode ser explicada por meio do pensamento filosófico e em especial por Platão. Segundo o mesmo a imagem só pode ser chamada de representação quando ela “se torna um objeto segundo em relação àquele que ela representaria”¹². De acordo com Joly (1999) o que Platão está afirmando é que quando a imagem é uma representação, ela está na verdade fazendo alusão a dois mundos: um mundo abstrato e o mundo concreto. Neste caso o abstrato corresponde à idéia ou pensamento, enquanto o concreto é o que surge de sua interpretação. Este concreto seria o que Platão chama de objeto segundo, pois não é o que existe no mundo das idéias e sim, a sua representação. Neste sentido, pode-se dizer que em meio à representação existem dois mundos que mesmo diferentes se relacionam entre si, pois conforme o mesmo “tudo o que existe no mundo real é fruto do mundo das idéias”¹³. Nesta perspectiva, constata-se que o uso da idéia de semelhança traz em si as características que são intrínsecas à imagem, onde segundo a filosofia é a associação destas características que são os pontos fundamentais necessários para que ela seja percebida como uma representação (SAOUTER, 2007).

A segunda constatação seria derivada desta primeira, pois se uma imagem é percebida como representação de algo ou de alguma coisa, isso quer dizer que a imagem é percebida como signo, ou seja, a semelhança é o seu princípio de funcionamento (JOLY, 2004). De fato, o conceito de representação há muito tempo se constitui como algo que pode ser entendido em diversos sentidos, inclusive como sinônimo de signo. Neste sentido, seria lícito, neste momento, resgatar tal idéia e suas considerações, principalmente devido a sua relação com a terceira constatação relatada posteriormente. Assim, é em meio ao exposto que esta investigação explora a semiótica tratada por Peirce por ser uma teoria geral dos signos.

1.3.1. A REPRESENTAÇÃO DA IMAGEM: A SEMIÓTICA

A semiótica é uma disciplina recente nas ciências humanas que surgiu no início do século XX. É uma ciência dos signos que estuda os diferentes tipos interpretados

¹² Apud Joly (2004)

¹³ Apud Aumont (1997)

pela humanidade, estabelecendo uma tipologia, encontrando leis de funcionamento nas mais diversas categorias. Entre seus grandes precursores se destaca o cientista americano Charles Peirce, o qual por desenvolver uma teoria mais geral que por considerar o modo de produção de sentido, ou seja, a maneira como provoca interpretações, se destaca para este estudo que aborda a imagem no ângulo da significação.

Para Peirce (1972) um signo só é signo se exprimir idéias e provocar na mente de quem o percebe uma atitude interpretativa. Desse ponto de vista é possível dizer que tudo é signo, pois no momento que se socializa, aprende-se a interpretar o mundo seja ele natural ou social. Porém o propósito da semiótica não é decifrar o mundo nem de recensear as diversas significações que se dá aos objetos. Na verdade o papel da semiótica consiste em tentar ver se existem categorias de signos diferentes e se os mesmos tem especificidades e leis próprias de organização, ou seja, processos de significação particulares.

De acordo com Peirce (1972) o signo é aquilo que sob determinado aspecto, representa alguma coisa para alguém, criando em sua mente um signo equivalente. O signo é possuidor de uma materialidade que se percebe com um ou vários sentidos e que pode constituir um ato de comunicação quando destinado intencionalmente, como uma saudação ou uma carta, ou fornecer informações quando se aprende a decifrá-lo, como uma postura ou um gesto, por exemplo.

(O signo) É possível vê-lo (um objeto, uma cor, um gesto) ouvi-lo (linguagem articulada, grito, música, ruído) senti-lo (vários odores: perfume, fumaça), tocá-lo ou ainda saboreá-lo. Essa coisa que se percebe está no lugar de outra; esta é a particularidade essencial do signo: estar, presente, para designar ou significar outra coisa, ausente, concreta ou abstrata (PEIRCE, 1972).

De forma geral, pode-se dizer que um signo é algo que está no lugar de alguma coisa para alguém, em alguma relação ou alguma qualidade. Considera-se, assim, que o signo mantém uma relação entre três aspectos (figura 05): o primeiro seria o que se percebe, o que se chama de “face perceptível do signo”: representamen ou significante; o segundo seria o objeto que é o que ele representa, neste caso o “referente” e o terceiro que é o que significa, o “interpretante” que equivale ao significado. Neste sentido, entende-se que quando se ouve o som que remete ao “apito do trem”, este som constitui

a face significante, isto é a face percebida da palavra que substitui o conceito ou a que remete, neste caso ao trem. No entanto, podem existir variações de interpretação. Em se tratando do bairro da Levada, por exemplo, o mesmo significante “o apito do trem” tem significação bem diferente. Enquanto para os moradores mais antigos o apito do trem remete aos passeios pelo bairro, para os feirantes que comercializam no trilho do trem tem uma significação bem diferente, pois indica que é o momento em que todas as mercadorias devem ser removidas e que as pessoas devem se afastar o mais rápido possível.

Segundo Peirce (1972) esta variação de interpretação se refere a todos os signos. Por exemplo, uma porção de água rodeada de terra por todos os lados é reconhecida como uma lagoa, mas para alguns moradores do bairro ela se torna um signo porque é uma fonte de renda e de alimento, é um dos potenciais turísticos ou até porque tem relação com a história do bairro. No entanto, já para o resto da cidade ela é sinônimo de poluição, expressando, assim, uma atmosfera de descaso e o abandono encontrada tanto na Levada como em grande parte de seus bairros adjacentes, principalmente os que são banhados por ela. Esta variação segundo Joly (2004) é ainda mais eloqüente quando diz respeito à imagem e se torna

algo que deve ser considerado, pois pode auxiliar a compreender melhor sua natureza de signo. A fotografia que representa o dia - a - dia da Levada (figura 06), por exemplo, que foi utilizada nas visitas de campo, (significante) que apresenta um grupo de pessoas do bairro da Levada em seu cotidiano (referente) pode significar de acordo com o contexto “foto de família” ou no caso do bairro “convívio”, “amizade” (significados).

Embora os signos possam ser múltiplos e

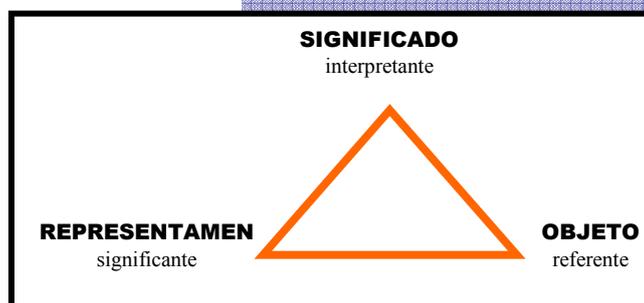


Figura 05: triangulação que representa a dinâmica do signo para a semiótico: a significação depende do contexto e do receptor

Fonte: JOLY (1999)



Figura 06: O dia-a-dia no bairro da Levada

Fonte: Arquivo pessoal

variados, todos teriam uma estrutura comum que implica esta dinâmica que vincula o significante ao referente e ao significado. No entanto, mesmo com essa estrutura em comum, os signos não são idênticos, pois o som do trem não é a mesma coisa que uma fotografia, porém por ambos significarem algo além deles mesmos se constituem então em signos.

Para distinguir um signo do outro e tentar compreender as suas especificidades, Peirce (1972) propôs uma classificação bem complexa. Trata-se da classificação em que os signos são distinguidos em função do tipo de relação com o significado (face perceptível) e o referente (o representado/ objeto). Embora neste trabalho não se tenha a pretensão de estudar a semiótica em profundidade, esta classificação será explorada, pois ela é útil para entender o funcionamento da imagem como conjunto de signos que auxiliam em sua construção. Nesta perspectiva é proposta a distinção de três tipos principais de signo: o ícone, o índice e o símbolo. O ícone corresponde a uma classe dos signos cujo o significante mantém uma relação de analogia com o que representa, isto é o seu referente. Um desenho figurativo, uma fotografia que represente um trem são ícones na medida em que se pareçam com o trem. Porém, esta semelhança pode acontecer de outra forma que não visual, onde o “apito do trem” também pode ser, em teoria, considerado ícone, da mesma forma que um signo imitativo: um trem de brinquedo por exemplo. O índice por sua vez corresponde à classe dos signos que mantêm uma relação casual de proximidade física com aquilo com o que representam como a palidez para o cansaço¹⁴, a fumaça para o fogo, a nuvem para a chuva; ou ainda através como marcas deixadas pelo pneu de um carro, pegadas na areia ou até o trilho do trem. Já o símbolo corresponde à classe dos signos que mantêm uma relação de convenção com o seu referente. Existem símbolos clássicos como a bandeira para um país e como a pomba para a paz. Da mesma forma a linguagem também faz parte dessa categoria por ser considerada neste contexto um sistema de signos convencionais (JOLY, 2004).

De fato, esta classificação é muito útil para a compreensão da imagem e de seus diferentes tipos, pois, de certa forma, auxilia no entendimento de seu funcionamento. Contudo, ela apresenta nuances, pois não existe signo puro, mas apenas características dominantes. Joly (2004) explica este fato quando afirma que um ícone tão evidente quanto um desenho realista tem sua parcela de convenção representativa e, portanto de símbolo, no sentido peirciano do termo. Neste sentido, não se trata das significações

¹⁴ Palidez para o cansaço, fumaça para o fogo, a nuvem para a chuva são exemplos de signos que podem ser chamados “naturais”

convencionais que podem ser atribuídas a um desenho, mesmo da forma mais realista, como a paz para o desenho de uma pomba, mas da própria maneira de desenhar que respeita regras de representação convencionais como as da perspectiva, por exemplo.

No que diz respeito à imagem, pode-se dizer que ela mantém uma relação de analogia qualitativa entre o significante e o referente, ou seja, ela também é um signo. Através da imagem podem ser retomadas as qualidades formais de seu referente: formas, cores, proporções que permitem reconhecê-los e representá-los. Nesta ótica, a imagem ainda continua sendo uma representação, fato que ressalta uma terceira constatação: ela necessariamente não utiliza regras de construção, pois ela é uma interpretação. Se essas representações são compreendidas por qualquer pessoa além das que a fabricam, é porque existe entre elas um mínimo de convenção sócio cultural, que no ponto de vista de Peirce corresponde a uma boa parcela de significação a seu aspecto de símbolo.

Em se tratando do bairro da Levada, pode-se dizer que é bastante perceptível a relação entre o significante e o referente em sua imagem construída, principalmente quando esta diz respeito aos habitantes da cidade. A grande parte destes entrevistados associa um único elemento – o Mercado da Produção – e sua configuração como algo que corresponde ao bairro em sua totalidade. Para os mesmos as qualidades associadas ao mercado são também consideradas como pertencentes ao bairro, aspecto que além de consolidá-lo como símbolo, torna evidente a influência da imagem na construção de uma realidade. Desta forma, torna-se de fundamental explorar a relação entre imagem e realidade na época contemporânea, pois constitui uma base subsidiária forte que evidencia a relevância do estudo da imagem e o seu papel no entendimento do lugar.

1.3.2. IMAGEM E REALIDADE CONTEMPORÂNEA

Na busca de uma definição sobre a imagem, foi mencionado que nas últimas cinco décadas o termo passou a ter sua noção vinculada à idéia de mídia (JOLY, 2004). Esse é um tipo de imagem que devido a seu caráter repetitivo, ancora-se de maneira muito fácil ao cotidiano, principalmente por ser sinônimo de televisão e publicidade. Como se dirige ao grande público, esta imagem se torna uma ferramenta de promoção que pode constituir um ponto chave em algumas decisões dos indivíduos (DOMINGUES, 2005). De fato, a mídia utiliza tão bem a imagem, que proporciona a outros meios de expressão visual coexistentes nela a extensão das mesmas atribuições

do campo publicitário, principalmente a facilidade de impulsionar a questão do consumo. É devido a esta grande influência que se faz necessário entender o seu papel da imagem e de sua construção na contemporaneidade (JOLY, 1999).

Entre os trabalhos que relatam e analisam a influência da imagem na realidade contemporânea, destacam-se principalmente os estudos de Baudrillard (1981). Para esta investigação, a análise da imagem contemporânea sob a ótica do mesmo foi essencial, pois auxiliou bastante na compreensão da imagem do bairro da Levada construída, sobretudo pelos habitantes da cidade de Maceió.

Segundo Baudrillard (1981) hoje a humanidade se encontra em um momento em que cada vez mais a imagem ou o que ela representa se confunde com o real. Sob este parâmetro ela se torna quase que fundamental, tanto para o entendimento da realidade como para a determinação da mesma. Assim é certo que não haveria, portanto, fundamento para o mundo real, pois o simulacro o precederia, substituindo-o, até que ele se tornasse um vestígio.

Na verdade, conforme o autor anteriormente aludido, este seria o resultado de um processo que tem ocorrido ao longo da história. Durante a evolução humana, percebe-se que o homem sempre usou os objetos como discurso de reafirmação identitária, como uma maneira de dar visibilidade, materialidade e sustentação simbólica ao seu papel social. Há pouco tempo atrás o corte da roupa, o modelo do carro ou o estilo da fachada de uma casa significavam ou se referiam à posição social¹⁵ de um indivíduo, mas agora a modernidade inverte essa relação. Na época atual, esses signos não têm uma função referencial tão forte porque o indivíduo não possui os objetos devido a sua classe social, status, prestígio, mas ao contrário, possuir tais objetos garantem a sua inserção em certo grupo ou realidade. Um exemplo desta afirmação pode ser verificado quando os respondentes foram questionados acerca dos melhores bairros de Maceió. Muitos citaram nomes de condomínios fechados como bairros ideais, embora os motivos não correspondessem a elementos considerados importantes na prática do bairro como um bom convívio entre vizinhos¹⁶, por exemplo. Em sua maioria os motivos citados estavam mais associados a fatores como prestígio e “status” desejados por tais residentes que viam nestes lugares a possibilidade de concretização deste objetivo. Neste sentido, percebe-se que os objetos não são reafirmadores de uma identidade, ou seja, residir em um condomínio fechado não seria consequência de certo

¹⁵ MUMFORD, 1998

¹⁶ Constatado através da pesquisa de campo como um dos motivos fundamentais presentes em um bairro ideal

padrão social e financeiro, mas transformar-se-iam na própria identidade. Neste contexto qualquer indivíduo que compartilhe desta realidade poderia ou seria considerado sob os valores da mesma. (BAUDRILLARD, 1981).

Diante deste exemplo, pode ser dizer que se destaca uma nova relação, como um diálogo, só que estabelecida entre o olhar e os objetos, onde os sinais e indícios reafirmam o discurso. Através deste discurso se forma um repertório de imagens e categorias pré-fixadas, onde os valores permanecem imutáveis, não existindo a renovação do diálogo, pois a única possibilidade de mudança só pode ocorrer nas formas dos objetos. Assim, entende-se que mesmo que o olhar e os valores sejam os mesmos, eles mudam a cada dia através da forma em que os objetos são manipulados, seja por meio da saturação de imagens ou pelo excesso de informações e conteúdos com os quais os indivíduos se deparam na vida cotidiana (CONNOR, 1993).

Para Baudrillard (1981), tal ampliação do acesso a representações tem como resultado um tipo de mudança, em termos de percepção, que se dá não apenas em termos quantitativos. Na verdade a mudança é muito mais de forma qualitativa, pois tal excesso resulta em uma experiência sem precedentes, impossível de ser explicada pela referência. No caso dos entrevistados que citaram o condomínio fechado como um bairro ideal, por exemplo, mais da metade nunca havia freqüentado nenhum deles, principalmente porque esta era, segundo os mesmos, uma realidade totalmente diferente de seus bairros de convivência, os quais serviam de referência para suas respostas.

Além disso, as mudanças qualitativas ocorrem com maior freqüência porque estão relacionadas com a descrição de um tipo específico de relação entre imagem e realidade. Esta relação aparece fortemente associada aos acontecimentos do momento histórico identificado como “pós-modernidade”, mais precisamente por meio do conceito de implosão de McLuhan (1974)¹⁷, que fundamenta que a distinção entre mundo real e simulação (ou imagem) foi implodido. Neste sentido, novos conceitos se tornam imprescindíveis assim como a superação das descrições convencionais sobre “imagem” e “reprodução”, e as suas implicações sobre “real” e “irreal”¹⁸, herdadas através delas. Assim, não existe diferença entre o que seria uma experiência “de fato”, e a sua representação, fato evidente no exemplo de bairro ideal onde a grande maioria que optou pelo condomínio fechado embora nunca o tenha freqüentado o considera um

¹⁷ Segundo McLuhan (1974) o processo denominado pelo mesmo de implosão é uma “reversão pela qual o homem ocidental reingressa em seu ciclo tribal (MCLUHAN, 1974:53). Na era elétrica, as energias do mundo, implosivas ou em contração, entram em choque com as velas estruturas de organização expansionistas e tradicionais, que funcionavam na lógica do centro para a periferia.

¹⁸ Irreal no sentido de pensamento e idéia

modelo a ser seguido por outros bairros que almejam alguma valorização (BAUDRILLARD, 1981).

Entre os resultados detalhados nesta investigação, a relação entre a imagem do condomínio fechado e a idéia de bairro ideal se torna apenas um pequeno exemplo da influência da imagem. Percebe-se que esta influência ocorre principalmente na percepção das “coisas” que podem ser empiricamente experimentadas, pois estas passam a ser reconsideradas pela idéia de “hiper-real”: algo que não se encontra fundado na experiência em si, mas na conjunção de imagem, realidade e ideologia. Este seria um outro ponto a ser considerado no entendimento da imagem da Levada construída pela cidade. Em meio aos relatos, fica evidente que mesmo possuindo um pequeno conhecimento acerca do bairro fundamentado em breves passagens ou visitas, nota-se que a experiência do lugar, por mais positiva que seja relatada, é influenciada por elementos negativos, relacionados à imagem de lugares degradados de uma forma geral.

No entanto, também existe a possibilidade de que nem a ideologia ou a realidade sirvam de parâmetro para a explicação da imagem, pois nela pode não haver nem fundamento e nem referência. Conforme Baudrillard (1981), a representação tem passado ao longo da história por estágios. Se no início o signo se constitui como o reflexo de uma realidade básica; em um segundo momento, ele poderia ser manipulado de forma a modificar uma realidade, transformando-a em algo diferente até chegar ao ponto que onde não teria relação com nenhuma realidade, pois ele seria o próprio “simulacro puro”. Na época atual em que já não se exige que os signos tenham algum contato verificável com o mundo que supostamente representam, estaria sendo presenciado o último estágio. Desta forma, a passagem dos signos que dissimulam alguma coisa aos signos que dissimulam que não há nada, marcaria o resultado decisivo, não existindo separação entre o falso e o verdadeiro. Esta seria uma das formas pela qual a imagem, em meio ao consumo ao caráter repetitivo, pode ser associada à realidade que ela pode representar e influenciar em relação à contemporaneidade (BAUDRILLARD, 1981).

Percebe-se, então, que a compreensão da imagem hoje implica na idéia de um colapso de distinções entre a coisa representada e a representação em si mesma. Em outras palavras, entre a imagem do objeto e o próprio objeto, que se caracteriza, na discussão tradicional, a primeira seria algo com o qual efetivamente se poderia manter sempre proximidade e contato. Enquanto a representação tentaria absorver a simulação

interpretando-a como falsa representação, a simulação envolveria todo o edifício como simulacro. Nas fases sucessivas da imagem ela poderia primeiramente corresponder a um reflexo da realidade profunda quando a imagem apresenta uma boa aparência; a representação seria uma forma de domínio, pois poderia mascarar ou deformar uma realidade. Ao mesmo tempo poderia também mascarar a ausência de uma realidade fingindo ser aparência, uma forma de domínio ou não ter relação com qualquer realidade, pois seria o próprio simulacro puro, sendo não todo o domínio da aparência, mas da simulação (BAUDRILLARD, 1981). Neste contexto, quando o real já não é o que era, pois é a imagem que o direciona, percebe-se que é a nostalgia que se torna um dos principais elementos de construção da imagem, como aconteceu com alguns dos entrevistados mais idosos. Para estes respondentes, a realidade do bairro corresponde a uma atmosfera festiva, com pessoas na calçada e crianças brincando na rua, fatos que cada vez se tornam menos evidentes tanto na Levada como em grande parte dos bairros de Maceió.

Sob esta perspectiva, pode-se dizer que a compreensão da imagem e de seu papel na contemporaneidade para esta investigação é fundamental. Neste ponto se destaca a análise e o detalhamento da relação entre a imagem e a contemporaneidade, principalmente de como sua construção quando manipulada pode influenciar no ponto de vista dos indivíduos. Em relação ao espaço, na ótica de Baudrillard (1981), a imagem que se constrói de um lugar pode ser menos importante que a experiência concreta vivida nele, aspecto exemplificado através nos resultados das entrevistas de campo, sobretudo através da imagem que a cidade possui acerca do bairro da Levada. Neste momento, percebe-se que quando direcionado a certos elementos de um lugar fundamentais na construção de sua imagem, a mudança de um espaço pode provocar a sua revalorização ou desvalorização. Entende-se, assim, que a compreensão e na análise imagem pode ser relevante para o aprendizado e conhecimento do espaço, sobretudo quando se tem o objetivo de proporcionar melhorias em certos lugares que sejam agradáveis na ótica de seus usuários, como será explorado nos próximos itens.

1.4. A IMAGEM NO ENFOQUE DA CIDADE

Entende-se que o aprendizado e o conhecimento ocorrem por meio de um processo de desenvolvimento que está associado a uma sucessão de etapas, ou seja, um

movimento constante de aproximação entre o indivíduo e o fenômeno observado. O objetivo dessa aproximação é o entendimento de alguma coisa que, através da representação de suas características reais, corresponde a algo semelhante àquilo que se observa. Nesse sentido, aprendizado e conhecimento são representações da realidade objetiva, podendo ser expresso através de imagens (KOHLSDORF, 1996).

Entre os diversos trabalhos que enfocam o estudo das relações entre pessoa e seu ambiente, percebe-se que a forma de aprendizagem do homem é multi-sensorial. Portanto, o aprendizado dos lugares pode ser tanto uma possibilidade simultânea dos processos sociais como dos mecanismos mentais. Na verdade, sua finalidade é explicar ao indivíduo a natureza dos lugares como algo que faz parte do mundo ao qual ele pertence, pois só assim existirão condições para se agir sobre ele. Geralmente esta aprendizagem acontece através do processo cognitivo, cuja construção pode ser acessada por meio de imagens mentais. É por isso que, quando explorado através da imagem e de sua construção, o aprendizado dos lugares revela uma série de características, internas e essenciais, apresentada sobre aparências que conduzem o observador a suas ações (ELALI, 2007; KOHLSDORF, 1996).

Conforme Elali (2007) a imagem de uma área urbana tem sido analisada, em sua maioria, a partir de sua legibilidade, explorado posteriormente neste trabalho enquanto conceito relacionado à qualidade visual. Assim, a apreensão dos lugares ocorre necessariamente a partir de sua forma física¹⁹, que pode ser estudada através de sua natureza estética, emocional ou informativa. São as aspirações de beleza, a afetividade e a informação que se colocam para a forma dos lugares e que convergem para as questões de aprendizados dos mesmos. A forma como ocorre o aprendizado dos lugares corresponde às expectativas sociais coletivas ou individuais que são colocadas ao longo do processo de conhecimento. É por este motivo que o estudo da configuração dos lugares deve se aproximar sempre de sua dimensão simbólica, pois suas regras de produção, reprodução, decodificação e consumo do espaço também são culturalmente definidos (KOHLSDORF, 1996).

A dimensão simbólica é, entre os vários aspectos que determinam os lugares, o que se infiltra e governa os demais. Este aspecto simbólico diz respeito as possíveis conexões conceituais existentes entre espaço concreto e as idéias, conceitos, valores ou significados – invisíveis – que o originaram (RIBEIRO, 2004). Compreende-se, então,

¹⁹ No caso das pessoas videntes, visto que os deficientes visuais possuem outras formas de apreender os lugares.

que os lugares contêm informações tanto a respeito do indivíduo como da coletividade. Esta é uma possibilidade que se torna compreensível principalmente por meio da abordagem do espaço como estrutura de signos, que neste trabalho é associada e vista através da semiótica peirceana. Esta última tem sido explorada desde meados da década de 1960, quando alguns conceitos, entre eles o de bairro, passaram a adquirir sentido simbólico. O processo se identifica com a formação social da imagem do espaço, ou seja, a maneira como o espaço físico se torna espaço social, e, portanto, espaço simbólico.

Segundo Kohlsdorf (1996) a vertente que observa como a forma dos lugares adquire sentido, afetivo, sobretudo para seus usuários, tem sua origem relacionada aos trabalhos desenvolvidos pela psicanálise e diversos setores da psicologia. De uma forma geral, nestes trabalhos, torna-se evidente que as maneiras de se configurar o ambiente social não são indiferentes às condutas das pessoas, ou seja, os espaços apresentam restrições e induções na maneira como os indivíduos reagem e se comportam. Assim, o não atendimento a necessidades, até então consideradas “básicas”, como uma boa adequação das formas as funções, por exemplo, ao mesmo tempo em que não satisfaz os anseios de seus usuários compromete a resposta desejada as primeiras.

Desta maneira, pode-se dizer que a imagem de um ambiente pode ser analisada tanto através de suas características físico-espaciais do ambiente como no ponto de vista social e psicológico. Em se tratando desta investigação, considera-se que embora a imagem seja uma construção individual do ponto de vista cognitivo, quando se trata de um meio ambiente, ela também é uma construção social baseada nas características físicas do lugar em estudo, neste caso o bairro da Levada. Neste contexto, este trabalho direciona a sua atenção para os aspectos morfológicos do meio ambiente. Entre os diversos autores voltados para esta vertente, destaca-se Lynch (1999), onde a dimensão plástica dos lugares se apresenta com plenitude em seus trabalhos que investigam os chamados “aspectos visuais da cidade”, por meio dos quais a dimensão estética é somada as expectativas do desempenho dos lugares, como será tratado logo a seguir. Contudo, quando se considera a análise das características físicas da Levada, esta pesquisa parte do princípio de que as mesmas são decodificadas pelos usuários do bairro. Assim, também se privilegia o ponto de vista dos indivíduos, levando-se em conta aspectos relacionados à percepção e ao significado do ambiente (ELALI, 2007).

1.4.1. IMAGEM E ESPAÇO

Embora existam críticas acerca do trabalho de Lynch (1999) por negligenciar as questões sociais em seu trabalho, entende-se que por ser pioneiro no estudo da imagem da cidade seu trabalho não pode ser descartado de qualquer investigação que envolva imagens urbanas. Em se tratando desta pesquisa, o autor mencionado desenvolve conceitos em torno das expectativas emocionais ou afetivas em relação à configuração dos lugares que são de grande auxílio, pois servem para o entendimento do funcionamento da imagem mental relacionada ao espaço.

Segundo Lynch (1999), as imagens mentais são o resultado de um processo bilateral entre observador e seu meio, podendo variar significativamente entre observadores diferentes. Tal variação vai depender da coerência da imagem que pode se manifestar de diversas maneiras, pois depende dos fatores envolvidos ao longo do processo de percepção e cognição. Por isso, embora no bairro da Levada exista pouca coisa ordenada segundo a opinião de seus usuários, os moradores, os comerciantes e os freqüentadores mais assíduos discordam desta colocação. Como para estes últimos, devido a sua convivência diária com o bairro já foi desenvolvida uma longa familiaridade com o lugar, percebe-se que imagem construída adquire uma certa organização a ponto de permitir que estes entrevistados identifiquem diferentes grupos de tipologias residenciais, como será detalhado posteriormente nos resultados. Conseqüentemente, pode-se afirmar que este também é o motivo pelo qual um morador consegue se deslocar facilmente pela área de feira livre, que para qualquer outra pessoa externa ao bairro parece totalmente desordenada.

A estrutura da imagem tem relação com uma qualidade visual específica que é a legibilidade, ou seja, clareza. Um lugar pode ser facilmente apreendido por meio de seus signos identificáveis. Assim, um espaço facilmente reconhecido é um espaço legível, atributo fundamental para o desenvolvimento deste trabalho, pois auxilia na compreensão da construção da imagem de um lugar. É certo que imagem clara, neste sentido, está fortemente associada às noções de orientabilidade e identificabilidade, mas que também pode servir como um vasto sistema de referências, um organizador de atividades, de crença ou do conhecimento (LYNCH, 1999).

Uma imagem mental pode ser composta de três componentes: identidade, estrutura e significado. Para que uma imagem aconteça primeiramente deve haver a identificação do objeto, o que implica em sua diferenciação de outras coisas seu

conhecimento enquanto entidade separável. A isso se dá o nome de identidade, que neste trabalho está se referindo às características do objeto, “a identidade de algo”²⁰, ou seja, o significado de unicidade. Em segundo lugar a imagem deve incluir a relação espacial ou pragmática do objeto com o observador e os outros objetos. Por último esse objeto deve ter algum significado para o observador, seja ele prático ou emocional.

Uma imagem útil para a indicação de uma saída requer o reconhecimento de uma porta como entidade distinta, de sua relação espacial com o observador e de seu significado enquanto abertura para sair (LYNCH, 1999: 9).

Entende-se, então, que o reconhecimento visual de algo se mistura com o seu significado. Porém, quando este significado se direciona a cidade fica muito mais complicado, já que nas imagens coletivas os significados tendem a ser menos consistentes do que as percepções de identidade e relação. Assim, deve-se procurar definir as qualidades físicas relacionadas aos atributos de identidade e estrutura na imagem mental, a imaginabilidade.

A imaginabilidade na verdade é uma característica em um objeto físico, que lhe confere uma alta probabilidade de evocar uma imagem forte em qualquer observador. “É aquela forma, cor ou disposição que facilita a criação de imagens mentais, claramente identificadas, poderosamente estruturadas e extremamente úteis no meio ambiente” (LYNCH, 1999: 11). Em relação à semiótica, percebe-se que este conceito se aproxima bastante ao de signo no que diz respeito à possibilidade de evocar. Neste caso, a imaginabilidade seria equivalente ao índice que apresenta uma relação casual de proximidade com que representa, como foi exemplificado anteriormente através da relação entre o trilho e o trem. Aliás, nota-se que no estudo do bairro da Levada estes dois conceitos aparecem relacionados na construção da imagem demonstrando que, dependendo da relação do indivíduo com o lugar, os mesmos elementos podem assumir diferentes graus de importância.

Devido a este fato, a imaginabilidade se tornou um aspecto essencial para esta pesquisa, pois permitiu explorar a formação da imagem nos dois sentidos: dos moradores e dos não-moradores. A imagem dos moradores do bairro pôde ser avaliada por meio da composição da estrutura, identidade e significado por se considerar que nesta amostra se encontre uma certa familiaridade com o lugar. Já no caso dos não-

²⁰ ELALI, 2007

moradores devido a Levada se mostrar um bairro complexo por sua dinâmica - comércio, moradia, feira livre - o conceito de imaginabilidade auxiliou na identificação de alguns aspectos que são capazes de evocar uma imagem forte, pois se leva em conta que grande parte dos entrevistados não tem muita familiaridade com o lugar. Entretanto, nesta constatação também foi ressaltada em questões relacionadas à semiótica. Enquanto para os moradores a imaginabilidade e a legibilidade estavam associadas a algumas significações, para os não moradores apareceu relacionada muito mais com a possibilidade de deslocamento dentro do bairro.

Outro aspecto tratado por Lynch (1999) é a questão da imagem pública e seus conteúdos, que é na verdade uma sobreposição de muitas imagens individuais. Embora as imagens individuais sejam únicas por possuir sempre algum conteúdo que nunca ou raramente é comunicado, elas são importantes porque se aproximam da imagem pública. Neste sentido, torna-se válido entender este ponto de vista, já que existem outras influências atuantes sobre a imaginabilidade como o significado social de uma área e sua história, como ocorre na Levada.

Segundo Lynch(1999) o conteúdo das imagens remetem a formas físicas. Esses conteúdos podem ser classificados em cinco elementos que compreendem vias, limites, pontos nodais, marco e bairros. Na verdade, em meio a esses elementos, será enfatizado neste trabalho apenas quatro, dada as suas relevâncias e ocorrências na terceira seção. O primeiro elemento consiste nos limites que são elementos lineares não considerados como ruas e que são as fronteiras entre dois tipos de área que funcionam como limites laterais. Os limites mais fortes são aqueles que predominam não só visualmente, mas que tem forma continua e não podem ser atravessados. Eles podem ser ferrovias, de topografia, de rodovias ou de bairros, onde neste último é uma característica típica que acarreta em fragmentações. Os limites fortes não são necessariamente impenetráveis, podendo ser “uma costura” muito mais que uma barreira que isolam como é perceptível em um bairro.

O segundo elemento corresponde aos pontos nodais. Estes são os considerados lugares estratégicos, focos intensos nos quais o observador pode entrar. Eles podem ser basicamente junções, meras concentrações que adquirem importância ou até, como no caso do bairro de estudo, foco e síntese do bairro, sobre o qual a influência se irradia a ponto de se tornar um símbolo. Em outras palavras, os pontos nodais são referências, assim como os marcos, que correspondem ao terceiro elemento destacado. Só que no

caso deste último o observador não pode entrar neles, pois são externos, ou seja, são objetos físicos que se define com tal a partir de sua escolha como ponto de referência.

O quarto elemento é o bairro que aparece em meio a cidade como um contexto maior do que os outros elementos. Os bairros são áreas relativamente grandes da cidade na qual o observador pode penetrar mentalmente e que por se localizarem em uma mesma cidade acabam por possuir algumas características em comum. Podem ser reconhecidos internamente como uma extensão da moradia ou ser usados como referências externas. Contudo, independente da forma em que sejam vistos, os bairros continuam sendo uma parte importante e satisfatória no entendimento da cidade.

As características físicas que determinam os bairros são elementos que podem constituir uma grande variedade de componentes: textura, espaço, forma, detalhe símbolo, tipo de construção, usos, atividades, habitantes, estado de conservação, topografia. Esses indicadores não são apenas visuais: o barulho é igualmente evidenciado, como ocorre na Levada com o som do trem e da feira-livre. Algumas vezes até a própria confusão é um indicador como no caso de muitos respondentes freqüentadores que atribuíram ao fato se sentirem perdidos um sinal de que haviam chegado à Levada. Da mesma forma as associações com a sociedade que usufrui diretamente do meio e sua história também são indicadores que devem ser relevados. Desta forma, diante dos inúmeros aspectos que devem ser considerados na imagem de um bairro, entende-se que antes de explorar o bairro em estudo é preciso outras contribuições que envolva o indivíduo e sua relação com o meio, tratados a seguir.

1.5. OUTRAS CONTRIBUIÇÕES

1.5.1. IMAGEM E TOPOFILIA

Lynch (1999) explica que para compreender a imagem de um lugar é necessário explorar a ótica do observador. Nesta perspectiva, recorre-se a Tuan (1980) e suas considerações acerca do nativo e do visitante por serem fundamentais no entendimento de como o morador e não-morador estabelecem laços com o bairro da Levada.

Sendo topofilia um termo que associa o sentimento ao lugar, em relação ao espaço não pode ser considerada o sentimento mais forte. Porém quando se manifesta, é

certo que o ambiente ou lugar é um símbolo, isto é, adquiriu significado para o indivíduo ao ponto deste lhe atribuir valor. (TUAN, 1980)

Segundo Tuan (1980) o fato das imagens serem extraídas do meio ambiente não significa que o mesmo as tenha determinado, tampouco que é o ambiente que a desperta. O meio ambiente pode não ser a causa direta da topofilia, mas fornece estímulo sensorial que ao agir, como imagem percebida, dá forma aos sentimentos e aos ideais. Neste caso, salienta-se que aquilo que é apreendido, em meio a inúmeros estímulos do ambiente, depende da capacidade seletiva da percepção que se fundamenta no propósito e nas forças culturais que atuam em uma determinada época.

Diante das explicações acerca da cognição e da percepção, pode-se dizer que a apreensão de um lugar pode variar quando se trata do morador e do não - morador. De fato, o visitante e o nativo focalizam aspectos bem diferentes do meio ambiente. Em geral, somente o visitante tem um ponto de vista que apresenta percepções fragmentadas da realidade. O nativo, ao contrário, tem uma atitude complexa derivada de sua imersão na totalidade de seu meio ambiente. O ponto de vista do visitante por ser simples, fácil de ser enunciado, podendo se manifestar principalmente por meio de um confronto com a novidade. Por outro lado, a atitude complexa do nativo somente pode ser expressa com “dificuldade e indiretamente através do comportamento, da tradição local, conhecimento e mito” (TUAN, 1980: 30).

A avaliação do meio ambiente pelo visitante é essencialmente estética. É a visão de um estranho; e o estranho julga pela aparência, por algum critério formal de beleza. É preciso um esforço para provocar a empatia em relação à vida e valores dos habitantes. Em relação ao bairro da Levada, percebe-se que o julgamento do não-morador é muitas vezes válido. Sua principal contribuição é perspectiva nova, onde se pode perceber alguns atributos em um meio ambiente que podem não ser tão visíveis para o morador.

Conforme o autor anteriormente aludido, mesmo que visitante e nativo sejam aparentemente divergentes na percepção do lugar e no sentimento de afeto, ambos têm o costume de estruturar o mundo em subordens, direções; fato que estimula uma visão simbólica do mundo. Existe uma tendência para estruturar o mundo com em categorias. Em todos os lugares as pessoas tendem a estruturar o espaço, inserindo-se no centro e a partir de zonas concêntricas (mais ou menos definidas), com valores decrescentes (aberto, fechado, frente e fundo), áreas residenciais adensadas e praças públicas espaçosas, demonstrando que seria universal a idéia de “centro” e “periferia” na

organização espacial. Desta forma, deve-se considerar que as atitudes em relação à vida e ao meio ambiente também refletem tais idéias, que variam de indivíduo para indivíduo e que podem ser percebidas por meio da idade, do gênero e nas fases da vida.

Assim, pode-se dizer que para compreender a preferência ambiental de uma pessoa é necessário examinar a sua herança biológica, sua educação, seu contexto, trabalho e arredores físicos. No nível de atitudes e preferências de grupos é necessário conhecer a história cultural e a experiência no contexto de seu ambiente físico. Os indivíduos são membros de grupos e todos aprendem em graus variados a diferenciar entre o “nós” e o “eles” entre as pessoas reais e as pessoas menos reais, entre o familiar e o estranho em um lugar (TUAN, 1980). Todavia, existem elementos coletivos que são relacionados a um determinado grupo e que podem ser consensuais, e que serão explorados no próximo item.

1.5.2. A IMAGEM E ATRIBUIÇÃO DE VALOR ESPACIAL

Segundo Ferrara (2000) a imagem da cidade hoje necessariamente não surge apenas do contato concreto entre indivíduo e lugar. Se ainda no século passado a cidade era experimentada através dos cinco sentidos, começando pela visão e culminando no contato físico, nos tempos atuais o habitante dispõe de outras formas de apreender o meio. Torna-se natural o contato através do computador ou da televisão, onde a cidade se torna mais vista do que sentida.

Neste contexto, a imagem pode definir apenas o contorno de uma cidade, primeiramente porque em alguns casos esta última surge como pano de fundo apelativo da mídia. Além disso, sabe-se que em meio à contemporaneidade também é possível que a imagem não apresente nenhuma coerência com sua situação referencial, pois ela pode ser um simulacro da própria cidade (BAUDRILLARD, 1981), principalmente quando se tem o intuito de despertar um forte apelo associativo com o consumo. A imagem de alguns lugares com significância cultural como os bairros históricos, monumentos, ruas e distritos de lazer e entretenimento é um exemplo. A remodelação destes, quando o objetivo é o de atuar como elementos chave no desenvolvimento econômico baseado no turismo, pode implicar na camuflagem e remoção de elementos tidos como “indesejáveis”, enquanto os aspectos “desejáveis” são ressaltados ou simplesmente inventados, sem qualquer relação com a história e cultura locais. É neste momento que a imagem destes lugares agrega uma espécie de publicidade, uma imagem

veiculada, que já traz em si de forma concretizada um modo de conhecer e avaliar uma cidade como um todo (SILVA, 2004).

Mesmo que tal imagem possa interferir na opinião e conhecimento acerca de um lugar, compreende-se que quando se trata da imagem construída através da experiência a análise se torna mais segura, pois traz em si uma cidade que foi organizada pelo ponto de vista do indivíduo. Esta é uma imagem mental que é simbólica, e por isso representativamente eficiente, já que expressa um conhecimento baseado nos processos sensitivo, perceptivo e cognitivo. (FERRARA, 2000).

Independentemente de como seja vista a imagem da cidade, o fato é que ela pode atuar como uma ilustração de um significado que expressa a qualidade do lugar e a sua atribuição de valor. Entre os diversos estudos mais recentes publicados sobre a imagem do lugar mencionados por Nasar (2006), destaca-se, sobretudo para esta investigação, as avaliações de duas cidades em Tennessee (Chattanooga e Knoxville) por se concentrarem na melhoria da relação entre seus habitantes e o espaço. Apesar de ser uma avaliação baseada na realidade americana, percebeu-se, ainda na pesquisa piloto realizada nesta investigação que, ao se explorar a imagem como requisito avaliativo, alguns pontos foram igualmente mencionados. Entre os relatados o mais equivalente reside no fato de que os cidadãos partilham grandes áreas de consenso sobre o que torna uma área agradável, especialmente quando se trata de fatores relacionados à arquitetura e ao urbanismo. Todavia, na grande maioria das vezes os profissionais que lidam com a cidade desconhecem as preferências e as necessidades de seus habitantes mostrando, ao invés de resultados benéficos, preferências que contrariam as escolhas do público e que levam a um estado de desordens visuais e de insatisfação. Assim, é neste sentido que o estudo da imagem surge como uma possibilidade de entender essas exigências. (NASAR, 2006)

O estudo realizado em Tennessee envolveu, da mesma forma que o estudo do bairro da Levada, entrevistas direcionadas a uma amostra representativa, onde os contemplados eram dos residentes e visitantes de cada cidade. Os resultados mostraram uma forte sobreposição de preferências entre os visitantes e moradores locais semelhantes, sendo possível a partir de alguns elementos detectar as áreas mais apreciadas e menos apreciadas. Fato similar é demonstrado na pesquisa de campo sobre a imagem do bairro da Levada. Os resultados revelaram que os fatores ligados aos elementos preferidos se centravam em paisagens naturais, edifícios – que às vezes apenas aparentavam - historicamente significativos, espaços abertos e nos lugares que

foram arrumados e bem mantidos. Os aspectos negativos, por sua vez eram representados pelos edifícios degradados, desordem, poluição e ruas desertas. Da mesma forma, apesar de se concentrarem em cidades diferentes, em todos estes locais, as mesmas preferências emergiram como sinônimo para agradabilidade: espaços paisagísticos e espaços históricos que expressavam edifícios com definições bem ordenadas (IBID).

Segundo Nasar (2006), a única forma de adquirir tais informações é por meio de uma longa associação com o trabalho de campo, pois através dele é possível obter informações úteis à abordagem da imagem e sua relação com o estudo afetivo do lugar. Contudo, apesar de uma rica abordagem, o estudo de campo sobre a imagem ainda resulta em críticas, pois sua aplicabilidade ainda é questionada enquanto instrumento de planejamento. Entretanto a presente investigação acredita que a imagem se torna útil por dispor do ponto de vista do cidadão e de suas preferências que, quando identificadas e explicadas, podem auxiliar a prever as necessidades de um lugar. É devido a este fato que na análise de uma imagem de um lugar se deve considerar todos os aspectos que tenham importância na vivência e compreensão do ambiente por seus usuários. E de fato, conforme Elali (2007) existem alguns pontos devem ser considerados como as características do ambiente, a variação das práticas sociais da população no tempo e as principais percepções de seus usuários fixos e não – fixos. Este último envolve as sensações, experiência, memória, sentimentos de afeto, apropriação e identidade.

Neste sentido, entende-se que a imagem se torna um aspecto a ser considerado na compreensão do espaço, pois ela constitui um rico material de estudo enquanto representação. No entanto, em meio à sua relação com a contemporaneidade ela também pode ser um campo bastante traiçoeiro para a análise de um lugar. Primeiro porque muitas vezes ela de fato toma o lugar do real e segundo porque corre o risco de se adotar essa simplificação do real como verdadeira, afastando-se da complexidade do espaço urbano. Por isso, antes de considerar a imagem como forma de analisar o meio, neste trabalho, busca-se explorar conceitos como espaço e lugar como “uma voz que fala da ciência já estabelecida e claramente dedutiva para uma outra da ciência que ainda está se fazendo”²¹. Só após tal compreensão é que será possível se debruçar sobre as características que identificam os traços construídos e os ângulos pelos quais o bairro é enfocado e estruturado na imagem de seus usuários. É sob este raciocínio que se desenvolve a seção a seguir.

²¹ LATOUR apud FERRARA, 2000.

2. A IMAGEM E O BAIRRO

Na seção anterior foi explorado o papel da imagem e sua relação com o espaço e com a realidade. Neste contexto, percebeu-se que a natureza da imagem sempre foi motivo de desconfiança segundo a filosofia, sobretudo quando relacionada ao conhecimento, por se apresentar à visão como se fosse aquilo que representa. Entretanto, conforme Lynch (1999) quando relacionada ao meio, a imagem corresponde a uma forma de apreensão do espaço. Neste sentido, ela é uma construção derivada de processos sensitivos, perceptivos e cognitivos que, pela possibilidade de evidenciar os elementos fundamentais de um meio, constitui uma forma de análise do espaço a ser considerada neste trabalho.

Atualmente, devido a sua associação com a idéia de mídia, Baudrillard (1981) afirma ocorrer uma incessante produção de imagens. Em meio à ampliação do acesso às representações, torna-se pouco importante a diferença entre o que seria uma experiência “de fato”, e a sua representação, ou seja, não existe diferença entre a “verdade em si” e sua “adaptação”. Assim, a percepção do que pode ser empiricamente experimentado é reconsiderado, já que neste sentido ela pode ser derivada de algo que não se encontra fundado na experiência em si, mas na conjunção da imagem.

Nesta perspectiva a imagem se destaca fortemente. Ela pode interferir de diversas maneiras na relação que o indivíduo desenvolve com um meio ou até suas atitudes diante de um certo contexto, já que toda a vida contemporânea é desmontada e reproduzida de forma que os objetos e experiências criados através das imagens tentam ser mais reais do que a própria realidade, ou seja, “hiper-reais” (BAUDRILLARD, 1981).

Para Connor (1993) a hiper-realidade traz consigo o colapso de diversas noções, criando uma lacuna entre a teoria e o objeto. Tal ponto de vista pode ser reafirmado através de Baudrillard (1981), quando o mesmo afirma que os conceitos se tornam imprescindíveis, pois existem implicações sobre o que é real e irreal, sobretudo hoje quando se considera não apenas as descrições relatadas através das imagens, mas também aquelas originadas por suas reproduções.

Desta forma, torna-se evidente que para se compreender a teoria e a realidade por ela descrita, deve-se procurar entender o conceito. Só desta maneira será possível explorar e compreender os valores e os efeitos originados através da imagem, isto é, seus reflexos. É por isso que, a partir deste ponto, serão explorados os conceitos de espaço e lugar, pois são fundamentais para compreender as possíveis lacunas existentes entre a definição do bairro e as suas representações mentais.

2.1. O ESPAÇO NO ENTENDIMENTO DO LUGAR

Segundo Silva (1994) quando se busca compreender o lugar, é o espaço que deve ser explorado inicialmente, pois são seus elementos básicos definidores que possibilitam o entendimento do primeiro. Embora apareça associado a diversos campos de conhecimento, como a geografia, por exemplo, o espaço é algo que realmente importa e orienta uma configuração arquitetural ou urbana, mesmo que não venha expressamente indicado (SILVA, 1994).

O conceito de espaço esteve ausente da teorização arquitetônica até o século XX quando se tornou núcleo das especulações mais recentes no campo do urbanismo e, sobretudo da arquitetura. Entre os inúmeros autores que destacam a relação entre o espaço e a produção arquitetônica e urbanística, pode-se notar que existem diferentes graus de importância e diferentes perspectivas (SILVA, 1994).

Entre essas perspectivas a mais freqüente é a que se tem acesso pelos dicionários, onde o espaço é conceituado como algo de “extensão ilimitada”, isto é algo infinito (DUARTE, 2002). Entretanto, para Carlos (1996) espaço é algo que integra necessariamente toda a experiência existencial do homem, desde o jogo de futebol, no ato de locomover até de perceber as coisas que existem. Tal argumento é reforçado por Santos (1988) quando explica que o que se chama de espaço é apenas a ordem de relação das coisas umas com as outras: “o espaço não é nem uma coisa, nem um sistema de coisas, senão uma realidade relacional: coisas e relações juntas” (SANTOS,1988:26). Assim, considerá-lo ilimitado é, de forma geral, denominá-lo algo absoluto, excluindo a ação humana, elemento relevante em sua definição (CARLOS, 1996).

De fato, segundo Duarte (2002), o espaço absoluto é uma definição que não foi constatada e sim postulada. Neste sentido, o espaço não corresponde ao vivido, mas ao

que poderia ser formulado através da linguagem científica. Assim, mesmo sabendo que considerar o espaço como algo absoluto auxilia na compreensão da diversidade do conceito, para esta investigação, não se pode considerá-lo sob esta perspectiva, pois neste sentido ele não estaria inserido no entendimento do espaço vivido (CARLOS, 1996).

Conforme Choay (1995) a vivência é um elemento primordial no entendimento do espaço, principalmente quando este aparece associado às questões urbanas. Carlos (1996) torna essa afirmação evidente quando explica que o espaço se relaciona com o aspecto social, pois é através dele que são fundamentadas todas as intuições externas no ambiente urbano, ou seja, o espaço tem como condição possibilitar as relações coletivas. Aliás, se realmente se parte do princípio de que o espaço é composto por coisas e relações, entende-se que são inseridos objetos e ações respectivamente, sendo estas últimas derivadas do humano posto que os objetos não agem sozinhos (SANTOS, 1988).

Segundo Duarte (2002) quando o sentido do espaço aparece relacionado às relações, deve-se considerar a existência de cargas culturais temporalizadas e localizadas, isto é, levar em conta que este espaço pode ser produzido por uma certa cultura em um determinado contexto de uma época. Sob esta perspectiva, este espaço se torna algo compartilhado, expressando uma vivência que é gravada através de seus objetos e condutas (LEFEBVRE, 1981). Em outras palavras, o espaço se torna algo produzido, resultado de gestos repetitivos e com uma lógica que o determina como produto: a forma em que é utilizado pela sociedade e seu papel como regulador dos atos dessa sociedade. Assim haveria sempre uma “ideologia dominante” que guiaria e controlaria a produção e o uso do espaço.

A igreja é o espaço da igreja, onde o confessionário, o altar, a distribuição da audiência e do pregador são elementos de um espaço que reflete a forma de uma dominação de uma ideologia sobre seu público, o mesmo valendo para as suas formas externas e localização urbana que ampliam tal modo de controle espacial sobre uma área maior que o seu recinto – envolvendo outros espaços objetos e pessoas (DUARTE, 2002).

O espaço produzido, assim, seria codificado, mesmo que não explicitamente, de modo a manter a ordem prevista na visão que molda o mundo real, servindo também para que se pudesse viver tal espaço, compreendê-lo e produzi-lo. Segundo certa

ideologia, as formas físicas e as ordens de poder e convívio em um espaço poderiam reger a vida de uma coletividade sob sua influência, estando codificado de tal modo que poderia ser reproduzido em qualquer outra parte.

Conforme Lefebvre (1981), diante deste espaço produzido existiria uma divisão tripartite do mesmo em prática espacial, nos espaços de representação e nas representações do espaço. As representações do espaço ou espaço concebido seria aquele em que se espelham as relações de produção, de ordem, de conhecimentos, de signos e códigos que formam o espaço, determinando a vivência e permitindo a sua reprodução. Este seria o espaço dominante em uma sociedade, tendendo a se tornar um sistema de signos. Ainda segundo Lefebvre (1981), este poderia ser claramente identificado como o objeto final da produção do espaço proposta pelo mesmo. Já os espaços de representação seriam os espaços vividos, formados por simbolismos. Estes espaços, onde o centro corresponde a moradia, nem sempre seriam codificados pelas pessoas que o vivem, porque podem estar repleto de signos e modos de se apropriar dos objetos que são próprios dos seus habitantes. Neste espaço ocorreriam os conflitos do cotidiano, mas corresponderia, enquanto espaço vivido, apenas há um pouco de liberdade perante o espaço concebido. Quanto a prática espacial, esta seria a responsável por transformar o espaço em algo homogêneo diante de certo grupo social ou de um contexto, isto é, de forma genérica, ela permitiria a formação lenta de lugares específicos dentro do espaço por meio da atribuição de valores e significados (LEFEBVRE, 1981).

De forma geral, entende-se que é essencial a ação humana na definição de espaço, pois apenas ela tem finalidade e objetivo (SANTOS, 1988). É esta ação que envolve os objetos produzidos pelo ser humano e caracteriza o que é chamado de “espaço social”²². No caso desta investigação, parte-se do princípio de que no espaço existe um diálogo constante onde os objetos podem condicionar as ações e estas, por sua vez, possibilitam a transformação dos objetos existentes ou levam à criação de novos (SANTOS, 1988). Entretanto, existe um outro ponto chave nesta definição neste trabalho. Este ponto diz respeito à lógica de organização e utilização desses elementos, a qual dependendo da forma das ações do seres humanos - diretamente sobre os objetos por meio de uma ação ou lhes atribuindo signos e significados - teria como resultado a construção do lugar.

²² Lefebvre, 1981

2.2. UM SENTIDO PARA O ESPAÇO: O LUGAR

Em meio às breves considerações anteriormente traçadas acerca do que se poderia definir como espaço, pode-se dizer que o lugar aparece como algo derivado dos elementos que o compõe. Em termos gerais, enciclopédias e dicionários definem o lugar como a menor parte do espaço. Entretanto, mesmo que esta afirmação conote certa facilidade no entendimento do que vem a ser o mesmo, observa-se que, assim como o espaço, existem grandes dificuldades em sua definição (DUARTE, 2002).

Esta dificuldade ocorre devido aos variados enfoques que constroem diferentes pontos a serem explorados no espaço, interferindo, conseqüentemente, na definição de lugar. No caso deste trabalho, por exemplo, em que o espaço aparece composto pela relação entre objetos e ações (SANTOS, 1988), o principal enfoque é a ação humana que “produz” um espaço caracterizado como social. Diante deste enfoque, importante para se explorar o urbano, evidencia-se um outro aspecto que é a organização e a utilização destes objetos segundo uma lógica. Neste sentido, conclui-se que não são os objetos que formam o espaço, mas é este que os forma, pois é sua lógica própria que determina quais objetos serão destacados e como eles se organizarão. É em diálogo constante que os objetos condicionariam ações que possibilitariam, por sua vez, a transformação dos objetos existentes ou levam a criação de novos. (DUARTE, 2002)

Sob este contexto, o espaço pode ser construído através da relação de três partes: os objetos, as ações e os seres humanos. No entanto é apenas em meio aos objetos que as ações poderiam criar as condições sociais e ambientais de onde seriam derivadas uma lógica de organização responsável pela definição do lugar. Tais ações podem ser tanto de forma direta - sobre o objeto - ou indireta – atribuindo signos e significados, cabendo a ambas a composição dos espaços que podem ser considerados vivenciados. (DUARTE, 2002)

Para Carlos (1996) esta lógica atualmente está fortemente vinculada ao processo de globalização e suas conseqüências. Cada vez mais aparecem novas considerações sobre as novas relações espaço e tempo que, em meio ao avanço das tecnologias e das comunicações, ressaltam a diminuição das distâncias físicas e a continuidade do espaço. Diante destes acontecimentos onde as barreiras físicas são superadas - sobretudo nas relações sociais - o próximo e o distante se ligam quase que instantaneamente, novas

atividades são criadas e novos comportamentos são construídos sob novos valores que são fundamentados em torno destas mudanças espaciais e temporais.

Em se tratando do lugar, como o processo de globalização se materializa concretamente nele, o mesmo adquire possibilidade de assumir diferentes e novas considerações, sendo possível através dele lê, perceber e entender o mundo moderno em suas múltiplas dimensões. Primeiramente o lugar poderia ser visto “de fora”, o que implicaria em uma redefinição resultante de um acontecer histórico fundamentado nas tendências da sociedade de uma época (CARLOS, 1996). Como atualmente estas tendências estão voltadas para o mundial, em meio a tais colocações o lugar poderia ser entendido como uma expressão geográfica da singularidade, pois seria considerada a sua funcionalidade face à universalidade que emerge com o processo de globalização. As cidades, por exemplo, são lugares que em razão de terem se especializado em alguma atividade, acabam sendo reconhecidas em sua singularidade devido à função que possuem. (DUARTE, 2002)

De forma geral, Carlos (1996) explica que o lugar pode ser considerado um ponto de articulação entre a mundialidade em constituição e o local enquanto especificidade concreta, enquanto momento. Contudo, mesmo que esta definição seja de grande valia, sobretudo para algumas áreas de conhecimento como a geografia, este não deveria se focado apenas como parte integrante de uma totalidade fundamentada na divisão espacial de funções. Neste sentido, da mesma forma que ocorreu no caso do espaço, considerar apenas esta ótica não evidencia a questão do indivíduo e a sua relação com o meio que é importante para este trabalho. E de fato, o processo de globalização não somente possui implicações econômicas, mas também em outros aspectos (MASSEY in ARANTES, 2000), que possibilitam que o lugar ganhe novo conteúdo. Cada lugar tem sua posição não apenas atributos econômicos, mas culturais, físicos e sociais que produzem uma gama de valores, logo de situações, que devem ser consideradas como diferenciações espaciais. Assim, apesar do lugar se definir primeiramente “de fora” através de um acontecer histórico, ele também poderia ser visto “de dentro”, o que implicaria a necessidade de rever o seu sentido. (CARLOS, 1996)

Certeau (1996) afirma que o sentido dos lugares, inclusive quando se trata da cidade, são criados através das relações humanas que se realizam no plano do vivido. Estas relações garantem a construção de uma rede de significados que são regidos pela história e cultura, construindo uma identidade, posto que é aí que o homem se reconhece, pois é o lugar da vida. São os lugares habitados, marcados pela presença,

criados pela história e práticas sociais inscritas em um espaço e tempo que despertariam um sentimento de pertencimento ao lugar por meio da identidade ou das formas de apropriação do espaço que ele sucinta. Em outras palavras, pode-se dizer que o lugar guarda em si o seu significado. Esses significados nada mais são do que dimensões da história de um lugar que, por estarem sempre em constituição, pode ser apreendidas enquanto movimento de vida tanto pela memória como pelos sentidos.

É justamente porque o lugar guarda seu sentido em si, que ele só pode ser compreendido quando considerado em suas referências, que não são específicas de uma função ou de uma forma, mas produzidas por um conjunto de sentidos, impressos pelo uso (CERTEAU, 1996). E de certa forma, as relações que os indivíduos mantêm com os espaços habitados se exprimem todos os dias no modo do uso, nas condições mais banais, sendo um espaço passível de ser sentido, pensado e apropriado, sobretudo através do corpo. Neste sentido, pode ser considerado no entendimento do lugar também a apropriação através dos sentidos, pois é assim que o homem habita (HEIDEGGER apud RIBEIRO, 2004). Assim o lugar seria também um modo de aproximação da realidade (PIAGET, 1978), um produto modificado pela experiência do meio, da relação com o mundo (TUAN, 1980).

Em meio ao exposto, observa-se que na atualidade cada vez mais se distancia uma definição de lugar que o determina apenas um ponto de localização dos fenômenos ou um ponto no mapa entendido através de coordenadas geográficas. Enquanto noção geográfica o lugar se transforma hoje e ganha novos enfoques, pois envolve diversos conteúdos que evoluem e se modificam por uma necessidade imposta pelas transformações do mundo. Desta forma, pode-se afirmar que os lugares são dotados de uma realidade físico-sensível, que corresponde a um uso do espaço. Logo, a prática do mesmo sugere que sua constituição pode ser tanto coletiva a um grupo, como uma referência que se consolida para os indivíduos. É no lugar que se dá a unidade da vida social, onde cada sujeito se situa no espaço concreto, no qual se reconhece ou se perde, usufrui e modifica, porque o lugar tem usos e sentido. Nele está envolvida a idéia de uma construção, tecida por relações sociais que se realizam no plano do vivido, o que garante a constituição de uma rede de significados e sentidos.

Assim, para este trabalho o lugar é visto como ponto de articulação, entre um mundial em contínua transformação e o local enquanto especificidade. Só que neste sentido seria a própria dimensão da história que entra e se realiza na prática do cotidiano estabelecendo um vínculo entre o de fora e o de dentro, instalando-se no plano do

vivido, produzindo o conhecido e reconhecido e desenvolvendo a vida e todas as suas dimensões. O lugar se torna uma construção, uma porção significada onde são atribuídos signos e valores que refletem a cultura de uma pessoa ou um grupo. Essa significação é menos uma forma de se apossar desses elementos e mais de impregná-los culturalmente. Além de servir para a identificação de uma pessoa ou grupo, também permite que as pessoas encontrem a si mesmos refletidos em determinados objetos e ações e possam, assim, guiar-se, encontrar-se e constituir sua medida cultural no espaço, seja através de sua memória, de seu corpo ou por meio dos sentidos (CARLOS, 1996).

Desta maneira, entende-se que lugar pode ser a cidade, a casa, a rua, a praça ou como neste trabalho o bairro. Neste caso, o bairro enquanto lugar corresponde ao espaço imediato da vida e das relações cotidianas mais finas, “as relações de vizinhança, o ir às compras, o caminhar, o encontro com dos conhecidos, o jogo de bola, as brincadeiras, o percurso reconhecido de uma prática vivida, reconhecida em pequenos atos corriqueiros e aparentemente sem sentido que criam os laços profundos de identidade-habitante, habitante-lugar” (CARLOS, 1996: 21). Em linhas gerais são os lugares que o homem habita dentro da cidade que dizem respeito a seu cotidiano e a seu modo de vida onde se locomove, trabalha passeia, flana. Espaços que pelas formas através das quais o homem se apropria que vão ganhado significado dado pelo uso, pelos sentidos, pela memória, pela função e que conotam dimensões e considerações diversas que podem influenciar tanto na definição do conceito de bairro como em sua imagem enquanto lugar.

2.3. O CONCEITO DE BAIRRO

Segundo Chaskin (1999) o bairro é um lugar intermediário: não se conhece tão bem como a casa, mas também não é tão estranho como algumas vezes se mostra a cidade. De certa forma o bairro é um pouco de cada por lembrar tanto a sua individualidade quanto a coletividade.

Conforme o ponto de vista de Chaskin (1999), compreende-se que existe um conceito de bairro que o determina dentro da cidade, em meio ao aspecto histórico, e outro de forma mais próxima, o sentido, como aquela parte da cidade mais próxima de cada um. Entretanto, assim como a imagem, há tempos o conceito de bairro tem sido motivo de amplo debate. A complexidade de representação desta porção da cidade

representa um desafio frente à utilização de um único conceito que possa abarcar as relações que acontecem em um determinado espaço (BARKOWSKY, 2001).

Entre tantas considerações, como neste trabalho se explora o bairro sob dois pontos de vistas: o do morador e do não morador, escolheu-se por tratá-lo por um conceito que em que o bairro seja valorizado sob estas duas óticas. Neste caso, inicia-se por um conceito que pode ser considerado “geral”, que além de ser o mais usual²³ também diz respeito ao contexto da cidade (LEITE, 1996). Primeiramente a concepção de bairro aparece associada a critérios para delimitação de usos de solo pela administração pública. São definidos limites a uma porção que passa ser compreendida como a menor da unidade administrativa. Porém, este seria um primeiro ponto sobre o qual se deve insistir no que diz respeito ao bairro, já que o mesmo não é definido apenas política e administrativamente, característica que faz muita diferença para seu entendimento histórico e sua definição no contexto da cidade. O bairro não se trata apenas de uma área demarcada, limitada; um simples suporte físico-administrativo. Ele é uma unidade de base da vida urbana onde o único que pode defini-lo é o morador por nele organizar a vida pública, ou o habitante da cidade por nele ver uma porção da cidade (NOSCHIS, 1984),

Segundo Barkowsky (2007) para a cidade os bairros são como núcleos da vida local, onde constituindo uma unidade plena de diversidade garante a todos, que se reconheçam como parte dele a sensação de pertencimento a um contexto cidadão. Ao mesmo tempo cabe ao bairro ser uma parte da cidade, “uma amostra” que permite que o habitante usufrua parcialmente de forma mais próxima (CARLOS, 1996). Assim, de forma geral “o bairro é uma porta de entrada e saída entre espaços qualificados e quantificados” onde ao mesmo tempo em que une, separa o público do privado (CERTEAU, 1996:45).

Os bairros têm graus de realidade distintos em momentos diferentes de sua história que vai depender das singularidades no interior da cidade. Para Gonçalves (2005) a valorização do bairro está ligada a intensidade de significação e a qualidade de utilização e apropriação simbólica. A significação do bairro varia profundamente de um meio social para o outro onde para uns é ao nível da unidade de vizinhança que se organiza toda a vida e se estabelecem as redes de relações e para outros é um ponto de referência que permite a inserção em diversos grupos organizados. Essas percepções e as significações estão associadas a sua dimensão física, espacial e simbólica, as quais

²³ Encontrada nos dicionários (LEITE, 1996)

apenas adquirem sentido na medida em que é dimensionada pelas opções de uso e práticas sociais que variam de contexto. Desta forma, são as práticas sociais e as percepções que definem os bairros, quer quanto na utilização dos atores sociais quer quanto na implicação afetiva de que é objeto. (BARKOWSKY, 2007).

O espaço apreendido e vivido como bairro apresenta dimensões muito variáveis cuja a significação deste espaço é também muito diversificada variando desde a funcionalidade até a formação de “status” cujo os fundamentos e as manifestações efetivas se encontram aí (PA KE SHON, 2007). Neste caso, a percepção e a significação do bairro podem divergir segundo a combinatória de múltiplas variáveis, dentre as quais o nível social tem papel importante, mas não determinante (RYKWERT, 2004). A diferença entre as percepções desse espaço apreendido ou percebido consiste nas significações que assumem através da participação dos atores sociais. Assim, a noção de bairro não pode se dissociar dos modelos culturais, onde para uns é algo próximo da comunidade, um território, onde se situa todas as relações e a partir da qual se lê o exterior como negativo. Já para outros é o lugar da residência e o lugar das relações intensas entre vizinhos, uma parte da cidade.

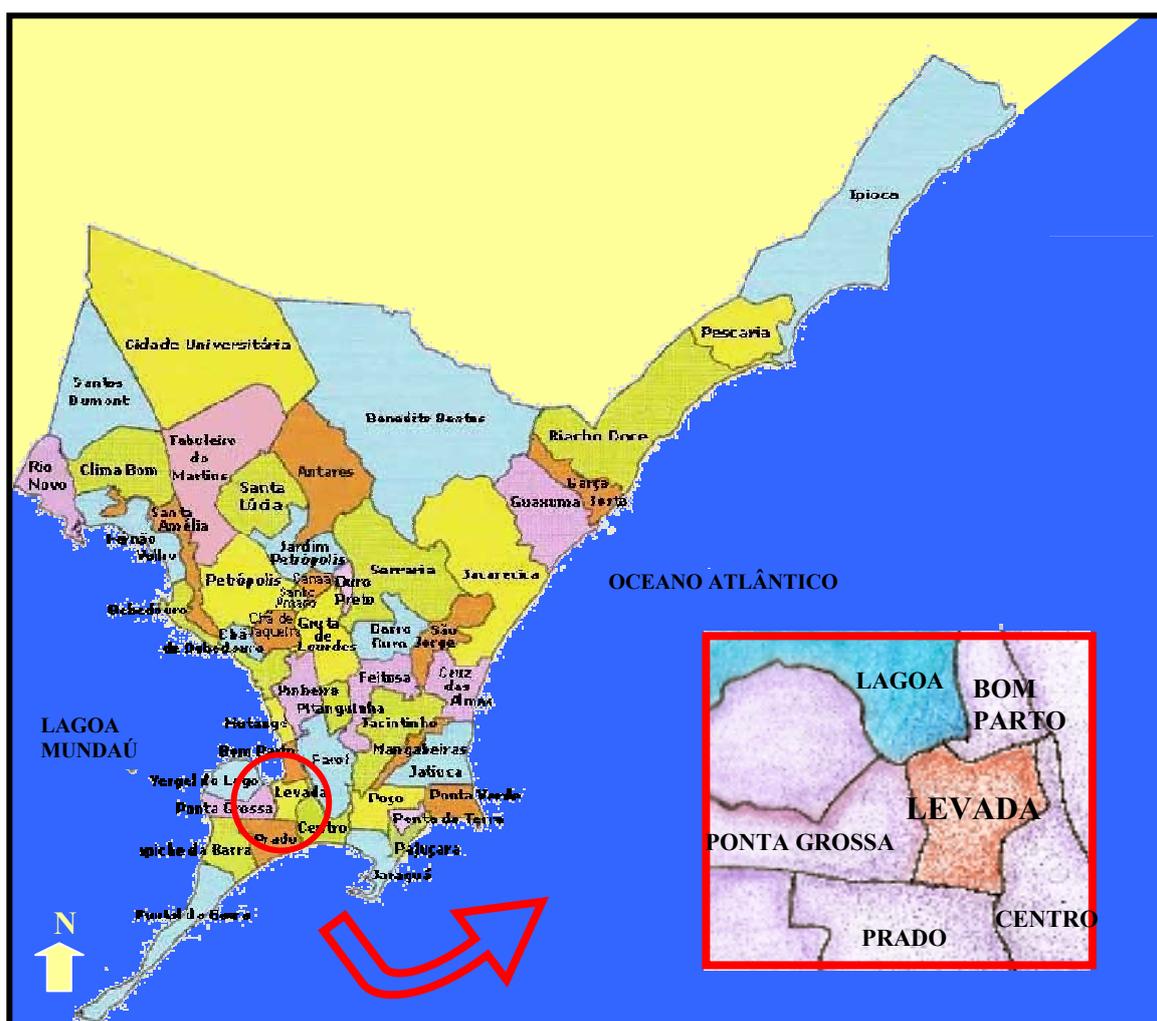
No caso desta investigação, o bairro aqui tratado se define através do vivido e do agir social consolidado a partir de sua história, sendo não rigorosamente delimitável. Ao mesmo tempo em que a significação atribuída não é a mesma para todas as pessoas, o interesse para uns pode se concretizar em uma a sensação de território: a de se estar em casa, de “chegar com suas tralhas em algum lugar, observá-lo, chegar suas possibilidades e, tendo decidido que serve, fincar bandeira”²⁴. Já para outros pode auxiliar como um ponto de referência, uma parte da cidade, ou até como lugar. Desta forma, fica evidente a importância do estudo do bairro através de sua relação de subjetividade com aqueles que o vivem e com a cidade a que ele faz parte, pois é em sua valorização em que se encontra a sua definição (GONÇALVES, 2005). Por isso o bairro não pode ser pensado de maneira atemporal, porque é principalmente ao longo de sua história que ele adquire importância.

²⁴ BRANDÃO, 2002

2.4. O BAIRRO DA LEVADA: OBJETO EMPÍRICO

2.2.1 A LEVADA DE OUTRORA

O bairro da Levada está situado à Sudoeste da cidade de Maceió, fazendo fronteira ao Norte com a lagoa Mundaú e o bairro do Bom Parto, a Leste com o bairro do Centro, ao Sul com o bairro do Prado e a Oeste com o bairro de Ponta Grossa (mapa 01).



Mapa 01 - Abairramento de Maceió: em detalhe a localização do bairro da Levada

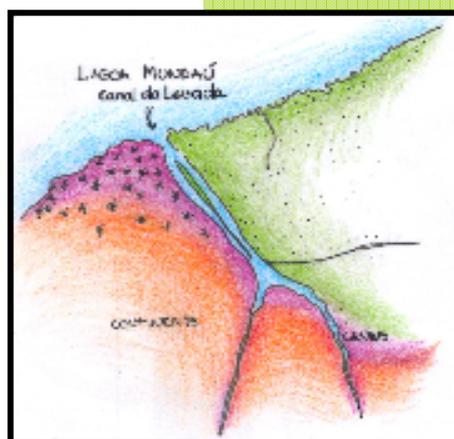
Fonte: www.bairrosdemaceio.net

Inicialmente esta área que hoje compreende a atual delimitação do bairro da Levada não era povoada, pois sofria constantes alagamentos através dos canais que penetravam o continente, fato que dificultava a ocupação da região (mapa 02). No entanto, como o transporte fluvial consistia no sistema mais utilizado, já que as estradas

apresentavam péssimas condições, a área adquiriu certa relevância para o escoamento de mercadorias.

Entre os canais existentes na área, o que mais se destacava para a navegação era o “canal da Levada” (figura 07). Bastante extenso, este canal chegava próximo ao local de ocupação inicial da cidade de Maceió, hoje bairro do Centro. O canal também era profundo, permitindo a entrada de pequenas embarcações, que tinham a possibilidade de atracar em sua margem em um ponto que ficou conhecido como “Porto da Levada” (figura 08).

O canal da Levada e seu porto permitiram que parte da região que era banhada pelo mesmo passasse a ser integrada ao percurso das principais rotas da época (mapa 03). Devido a este fato, durante muito tempo a lagoa se consolidou como um dos principais meios de escoamento da produção agrícola do interior, tornando-se também uma possibilidade de rota para o Porto de Jaraguá²⁵, de onde a mercadoria seguia para a exportação. Através da lagoa era feito o abastecimento dos principais núcleos de povoamento – Centro e Jaraguá - com produtos de todos os gêneros oriundos da circunvizinhança. Assim, mesmo com uma região pouco valorizada para moradia,



Mapa 02: croqui exemplificativo da evolução do bairro: o canal da Levada



Figura 07 - Canal da Levada início do séc. XX. Fonte: MISA



Figura 08 - Porto da Levada início do séc. XX. Fonte: MISA.



Mapa 03: croqui exemplificativo da evolução do bairro: eixo de ocupação da inicial da cidade

²⁵ No período anterior a 1839, o crescimento das exportações exigiram soluções para o escoamento mais rápido de mercadorias. Com o principal objetivo de facilitar a comunicação entre as cidade de Maceió e Alagoas (atual marechal Deodoro), surgiu uma proposta datada de 1828 que previa uma ligação do porto de Jaraguá com o Trapiche da Barra, sugerindo o aproveitamento de antigos braços de rios, dentre os quais o braço da Lagoa Mundaú que já adentrava no território como canal (Canal da Levada). A proposta foi aceita, as obras iniciadas, mas sempre eram suspensas devido a falta de verba e a críticas sobre a execução. Assim, devido a má execução a obra exigia constante reparos fato que não permitiu a sua conclusão resultando no abandono do projeto já iniciado (ROBALINHO, 1998)

a Levada passou a ser incorporada ao eixo de ocupação inicial da cidade devido às facilidades do transporte fluvial:

“Canoas (...) atracam na boca da Levada, carregadas de telhas, tijolos e louça de barro do Siri e da Satuba; ou frutas, verduras, cocos das margens dos canais e de Marechal Deodoro; mangas e lenhas de Santa Luzia do Norte; areia de água doce para construção; ostras, peixes e sururus. Do Coqueiro Seco, atravessando em canoas vinham mulheres com beijus, tapiocas, farinha d’água, grudes de goma, pés de moleque envolvidos em folhas de bananeiras (...)” (LIMA JUNIOR, 1981: 23).

Muito fértil e margeada por mangues, a lagoa, por garantir a subsistência tanto por meio do comércio como por meio da pesca, começou a atrair a atenção de uma população de baixa renda que, por não possuir condições financeiras de residir no Centro, começou a se instalar ali. Esta população era formada por trabalhadores do porto da Levada, fornecedores de produtos de subsistência, pescadores e marisqueiros, que viam nos bancos de área que se formavam entre os canais uma possibilidade de construir suas casas de taipa e residir próximo ao Centro.

Embora a área oferecesse poucas condições dignas para sobrevivência devido aos seus constantes alagamentos, sujeira e mau cheiro, o Almanaque da Província (1840)²⁶ relata que a partir de 1839, quando Maceió passou a ser capital da província, houve um aumento no índice populacional, o que possibilitou a geração de focos de adensamento nas margens da lagoa e dos canais. O adensamento da área cresceu tão rapidamente que em 1848 já havia se consolidado uma feira livre nas margens do canal e uma forte ocupação residencial, confirmando a formação de um novo bairro que, assim como o canal e o porto, chamava-se Levada.²⁷(LIMA JÚNIOR, 1976).

Frente ao crescimento da capital da Província, que não era apenas populacional, mas também comercial, verificou-se a necessidade de uma melhor comunicação entre os focos e povoamento e, principalmente, com o porto de Jaraguá, por onde se fazia todo o comércio do açúcar que era o principal produto exportado. Assim, em 1864, como solução, o presidente em exercício Roberto Calheiros de Melo sancionou uma lei que autorizava a construção de uma via férrea - concluída apenas em 1868 - que partia do Porto de Jaraguá e se comunicava com centro da província. Entretanto, apenas em 1880

²⁶ Apud ROBALINHO, 1998

²⁷ Neste contexto, região descrita como Levada englobava toda a parte ocidental, o que hoje corresponde aos bairros do Vergel do Lago, Ponta Grossa e parte do Prado (mapa 01) (ROBALINHO, 1998)

a concessão para a construção da linha férrea foi adquirida pela The Alagoas Railway Company, que só iniciou as obras dois anos depois, após a aprovação de uma variante do traçado original que passava por dentro da cidade de Maceió e pelo Vale do Mundaú, ou seja, margeava orla lagunar em direção ao que hoje é o bairro do Bom Parto. (TENÓRIO, 1979).

Conforme Tenório (1979) a construção desta via foi primordial porque ela traçou o primeiro foco ascendente de ocupação da área estudada, além de permitir uma melhor mobilidade dos moradores a ampliação dos fluxos em direção ao Centro. Além disso, foi a partir desta via férrea que passou a existir uma intensificação da dinâmica entre os núcleos de povoamento dentro da província. Tal dinâmica somada ao aumento do índice populacional ocasionou a efetivação de melhorias públicas, sobretudo na região da Levada, que se tornava não só uma zona de comércio, mas também de moradias.

“Os intendentos procuraram endireitar as velhas ruas da cidade (...) Os bairros e arrabaldes agitam-se na renovação. São os mesmos, aliás, dos tempos imperiais; Jaraguá, Poço, Farol, Trapiche da Barra, Levada, Bebedouro. Em cada um, porém aparece sempre um sinal de atividade: ruas novas, palacetes que se constroem, casas que se edificam, praças que aparecem” (LIMA JUNIOR, 1976).

Com o crescimento rápido, a região da Levada suscitava preocupações, que já existiam desde 1821²⁸ quando a primeira tentativa de aterro foi realizada sem sucesso. Assim no início do século XX, na gestão do então governador Cel. Clodoaldo da Fonseca, Maceió passou por processos de urbanização que, segundo Lima Júnior (1976), além de proporcionarem a “remodelação da cidade”, contemplaram o bairro com saneamento e melhoria de parte das estradas que o cortavam.

Entretanto, deve-se ressaltar que, no que diz respeito à Levada, as melhorias e os aprimoramentos ocorreram em vários âmbitos. A conclusão do Porto da Levada em

²⁸ Em meio a um vigor econômico que era baseado em uma grande produção de açúcar, em 1820 o então presidente da província, Sebastião Francisco de Mello e Póvoas traçou um plano cadastral de tinha como objetivo servir de base para obras de melhoramentos em algumas localidades da vila de Maceió através do reconhecimento do território a partir do levantamento de seu relevo. Como a área que hoje é conhecida como Levada era importante devido ao canal e ao transporte fluvial, em meio as transformações funcionais (abertura e criação de novas ruas) tentou-se, sem sucesso aterrar alguns trechos da área que ficava próxima ao centro de ocupação da província.

1912 (figura 09), por exemplo, proporcionou maior agilidade no transporte de produtos e qualificação para as moradias do entorno da Rua Celeste Bezerra²⁹.

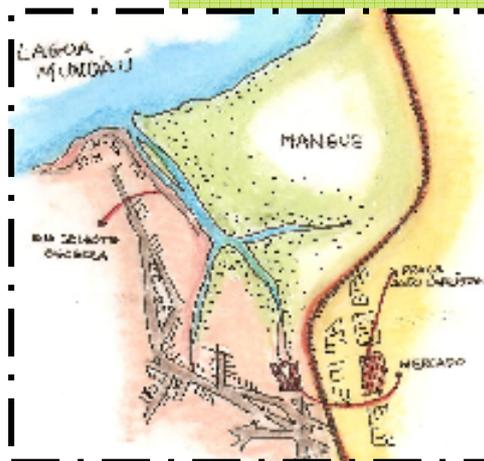
Também era nesta rua, segundo fotografias datadas da década de 1960 (figura 10), que a Feira do Passarinho se instalou após ser transferida da Praça João Capistrano³⁰. De acordo com Lima Júnior (1976), esta era a feira mais antiga e mais interessante da cidade que acontecia aos domingos. Tratava-se de uma feira realizada por pessoas “entendidas e especializadas” em passarinhos, e apenas isso era negociável. Pouco antes de sair da Praça João Capristano, a feira já havia perdido suas configurações originais onde já se observava outras variedades de animais e produtos que eram comercializados.

O Mercado Público, que já pertencia ao bairro, ganhou uma nova edificação (figura 11) que foi inaugurada, pelo prefeito Eustáquio Gomes e pelo Governador Osman Loureiro, em 1937. Para isto a antiga sede (figura 12), que existia desde 1848, foi demolida. Como a área de instalação do “novo” Mercado Público era uma área alagadiça especialmente nos períodos de inverno, a região foi aterrada em meio a sucessivas obras que foram realizadas na tentativa de solucionar tal problema.



Figura 09 - Inauguração do Porto da Levada em 1912.

Fonte: MISA.



Mapa 04: croqui exemplificativo que localiza a Rua Celeste Bezerra, o Mercado Público e a Praça João Capristano.



Figura 10- Feira do Passarinho (dec. de 60) : Avenida Celeste Bezerra.

Fonte: MISA



Figura 11 - Segundo Mercado Público Dec. de 1940. Fonte: MISA.

²⁹ Hoje avenida de mesmo nome.

³⁰ Hoje esta praça não existe. Em seu lugar foi construída a Sede da Secretaria de Educação que fica próximo ao limite entre o bairro do Centro e da Levada

O aterro que permitiu a instalação do novo Mercado Público foi apenas o ponto de partida de vários outros que propiciaram a área total do bairro e consequentemente a expansão da cidade, antes mais restrita. Com o crescimento do



Figura 12 - Primeiro Mercado Público de Maceió década de 1920. Fonte: MISA.

bairro da Levada, na década de 1930, vieram os hidroaviões (figura 13) que pousavam na Lagoa Mundaú, mais uma porta de acesso a cidade. Era um acontecimento para a cidade observar a aquaterrissagem e o levantar de vôo das aeronaves.



Figura 13 - Hidroavião no Porto da Levada, dec. de 1940.
Fonte: MISA.



Figura 14 - Festa no Canal da Levada na década de 1920.
Fonte: MISA.

Aos poucos todas as melhorias implementaram o processo de ocupação, permitindo que o bairro deixasse, então, o aspecto de subúrbio e local de moradia apenas para as classes menos privilegiadas. A Levada se tornou um cartão postal que agora convergia a população mais abastada, concentrava atividades comerciais e era palco das mais grandiosas festas populares (figura 14).

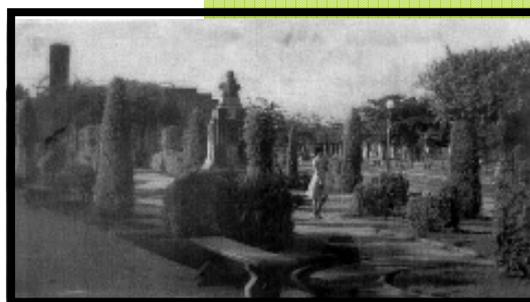


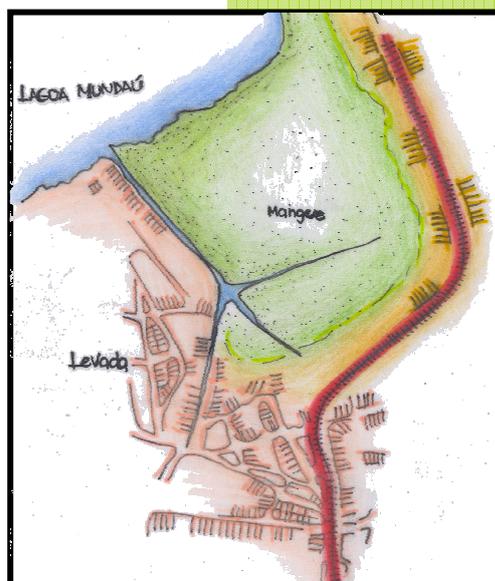
Figura 15 – Praça Emílio de Maya em 1940
Fonte: MISA.

A área se valorizava e tinha como inspiração para seu desenvolvimento o crescimento cultural e comercial do bairro vizinho, o Centro. Esta relação de proximidade permitiu ao morador da Levada desfrutar da infra-estrutura implantada no bairro adjacente. Contudo os tempos áureos que outrora fizeram da Levada durante um período de aproximadamente quarenta anos um bairro concorrido (1930 até meados de 1980), não duraram muito. Pouco a pouco, a poluição da lagoa foi se agravando e o adensamento

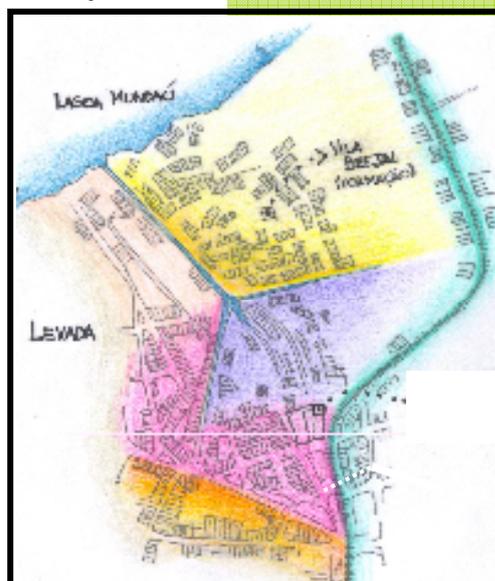
crescente, sem infra-estrutura adequada, acentuava a degradação ambiental e tornava o problema visível.

Por volta da segunda metade da década de 1940, iniciou-se a formação do que hoje constitui uma das maiores favelas de Maceió: a Vila Brejal (ARAÚJO, ALBUQUERQUE, MACEDO, 1983). Quando ainda o mangue e a vegetação cobriam toda a área, doze famílias foram ali alojadas a mando o Major Luís Cavalcante (mapa 05 e 06). Aos poucos, com muita perseverança, o que era alagado foi se tornando chão para construir e expandir a cidade em busca de um pedaço de solo urbano que era de ninguém (pertencia a Marinha).

O poder público já havia investido na área com a iniciativa de aterrar o



Mapa 05: croqui exemplificativo: localização da Vila Brejal



Mapa 06: croqui exemplificativo: localização da Vila Brejal e traçado o bairro



Figura 16: Vila Brejal

Fonte: acervo pessoal

mangue para interligá-la ao bairro do Bom Parto, porém sem sucesso. Mais tarde decidiu-se desviar a estrada ao antigo Mercado Municipal, fracassando mais uma vez e abandonando as terras que pouco tempo depois voltou a ser mangue (ARAÚJO et al., 1983).

O cenário daquele brejo começou a modificar quando, em 1950, uma seca enrijeceu as faixas de terras abandonadas e configurou-se de acordo com Martins (1999) como alternativa de moradia. O espaço proporcionava perspectiva de alimentos e trabalho pela proximidade com a lagoa Mundaú e com o Mercado Público. Logo, a área passou a ser procurada por moradores de outras periferias e imigrantes. Com o grande êxodo rural devido às mudanças nas relações de produção do setor agropecuário, iniciada na década de 1950 intensificando-se a partir da década de 1970, que resultaram na expulsão de muitas famílias moradoras para as periferias urbanas, essa procura aumentou consideravelmente.

“Para morar ali bastava disposição, coragem e barro para aterrar o mangue ou mesmo a própria lagoa (...)” (ARAÚJO, ALBUQUERQUE, MACEDO, 1983).

Toda a degradação provocada pelo crescimento da população mais pobre acarretou a evasão da população de poder aquisitivo mais alto. A implantação, na década de 1970, da Salgema Indústria Química S.A., hoje Braskem, também incentivou, em menor grau, a evasão nesta área. Esta indústria interrompeu o crescimento da cidade para o seu entorno imediato e contribuiu para a desvalorização dos bairros de sua proximidade. Mesmo sendo relativamente distante desta indústria, o Bairro da Levada, sofreu a risco de um desastre que, caso aconteça, poderá agredir diretamente os habitantes e o meio, principalmente a lagoa, fonte de renda e alimentos para parte da população local.

O processo crescente de ocupação da Vila Brejal foi um dos fatores que estimulou o governo do estado a aumentar o espaço físico da cidade de Maceió (ARAÚJO, ALBUQUERQUE, MACEDO, 1983). Em meio a este processo, houve a construção do Dique-Estrada que, devido a uma grande inundação em 1987, serviu de pretexto para controlar a proliferação dos assentamentos à margem da lagoa e consolidar as vias de acesso, entre as quais a Celeste Bezerra, à indústria química acima mencionada. Para o bairro da Levada, esta obra pública, teve grande importância

mesmo tendo que desabrigar algumas famílias e dividir a Vila Brejal, pois permitiu o acesso ao ônibus e aumentou o número de veículos passantes, contribuiu para valorizar comercialmente a terra urbana e, principalmente, firmou de uma vez por todas a região aterrada pela população. No entanto, também teve seu lado negativo, porque agravou ainda mais a decadência da área, intensificando a evasão de grande parte dos moradores que residiam próximo ao Mercado Público como será tratado a seguir.

2.4.1. A LEVADA HOJE

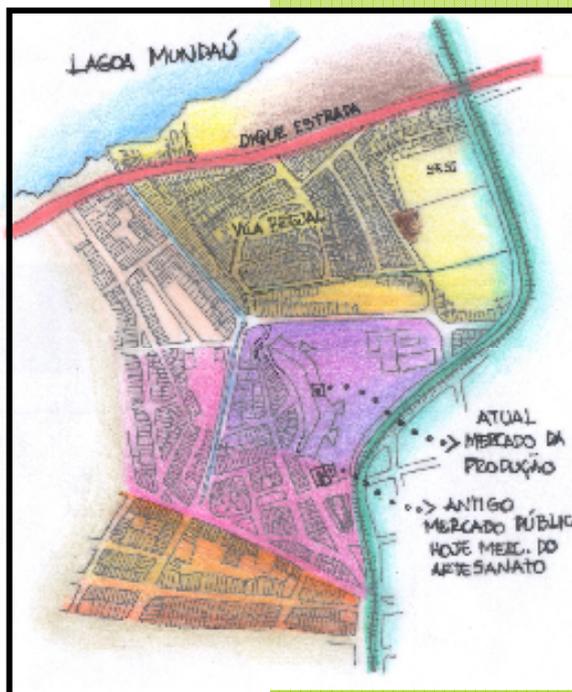
Conforme relatado anteriormente, até atingir suas características atuais, o bairro da Levada passou por diversas transformações históricas e geográficas. Atualmente, com uma ocupação consolidada, percebe-se que entre as mudanças que ocorreram na área, foi a construção de um aterro que trouxe mudanças espaciais significativas, inclusive porque possibilitou o aumento da área do número de construções no bairro. Hoje, completamente integrado ao antigo traçado (figura 17), este aterro soma ao bairro cerca de 45% de sua região total (dado medido no mapa base).

Mesmo com o aterro proporcionando uma grande mudança na área, foi a construção do Dique Estrada que causou maior impacto, pois trouxe modificações não só espaciais, mas também na



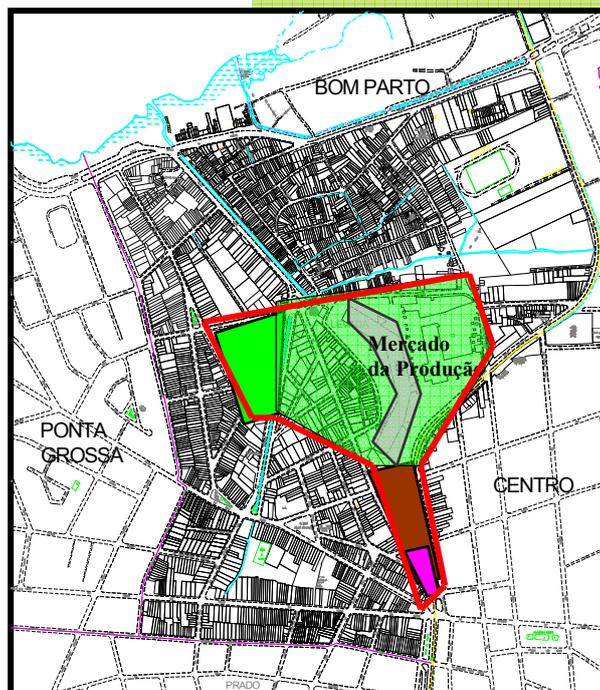
Figura 17 - Foto do bairro da Levada mostrando o aterro já integrado à paisagem.

Fonte: Arquivo pessoal



Mapa 07: O bairro da Levada hoje

dinâmica do bairro. A concretização desta obra exigiu que a “Feira do Passarinho” fosse transferida das margens do canal da Levada, já que este foi canalizado, resultando em um tráfego intenso na Avenida Celeste Bezerra, sobretudo de transporte coletivo. Desta vez, a feira foi alojada ao lado da linha do trem, instalando-se ao longo da Avenida Doutor Francisco do Menezes e se adaptando ao espaço existente (mapa 08). No entanto, parte continuou próxima ao canal, constituindo um núcleo que existe até hoje e que ainda comercializa passarinhos (NASCIMENTO, 2004).



Mapa 08: Mapa com localizações das feiras: em vermelho toda a área de comércio informal e feira livre, em marrom “Feira do Rato”, em verde “Feira do Passarinho” e área de expansão e em rosa o camelódromo

Tal ação favoreceu o crescimento sem controle da atividade ambulante da área, consolidando além da já conhecida “Feira do Passarinho”, um camelódromo na praça Emílio de Maya e, no trecho ao lado do Mercado Público, uma região conhecida como “Feira do Rato” que se destina à venda de produtos que são resultantes de contrabando (mapa 08).

Em meio a esta série de modificações existiu também uma evasão de parte dos moradores que se viram prejudicados diante o crescimento da pobreza e, conseqüentemente, da desvalorização imobiliária. Devido à presença da atividade ambulante, sobretudo a “Feira do Rato”, que é alvo de constantes batidas policiais, muitas atividades que faziam o bairro da Levada um lugar concorrido e que se concentravam em frente a Praça Emílio de Maya, como restaurantes requisitados, lanchonetes badaladas e um cinema bastante freqüentado, encerraram suas atividades ao mesmo tempo em que parte da população que residia próximo se evadiu para outras áreas. Ainda hoje, mesmo diante dos problemas e reclamações resultantes do aumento do número de ambulantes, sobretudo para as pessoas que trafegam de carro e de ônibus, as feiras do “Rato” e do “Passarinho” continuam a acontecendo todos os

dias, de forma insistente às margens da linha férrea, do lado do Mercado do Artesanato e do camelódromo que se consolidou na Praça Emílio de Maya.

Quanto ao Mercado Público (figura 18) este foi, pela terceira vez, transferido no fim dos anos 1970 e lá ainda se encontra ocupando uma grande área aterrada aos fundos de sua antiga construção. Ao lado da edificação que o abrigou antes se encontra, hoje, instalado o Mercado do Artesanato (figura 19). Até 2005 este mercado, hoje conhecido como “Mercado da Produção”, juntamente com a Central de Abastecimento S.A. (CEASA), continuaram desempenhando importante papel na dinâmica do bairro, constituindo-se no maior centro de abastecimento de hortifrutigranjeiros do Estado de Alagoas. Contudo, chegou-se a conclusão de que as instalações físicas e vias de tráfego local já não mais atendiam às demandas básicas da Central de Abastecimento, evidenciando-se uma série de carências e problemas que justificam a transposição da CEASA para uma outra localidade. Entre os principais problemas apontados podem ser citadas as péssimas condições de higiene na armazenagem, manipulação e comercialização dos produtos, a carência de infra-estrutura no terminal de carga e descarga, bem como estacionamentos insuficientes, a deficiência das redes de esgotos e drenagem entre outros.

Hoje a CEASA (figura 20) se localiza no bairro do Tabuleiro, próxima a antiga fábrica Forene, na parte alta da cidade. Inicialmente, a expectativa era que esta transferência proporcionasse melhores condições tanto para a CEASA quanto para o “Mercado da Produção”. O principal objetivo era fazer com que houvesse uma diminuição do fluxo de veículos e de usuários “desafogando” o bairro da Levada e amenizando, o desperdício de alimentos



Figura 18 - Atual Mercado Público circundado por ambulantes.

Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 19 - Atual Mercado do Artesanato com todos os seus produtos à mostra.



Figura 20 - Acesso CEASA-AL no bairro da Levada.

Fonte: Arquivo pessoal.

gerado pela má acomodação da CEASA e do Mercado da Produção juntos. Entretanto, após quase três anos, para os moradores, comerciantes e freqüentadores este objetivo não foi alcançado, pois além das melhorias serem pouco destinadas para esta área de comercialização o bairro perdeu uma parte importante que o valorizava diante da cidade, já que deixou de ser o maior centro de abastecimento de hortifrutigranjeiros do Estado de Alagoas.

Mesmo com esta “perda” ainda existem aspectos que ressaltam o bairro no contexto da cidade. Atualmente, entre os elementos mais interessantes e que atraem a atenção dos curiosos a respeito do bairro se evidencia a linha férrea. Ela ainda continua sendo utilizada desde sua implantação e atualmente define o limite entre os bairros da Levada e do Centro. Todos os dias, quando o trem passa pela Feira do Passarinho (figura 21) os ambulantes retiram suas mercadorias, se necessário, e retorna com elas assim que o trem passa. O trem interage com o espaço, seu som e sua pontualidade fazem parte do cotidiano. Hoje, sem o glamour de tempos passados, o trem é ainda relevante para o transporte urbano da população de baixa renda e para a interligação dos bairros, estando presente na imagem do bairro tanto os moradores como não-moradores, como para os não usuários.

Outro elemento bastante marcante no bairro é o Canal da Levada. A tecnologia utilizada na urbanização da área transformou o que restou do canal em uma vala de alvenaria que hoje, infelizmente, recebe os esgotos de várias edificações acentuando sua degradação (figura 22). Como o porto da Levada não existe mais

devido ao processo de aterramento do bairro, da poluição e estreitamento de seus canais, o canal, sobretudo para os não-moradores, acrescenta à imagem do lugar uma impressão de descaso e abandono por sua poluição e a sujeira. Porém, para alguns moradores, em sua maioria os mais antigos, o canal aparece como um elemento positivo para o bairro, pois faz parte do contexto histórico do lugar.



Figura 21 - A Feira do Passarinho e do Rato.

Fonte: Arquivo pessoal.

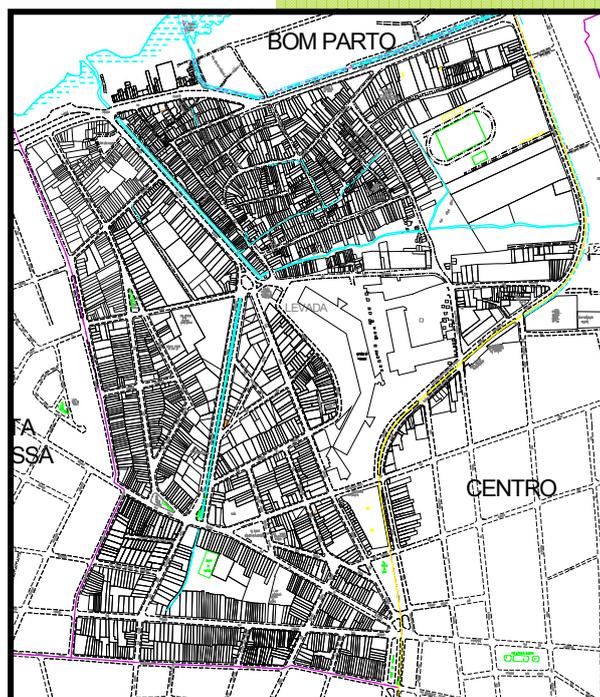


Figura 22 – O canal da Levada.

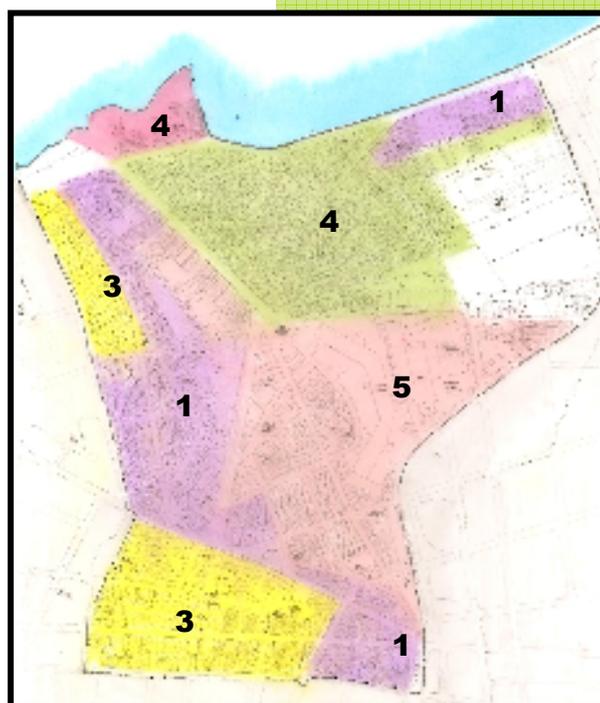
Fonte: Arquivo pessoal.

Este fato também acontece com o hidroporto. Por volta de 1998, com as divisões mais recentes dos limites de bairros, a Levada, que antes ocupava toda a parte ocidental logo no início de sua formação, ficou menor e conseqüentemente o hidroporto, que já não funciona mais, passou a pertencer ao bairro do Vergel do Lago. A sua pista permanece no mesmo local só que agora está sendo utilizada como sede de um laboratório marinho pertencente à Universidade Federal de Alagoas. Mesmo não fazendo parte do bairro ele ainda é mencionado por alguns idosos em relatos sobre a história do lugar.

Em relação a sua configuração o bairro apresenta um traçado não ortogonal (mapa 09). No entanto, em meio às transformações propiciadas pelas obras e pela própria dinâmica do bairro, observa-se que hoje a Levada apresenta algumas variações em sua configuração, as quais podem ser analisadas a partir de zoneamentos, sobretudo acerca



Mapa 09: configuração da Levada
fonte: PMM, 2004



Mapa 10: Zoneamento das diferentes tipologias configuração da Levada – em rosa área de intenso comércio (5)

das tipologias das construções (mapa 10). Na área mais antiga que foi primeiramente ocupada, por exemplo, ainda existem residências, inclusive com características do início do século passado. A grande parte destas construções está localizada próximo à Avenida Celeste Bezerra cuja região, mais antiga e não aterrada, possui certa regularidade quanto às dimensões de ruas e lotes.

No que diz respeito à população mais abastada, esta optou por morar nos novos bairros que iam surgindo, a exemplo do Farol e da região da orla marítima, enquanto o bairro em estudo voltou, em meados de 1990, a ser ocupado por uma população mais pobre, entre média baixa e baixa renda. Neste período o comércio se instalou

com maior intensidade no bairro, sobretudo ao longo das principais vias de acesso e nas imediações do Mercado Público e do Centro de Maceió. Contudo, mesmo com a intensificação do comércio e a evasão de grande parte da população, segundo o Censo do Instituto

Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o bairro da Levada possuía, em 2000, 10.582 habitantes distribuídos entre 2.667 domicílios, levando a constatação que ainda existe grande número de residências no local.

Mesmo ainda existindo moradores que residam nesta área do bairro deste os tempos de seu auge, mais precisamente das décadas de 60 e 70, à medida que se avança em direção a linha férrea, percebe-se que a atividade comercial se torna mais intensa ao mesmo tempo em que diminui a quantidade de residências. A parte aterrada ainda no início do século XX (mapa10), nas proximidades do canal e suas adjacências é onde a atividade comercial se destaca variando desde o comércio ambulante, serviços, comércio

formal, comércio atacadista até uma pequena indústria de gelo. Tal fato pode ser atribuído à relação histórica deste trecho com canal, ao transporte, ao comércio e a implantação do Mercado Público e da Feira livre desde 1848. De certa forma, pode-se dizer que é o aspecto histórico um dos principais fatores que permite com que a área



Figura 23: tipologia 1



Figura 24: tipologia 2



Figura 25: tipologia 3



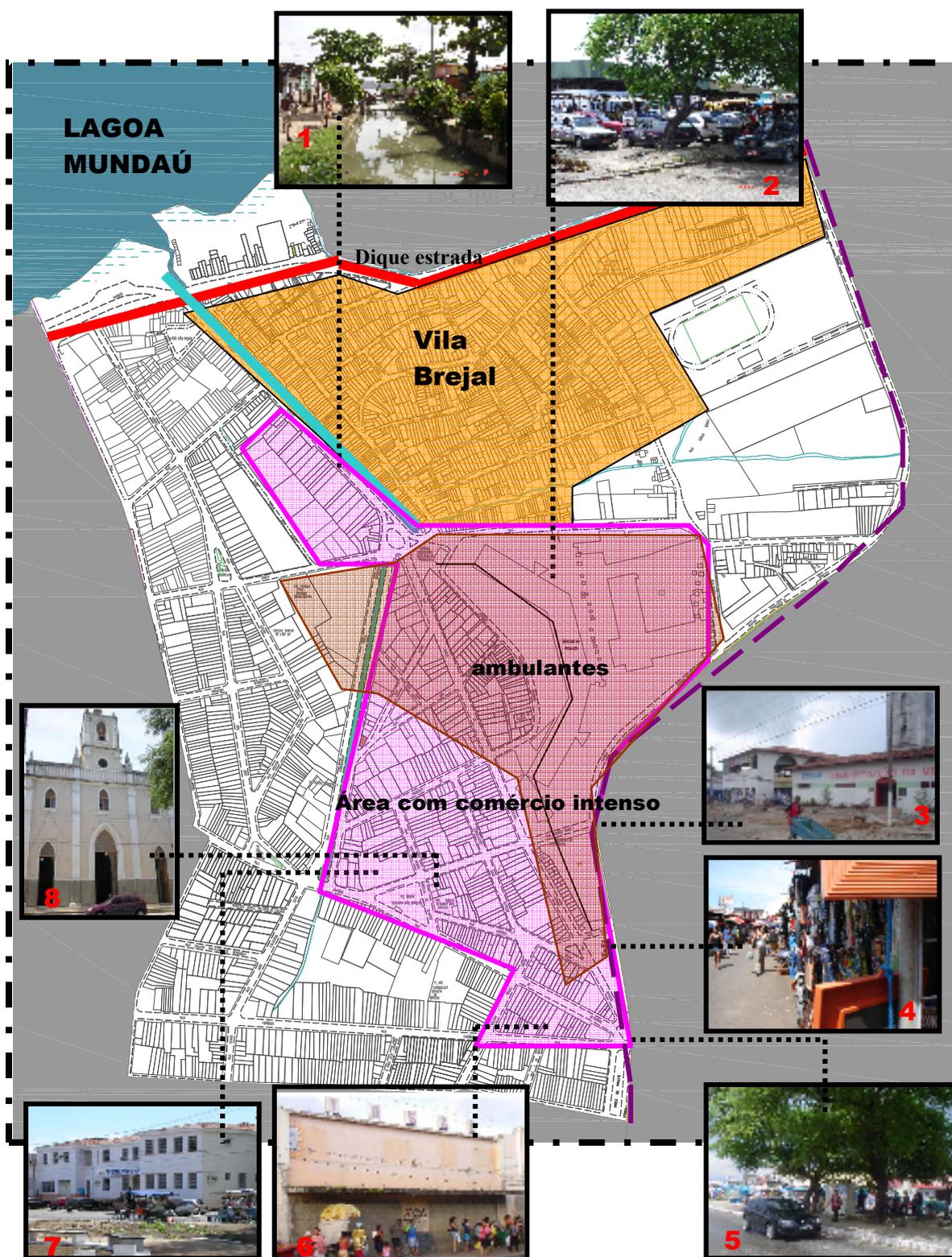
Figura 26: tipologia 4

hoje esteja tão relacionada à feira livre e que ainda nos dias de hoje tenha força na identidade da região.

Ainda próximo a esta região de comércio é possível localizar muitas residências, que se instalaram aí ainda quando o bairro se encontrava em seu período de auge. Estas residências têm uma tipologia que correspondem a grande maioria do bairro (figura 23), visto que foram construídas entre as décadas de 60 e 80. Neste trecho ainda se encontram as principais igrejas e praças, pessoas na calçada e crianças brincando e pequenas vilas que são muito comuns no bairro. Assim, ao passar por esta área, por um momento, pode-se esquecer da dinâmica comercial que faz parte deste bairro e até, para os primeiros freqüentadores ou os mais desavisados a impressão de que já não se está na Levada.

Esta impressão é ainda mais evidente quando se está levando em conta o mapa da Levada. Ao se analisar a configuração do bairro sob esta perspectiva que o referencia como um todo, percebe-se que a Vila Brejal se destaca com suas ruas de traçado e organização diferenciado (mapa 10 e 11), realizada pelos próprios moradores. A tipologia das construções é bem diferente de todo o resto do bairro, inclusive devido aos desníveis que existem na região. Assim, geralmente as casas apresentam uma calçada alta ou escadas, aspectos que para os moradores e freqüentadores são primordiais na diferenciação deste trecho em relação ao bairro de forma geral. O mesmo ocorre com as moradias que se localizam próximo à lagoa que se caracterizam pelo material de construção que na grande maioria são “barracos” de papelão ou madeira (figura 26)

De forma genérica, nota-se em um primeiro olhar que o bairro da Levada é muito heterogêneo. Este aspecto é bastante perceptível, sobretudo quando se conhece seus limites, já que devido a sua tipologia, dinâmica e até traçado ele pode ser consolidado como vários em um só. Ao se explorar o bairro e sua imagem estas configurações e tipologias ressaltam muitas vezes uma imagem múltipla, rica em sensações e elementos imagéticos que consolidam a Levada através de diferentes perspectivas e lugares dependendo da amostra que é contemplada (mapa 11).



Mapa 11: Algumas das principais localizações da Levada: 1- Canal da Levada, 2-Mercado da Produção, 3-Mercado do Artesanato, 4- feira do Passarinho, 5- Praça do Pirulito, 6- Antigo Cinema Ideal, 7- 1º Centro de Saúde, 8- Igreja N.S das Graças

3. EXPLORANDO O BAIRRO DA LEVADA

3.1. AS AMOSTRAS

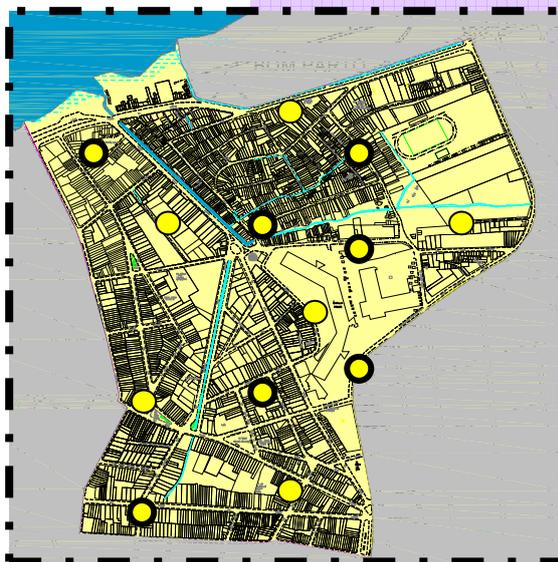
Com o objetivo de entender os elementos formadores da imagem de um lugar construída por seus usuários, dimensionou-se uma amostra que contemplou os mesmos. De forma geral, esta amostra, em um primeiro momento, foi bastante heterogênea, pois envolveu os usuários da Levada em geral, aspecto importante na fase da pesquisa piloto para entender o bairro e, sobretudo, para adequar a metodologia. Neste sentido, todos aqueles que utilizam a área, diariamente, foram considerados nesta amostra, intitulada “amostra 1”: moradores, comerciantes assim como os freqüentadores assíduos do bairro que diariamente iam para fazer compras ou para utilizar as paradas de ônibus.

Ainda no decorrer da pesquisa piloto, como também se tinha o interesse de identificar os elementos negativos e positivos na ancoragem da imagem de um lugar e a influência desses elementos na consolidação de referenciais, foi constatado, em meio aos longos ajustes na metodologia e na coleta de diversas informações da amostra 1, que se fazia necessária uma outra amostra. Esta segunda amostra contemplaria pessoas externas ao bairro em estudo, isto é, seriam habitantes da cidade, de uma forma geral, que em sua maioria constituíram um grupo de pessoas que não moravam na área ou não a freqüentavam. Esta outra amostra, intitulada “amostra 2”, possibilitaria entender de maneira mais clara a noção de bairro, assim como as sensações e elementos vinculados a esta definição na ótica dos usuários em geral. Além disso, para que a imagem do bairro da Levada existisse seria necessário que ele fosse percebido no contexto da cidade, e não apenas em sua individualidade (ELALI, 2007). Desta forma, a “amostra 2” também seria uma forma de confronto que ao incluir pessoas de outros bairros acrescentaria diferentes graus de aproximação com o lugar e conseqüentemente imagens variadas, associadas à realidade de Maceió.

Em meio ao exposto, onde se torna evidente a necessidade e a importância de uma segunda amostra para o estudo da imagem, no caso desta investigação se destaca também a possibilidade de se entender melhor os aspectos que se relacionavam com o lugar sem destacar somente aqueles que correspondem apenas a realidade do bairro sob o ponto de vista de seus usuários. Neste aspecto, foi buscando os elementos que

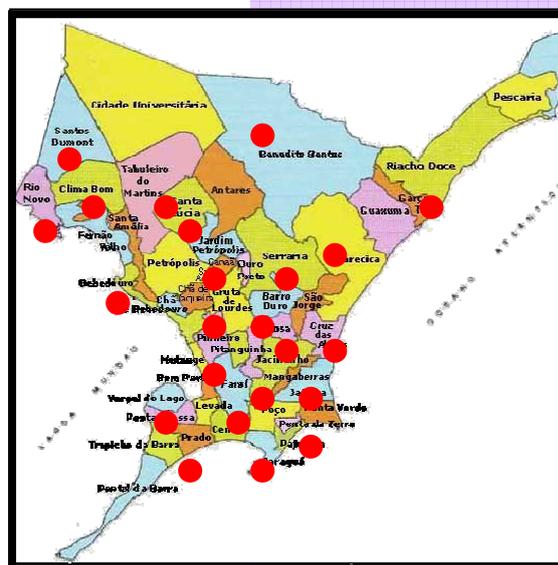
poderiam ser enfatizados em um contexto maior e que, quando valorizados permitiriam que o bairro fosse visto como um lugar agradável também no contexto da cidade. Assim, neste trabalho foram exploradas duas amostras com as seguintes particularidades:

- Amostra 1 – “*in loco*” com os usuários do lugar em geral: comerciantes, frequentadores e moradores. Sempre com o intuito de tentar colher resultados que estivessem baseados na totalidade da área os respondentes foram abordados, de forma aleatória, em diversas partes do bairro.



Mapa 12: localização entrevistas da amostra 1

- Amostra 2 – fora da área de estudo, com pessoas que nunca moraram ou frequentaram o lugar. Para tal, a cidade de Maceió foi dividida em cinco áreas (mapa 13) com o objetivo de, além de proporcionar uma abrangência significativa para a pesquisa piloto, possibilitar uma amostra diversificada com resultados significativos. Entretanto, neste ponto, deve-se salientar que estas duas amostras foram primeiramente utilizadas na pesquisa piloto e que, devido aos resultados desta, para a pesquisa final os perfis dos entrevistados foram direcionados, como será explicado a seguir.



Mapa 13: Localização das entrevistas da amostra 2. fonte: www.coisasdemaceio.com.br

3.1.1. A PESQUISA PILOTO: BAIRRO x CIDADE

Na pesquisa piloto tanto a amostra 1 como a amostra 2 foram entrevistadas o mesmo número de pessoas: um total de 50 entrevistados para cada amostra (gráfico 1). Neste primeiro momento, a amostra 1, que correspondia aos usuários do bairro, foi bastante heterogênea, ou seja, composta pelos moradores (20 entrevistados), comerciantes (20 entrevistados) e frequentadores (10 entrevistados) (gráfico 2). As primeiras entrevistas destinadas à realização da pesquisa piloto foram realizadas durante as visitas de campo efetivadas em um período de dois meses.

Como os entrevistados eram escolhidos de forma aleatória, isto é, sem um perfil pré-determinado onde a única exigência era ser usuário do bairro da Levada, esta amostra se caracterizou através de diferentes faixas etárias e graus de escolaridade. Contudo, notou-se traços em comum nestes usuários que em sua grande maioria tinham idade entre 20 e 39 anos (48%) seguidos da faixa que compreendia de 40-59 anos (36%) (gráfico 03). Da mesma forma ocorreu no grau de escolaridade em que a maioria (36%) possuía o ensino fundamental, seguidos de 28% do ensino médio e 20% sem nenhuma escolaridade (gráfico 04).

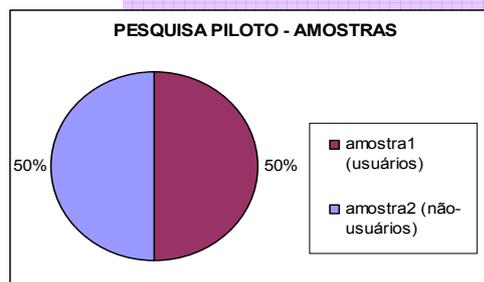


Gráfico 01: Porcentagem das amostras 1 e 2-pesquisa piloto

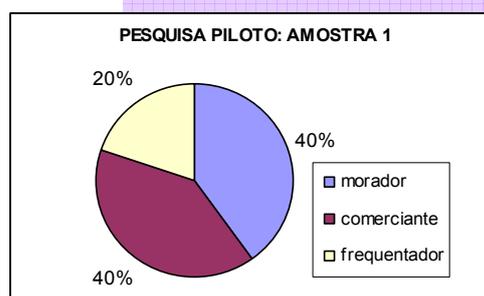


Gráfico 02: Grupos da amostra 1-pesquisa piloto

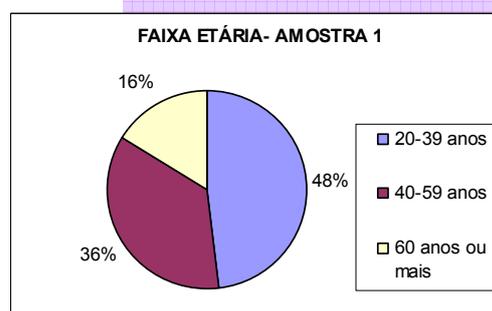


Gráfico 03: Faixa etária da amostra 1-pesquisa piloto

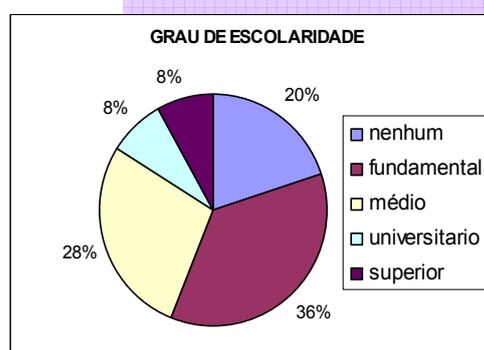


Gráfico 04: escolaridade da amostra 1-pesquisa piloto

Já na amostra 2, como os entrevistados residiam em diferentes localidades, as visitas a campo contemplaram diversos bairros de Maceió. Nesta amostra, buscou-se

explorar bairros diversos que abrigavam as mais diferentes realidades e que consequentemente poderiam apresentar imagens variadas acerca do bairro da Levada, isto é, tanto construídas como veiculadas. (gráfico 05) Ou seja, através desta amostra, tentou-se entender as principais características e elementos que poderiam estar vinculados a noção de bairro, de uma forma geral, no contexto maceioense. Da mesma forma que a amostra 1, foram entrevistadas 50 pessoas, distribuídas ao longo de toda a cidade. A seleção também foi feita de forma aleatória, onde o único critério era não usufruir diretamente do bairro e com a cautela de se contemplar a cidade de Maceió em sua totalidade.

Como na amostra 1, na amostra 2 os entrevistados tinham perfis variados, apresentando diferentes faixas etárias e graus de escolaridade. Percebeu-se que a amostra 2 seguia um padrão similar de faixa etária da amostra 1, ou seja a grande maioria tinha idade entre 20 e 39 anos (40%) seguidos da faixa que compreendia de 40-59 anos (36%). Já na escolaridade o perfil divergia um pouco. Nesta amostra o maior número de entrevistados tinha o ensino médio (36%). O ensino fundamental aparecia em segundo lugar (28%), seguido logo após pelo superior (20%).

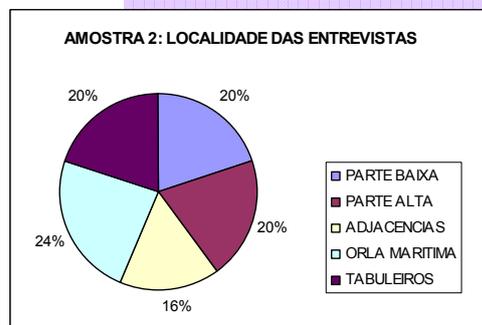


Gráfico 05: Composição da amostra 2-pesquisa piloto

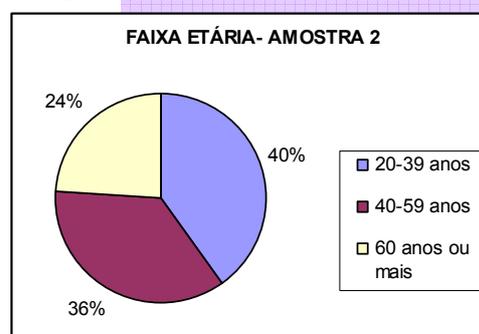


Gráfico 06: Faixa etária da amostra 2-pesquisa piloto

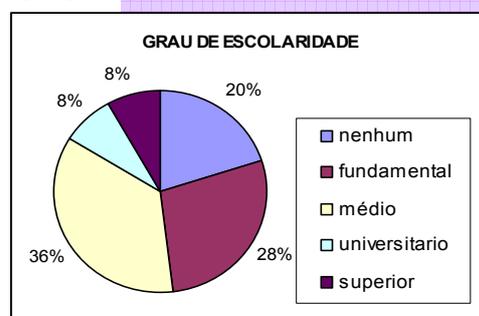


Gráfico 07: Grau de escolaridade da amostra 2 - pesquisa piloto

3.1.2. PESQUISA FINAL: MORADOR x NÃO MORADOR

Inicialmente, o que pode ser dito acerca das amostras é que as dimensionadas para a pesquisa piloto foram fundamentais, pois apresentaram resultados que subsidiaram as direções seguidas pela pesquisa final. Desta forma, devido aos resultados

da imagem do lugar que serão apresentados na seção a seguir, para a pesquisa final deste trabalho, optou-se por explorar ainda as duas amostras, no entanto, estas eram mais homogêneas, sobretudo em relação à escolaridade, idade e relação com o bairro, que neste caso contemplou os moradores e os não-moradores da Levada.

Para a pesquisa final, resultante de quatro meses de visita de campo, foram entrevistadas mais quarenta pessoas, das quais 40 eram moradores (amostra 1) e 40 eram não-moradores (amostra 2), isto é, pessoas de outros bairros (gráfico 08). Os participantes foram escolhidos de modo aleatório, mas nesta etapa se teve o cuidado de gerar amostras semelhantes de moradores e não-moradores. Neste caso, tanto na amostra 1 como na amostra 2 os entrevistados apresentavam faixa etária entre 20 e 75 anos. A escolaridade variava entre fundamental e superior. Quanto ao gênero, ambas envolveram o mesmo número de homens e mulheres (25% para cada uma)

Diante do perfil da amostra 1, um ponto interessante foi detectado. Na maioria dos moradores entrevistados ficou caracterizado que eles não eram apenas moradores (28%), mas também comerciantes da área (gráfico 10). Foi esta constatação que explicou a existência do

grande número de residências mistas (15%), ou seja, comércio e moradia, principalmente na área de maior influência de comércio, e que foi notado no estudo de uso do solo do bairro (anexo 03). Este é um traço tão forte e característico do bairro que mesmo aqueles que não possuem residência mista possuem algum tipo de comércio do bairro, sendo também descritos como moradores – comerciantes (22%). Quanto aos não-moradores, foi seguido o mesmo padrão da pesquisa piloto, inclusive considerando a aplicação das entrevistas em diferentes partes da cidade.



Gráfico 08: Porcentagem das amostras 1 e 2 - pesquisa final



Gráfico 09: Composição das amostras 1 e 2: pesquisa final

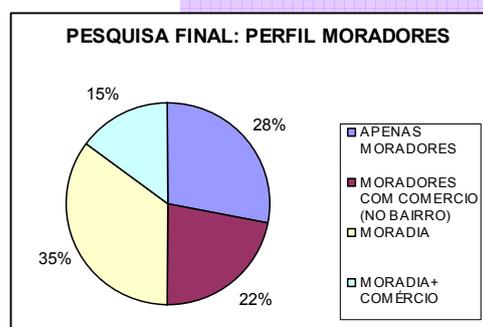


Gráfico 10: Perfil dos moradores entrevistados (amostra 1) pesquisa final

3.2. A METODOLOGIA

Antes de tudo, avaliar um lugar é considerar os diversos fatores que o compõem, priorizando não apenas os referenciais relativos a aspectos sociais, mas também espaciais, culturais e históricos. Foi pensando desta forma e compreendendo que o usuário poderia fornecer tais informações que foram utilizadas entrevistas como uma maneira de obter as opiniões de cada um.

O estudo empírico em questão visava avaliar estes aspectos através de categorizações. As diferentes e individuais interações com os lugares resultam nessas avaliações de níveis hierarquicamente variados. Assim, buscou-se examinar as diferenças e as similaridades entre os conteúdos das categorizações. Nesta perspectiva, o trabalho piloto auxiliou bastante, pois determinou as instruções mais apropriadas a cada contexto considerado. Da mesma forma, foi através desta pesquisa piloto que se tornou possível encontrar uma metodologia adequada para esta pesquisa.

Para este estudo que envolveu o indivíduo, recorreu-se a algumas metodologias relacionadas às ciências sociais por entender que, por meio deste campo de conhecimento, era possível obter formas de explorar as respostas dos entrevistados. Por isso, antes de definir a metodologia que foi utilizada neste trabalho, percorreu-se um longo trajeto através de cinco metodologias.

Em um primeiro momento, ainda na fase de adequação do plano de trabalho o principal enfoque era a História Oral. Enquanto metodologia de pesquisa, a História Oral se ocupa em conhecer e aprofundar conhecimentos sobre uma determinada realidade, envolvendo desde estruturas sociais até processos históricos que podem ser obtidos por meio de uma simples conversa (FEREIRA e MARIETA, 1996) Interessante por suas possibilidades, acreditava-se que através dela poderia ser construída uma visão mais concreta da dinâmica da realidade do bairro da Levada.

De fato, durante algum tempo a História Oral serviu de acesso às idéias e pensamentos dos respondentes. Nas primeiras visitas a campo, por exemplo, que tinham como objetivo um reconhecimento do bairro, algumas narrativas foram extraídas através desta metodologia. Ainda por meio de um contato inicial com alguns entrevistados foi possível coletar algumas informações que eram extraídas através de uma conversa informal. Na verdade eram narrativas que, baseadas em um banco de dados, exploravam diversos aspectos que iam desde informações pessoais, relacionadas diretamente ao indivíduo, até a relação deste com o lugar. No entanto, observou-se, nos resultados

adquiridos através da História Oral que, mesmo tendo conseguido algumas informações, as mesmas viam fundamentadas em um resgate da memória e do passado, aspectos que não eram interessantes para este trabalho que se baseia em entender o presente.

Considerando-se a História Oral uma metodologia que ainda carece de métodos complementares, ou seja, além do discurso oral é importante também o escrito (FERREIRA; MARIETA, 1996) tentou-se recorrer a outra metodologia com o intuito de que, ao ser aplicada em conjunto com a primeira, fosse possível alcançar os objetivos deste trabalho com plenitude. Assim, como uma maneira de analisar melhor as narrativas, em um segundo momento, pensou-se na Análise de Conteúdo, que auxilia no entendimento e na análise de informações coletadas.

A Análise de Conteúdo é uma técnica de pesquisa para uma descrição objetiva, sistemática e quantitativa de qualquer conteúdo manifesto da comunicação (In RICHARDSON, 1985). De forma geral corresponde a um instrumento metodológico que permite compreender melhor um discurso e de aprofundar as suas características – gramaticais, fonológicas, cognitivas e ideológicas – e extrair momentos importantes, que sirvam de marco de explicação para o pesquisador (BARDIN, 1977). No entanto, como os conteúdos das narrativas correspondiam às informações coletas pela História Oral, que por sua vez estavam fundamentadas na memória e no passado, esta metodologia também não auxiliou no entendimento do presente. E como por meio da Análise de Conteúdo não foi possível elaborar formas de extrair do respondente as informações, apenas avaliá-las, esta metodologia também não poderia ser unicamente aplicada.

Após verificar o alcance da História Oral para esta pesquisa, viu-se a necessidade de procurar uma outra metodologia. Neste ponto já era entendido que seria importante que a escolha metodológica, em meio às considerações subjetivas, permitisse que as pessoas pudessem estar livres em suas escolhas, mas que ao mesmo tempo o conteúdo destas estivesse dirigido para as inquietações acerca da “imagem do lugar”. Neste sentido, recorreu-se a sintaxe espacial enquanto método eficiente a compreensão de uma lógica espacial.

Esta terceira opção se relacionava mais diretamente com a descrição morfológica dos lugares, visto que desde que suas aplicações foram continuadas por Hilier e Hanson (apud SABOYA, 2007) foram acrescentados objetivos mais amplos dentre os quais a compreensão de como a organização social se materializa espacialmente e como o espaço interfere de volta nesta organização. Em linhas gerais, a

sintaxe espacial é uma teoria descritiva que pertence a um corpo teórico metodológico mais amplo representado pela teoria da lógica espacial (apud SABOYA, 2007). Entretanto, como se baseia muito mais na quantificação do que na qualificação das qualidades espaciais, ela também não respondeu às questões inerentes a este trabalho.

Diante de diversas tentativas e mesmo com muitas informações disponibilizadas, como a maioria não dizia respeito à grande parte das inquietações desta pesquisa, recorreu-se a uma quarta metodologia: Teoria das Facetas. A Teoria das Facetas enquanto um procedimento de pesquisa que envolve três aspectos diferentes parecia contemplar pontos que as outras metodologias não conseguiram explorar. Primeiro, oferecia princípios sobre como delinear pesquisas para coleta sistemática dos dados. Segundo apresentava uma variedade de métodos para analisar dados. E finalmente, permitia relacionar sistematicamente o delineamento de pesquisas, registro de dados e sua análise estatística (SHYE; ELIZUR; HOFFMAN, 1994). De certa forma, através da Teoria das Facetas foi possível elaborar melhores formas de extrair as respostas dos entrevistados, pois ela permite analisar uma grande variedade de variáveis psicológicas e sociais. Além disso ela também facilita a formulação de suposições teóricas, isto é hipóteses. Mas, como apenas verifica a validade destas, ou seja, e não as fornece, também não correspondeu a todas as questões presentes nesta pesquisa.

Assim, foi apenas na quinta tentativa que se conseguiu obter os resultados que correspondessem aos objetivos do trabalho. Foi possível elucidar alguns procedimentos para explorar as categorias e sistemas de classificação utilizados pelos respondentes apenas através da Teoria das Classificações Múltiplas, exploradas por Canter, Brown e Groat (1985) também conhecida como MSP (multiple sorting procedure). Como esta teoria desenvolve procedimentos que buscam explorar o conteúdo dos fenômenos especificadamente, ela se tornou um elemento basilar, sendo utilizada tanto na pesquisa piloto quanto na pesquisa final. Entretanto, deve-se ressaltar que embora em um primeiro momento as metodologias anteriormente aplicadas não tenham correspondido às questões deste trabalho, elas foram essenciais, principalmente em relação a algumas informações que foram coletadas em suas aplicações. Embora não tenham sido largamente utilizadas na pesquisa final, elas possibilitaram entendimentos acerca da imagem do bairro, auxiliando na explicação de certos elementos e de sua relação com os moradores e não-moradores. A História Oral, por exemplo, auxiliou na abordagem de alguns dos entrevistados, principalmente aqueles que aceitaram responder as questões, mas se mostraram pouco acessíveis. Já a análise de conteúdo foi utilizada para explorar

o procedimento de associação livre, enquanto a sintaxe espacial auxiliou no entendimento da imagem dos freqüentadores e dos não-moradores do lugar. Quanto à teoria das facetas, esta não foi diretamente aplicada na pesquisa piloto, mas foi de grande importância no ajuste dos procedimentos, delineando, através de possíveis hipóteses, as direções preliminares da pesquisa piloto. Entretanto na pesquisa final ela auxiliou na compreensão da imagem do morador e seu nível de satisfação com o lugar. Neste sentido, torna-se evidente que a escolha de uma metodologia que correspondesse às indagações da pesquisa, seguiu diversos caminhos, sendo apenas a última, a Teoria das classificações múltiplas, a que de fato conseguiu sinalizar com clareza e objetividade os anseios deste trabalho.

3.2.1. CLASSIFICAÇÕES MÚLTIPLAS

Segundo Tuan (1980) as pessoas expressam seu afeto e percepção a um lugar diferentemente, dependendo se é nativo ou visitante. Contudo, todos sem exceção estruturam o que aprendem em categorias. De fato, esta é uma característica inerente ao processo de aprendizado que por meio de assimilações e acomodações, estabelece uma ordem. É baseado neste princípio que neste trabalho se optou pela Teoria das Classificações Múltiplas.

Também conhecida como MSP (Multiple Sorting Procedure), a Teoria das Classificações Múltiplas se baseia, como o próprio nome descreve, na classificação como um meio de explorar o sistema conceitual do indivíduo. O método de classificação tem sido tipicamente utilizado para avaliar as estruturas, como algo livre que pode ser introduzido em diversos contextos que se relacionam a análise das escolhas dos indivíduos.

A abordagem realizada por Canter, Brown e Groat (1985) estende a potencialidade do método para a sua utilização em fenômenos específicos. A aplicabilidade da teoria tem sido implementada com o desenvolvimento de procedimentos que permitem examinar o conteúdo gerado pelas escolhas. Esta teoria tem uma série de vantagens, especialmente na identificação de qualidades atribuídas aos lugares (SIXSMITH; MURRAY, 1991). O método requer muito pouco de seus respondentes, basicamente a opinião, de acordo com as qualidades e características percebidas. As perguntas são elaboradas de forma descontraída, com algumas direções e

sem restrições, aspecto caracteriza este processo como múltiplo e classificatório, bastante válido para esta pesquisa.

A teoria das classificações múltiplas também apresenta a possibilidade de se utilizar de outras formas de acesso além da forma verbal. Quando as pessoas começam a classificar aspectos ou até objetos elas usam imagens, símbolos, valores, conceitos que estão em suas mente (MOSCOVICI, 2003). A verbalização é feita depois de completar a classificação, em um momento que o entendimento já a permite uma capacidade de se expressar desta forma (PIAGET, 1978). Baseado nesta possibilidade, a MSP permite que os respondentes classifiquem um mesmo elemento diversas vezes de acordo com diferentes categorias que seguem a ordem de seu entendimento. Assim é possível ter uma grande variação no instrumental teórico através da estruturação de procedimentos que permitam utilizar ilustrações e fotografias. Este tipo de material é muito utilizado em pesquisas relacionadas ao espaço por ser um dos objetos de estudo que permite a utilização de material visual (CANTER, 1985).

Assim, estruturaram-se algumas perguntas de forma que fosse possível examinar o conteúdo gerado pelas escolhas individuais ou coletivas, tentando assimilar do indivíduo apenas sua opinião, por meio de qualidades percebidas no bairro da Levada: idéias, pensamentos e imagens por ele categorizados, a partir de elementos fornecidos. Neste caso, como o objetivo era que a escolha dos indivíduos fosse emitida de maneira descontraída, sem limitações, porém direcionada, criou-se alguns procedimentos que estão detalhados no próximo item.

3.2.2. PROCEDIMENTOS

Após um longo trajeto percorrido em busca de uma metodologia adequada, a Teoria das Classificações Múltiplas conseguiu atender aos objetivos norteadores desta pesquisa. Através da estruturação de alguns procedimentos possibilitados por esta teoria, tornou-se possível resgatar a sensibilidade, a percepção e a cognição dos sujeitos em sua forma de expressão mais simples. Assim, pôde-se entender o lugar e principalmente os elementos evidenciados na formação de sua imagem.

Em um primeiro momento os procedimentos foram estruturados para uma pesquisa piloto, que tinha como objetivo testar a aplicabilidade da metodologia. Por meio da MSP foram seguidos três procedimentos aplicados através de entrevistas dirigidas –formulários em anexo - e que posteriormente foram implementadas e

consideradas na pesquisa final. Os três procedimentos foram aplicados nas duas amostras.

Após preencher a folha de rosto com as principais informações como nome, sexo, idade e escolaridade, as perguntas eram realizadas a partir de blocos que englobavam os procedimentos. Esses procedimentos que, para a pesquisa piloto foram no total de três, enquanto para a final foram quatro, apesar de serem os mesmos apresentavam algumas peculiaridades que dependiam da amostra, como será explicado logo em seguida.

- **PROCEDIMENTO 1: ASSOCIAÇÃO LIVRE - O LUGAR**

O primeiro bloco foi referente ao procedimento de associação livre. Neste procedimento o objetivo principal era captar as primeiras informações colhidas acerca do lugar, ou seja, o que se percebe e o que se sente. Por este motivo as perguntas eram estruturadas de maneira que se fosse possível obter respostas livres, onde os respondentes eram instruídos a não pensar muito e responder a primeira coisa que lhes viesse à cabeça.

Este procedimento também tinha como objetivo entender como as pessoas associam o nome do bairro e ao que associam. Assim, em um dos itens, para ambas as amostras foi utilizado um cartão em branco com o nome do bairro, o qual as pessoas escreviam o que achavam. Era um procedimento livre que tinha como objetivo investigar o grau de informações: podia ser uma sensação, alguma construção ou lembrança, qualquer coisa.



Figura 27: Cartão utilizado no procedimento de associação livre

Quando questionados acerca do lugar e o que se associa a este, a amostra 1 respondia sobre o bairro da Levada. Primeiramente, para a pesquisa piloto, as questões relacionadas ao mesmo e que se encontravam inseridas neste procedimento eram mais detalhadas, pois se percebeu que como a amostra 1 envolvia diferentes grupos - moradores, freqüentadores e comerciantes - era possível existir aspectos divergentes vinculados a aproximação e a relação desenvolvida com o bairro. Logo no início, embora aceitassem fazer parte da pesquisa, as pessoas se sentiam pouco a vontade para

responder o nome ou outros dados pessoais. Por isso, embora as perguntas fossem dirigidas e seguissem um formulário para respostas, elas fluíam em uma conversa informal sobre a opinião do entrevistado, como as narrativas coletas através da História Oral. Depois no decorrer da conversa o entrevistado dizia seus dados com maior desenvoltura. No início, logo nas primeiras entrevistas esse era o maior impasse: conseguir que as pessoas respondessem perguntas relacionadas ao lugar, inclusive os comerciantes, pois acreditavam que a abordagem tinha uma iniciativa do poder municipal. Devido a este fato, às vezes eram necessárias varias idas e conversas até conseguir confiabilidade, por parte do respondente. As perguntas eram distribuídas em oito itens e dirigidas a vários aspectos relacionados ao bairro: sensações, qualidades do lugar e da paisagem, aspectos positivos e negativos, lugares importantes no bairro, dentre outros.

Já para a amostra 2 a associação livre era direcionada da mesma forma para que a amostra 1, isto é, para o bairro da Levada. Todavia, foi notado que quando questionados sobre este lugar logo em um primeiro momento, grande parte dos entrevistados o associavam características consideradas negativas. Outro ponto muito interessante foi que no decorrer da entrevistas os respondentes, quando pedidos para exemplificar um bairro ideal, descreviam conjuntos residenciais e condomínios fechados. Neste aspecto foi entendido que era necessário conhecer a visão de mundo dos respondentes, ou seja, entender primeiramente o que em suas mentes era um bairro para depois relacionar estas noções ao bairro ao em questão. Assim, para a pesquisa final, optou-se que inicialmente as perguntas fossem dirigidas sobre “bairro” de forma genérica e posteriormente sobre a Levada. A explicação para dois tipos de pergunta “bairro” em sentido genérico e “bairro da Levada” partiu da necessidade de um confronto dos dados, pois começou a se notar que quando primeiramente direcionadas ao bairro em questão as respostas tinham uma conotação negativa. Por exemplo, quando se relacionava ao bairro da Levada às pessoas na grande maioria das vezes atribuíram como aspecto negativo contato humano ao mesmo tempo em que no requisito aspectos positivos de um bairro ideal enfatizavam bastante o convívio social. Estas perguntas ajudaram bastante no desenvolvimento da pesquisa de campo, pois facilitaram entender o que para as pessoas configurava um bairro: seus aspectos positivos, negativos, um bom bairro, um péssimo bairro, exemplos na cidade, enfim quais elementos fazem parte do cotidiano de um bairro como uma forma de entender esta porção considerada em um contexto maior. Neste procedimento também foi questionada a relação com o bairro, ou seja, se o conhece porque o frequentou ou porque ouviu falar.

▪ **PROCEDIMENTO 2: ASSOCIAÇÃO DIRIGIDA VISUAL**

O segundo procedimento de “Associação Dirigida Visual Livre” consistia em linhas gerais na mesma natureza do anterior: respostas livres, porém direcionadas e auxiliadas por material visual. Tanto para a amostra 1 como para a amostra 2 o primeiro item consistia na mesma coisa. Eram mostradas vinte fotos: dez do bairro da Levada e dez de outros bairros. Para a pesquisa piloto foram utilizadas fotos variadas: construções e espaços livres: praças, casas, edifícios sem a presença de pessoas, pessoas em seu cotidiano, passeando, conversando ou então estes dois aspectos reunidos. Porém esta descrição não era comunicada aos respondentes. As fotos eram entregues misturadas e era solicitado que fossem divididas em dois grupos: são fotos do bairro ou não são fotos do bairro da Levada. Era solicitado também que se relatasse qual o critério que havia sido utilizado para a divisão.

Para a pesquisa piloto este procedimento era constituído de dois itens. No segundo item era solicitado que em meio as fotos consideradas como partes do bairro da Levada, fossem escolhidas no mínimo três que melhor representassem o bairro, devendo-se relatar o motivo da escolha.

Devido aos resultados interessantes este procedimento foi repetido e considerado para a pesquisa final sob a mesma estrutura. Contudo, o item dois foi direcionado para o procedimento de associação valorativa que considerava os principais pontos do bairro coletados pela pesquisa piloto.



Figura 28: material da pesquisa de campo

▪ **PROCEDIMENTO 3: ASSOCIAÇÃO VALORATIVA**

Na verdade este procedimento foi derivado do anterior de associação dirigida visual. Ele consistia em doze fotos com as principais faces do bairro. Dez destas fotos estavam inseridas na pesquisa piloto no primeiro item, o qual entre as vinte fotos os respondentes deveriam identificar com sendo ou não da Levada.

Para este procedimento, que foi acrescido apenas na pesquisa final, as fotos foram escolhidas baseadas nos pontos de referência que eram fornecidos pelas pessoas. Estes pontos foram coletados na pesquisa piloto no procedimento de associação livre e de associação visual dirigida (os principais pontos do bairro) e nas primeiras visitas de reconhecimento da área - ainda por meio das narrativas adquiridas através da História Oral (figura 29).

Para a amostra 1 este item correspondia a uma avaliação valorativa, onde era colocado no instrumento auxiliador as doze fotos segundo a ordem de importância para o respondente, que deveria também dizer o motivo de sua escolha. Os entrevistados ainda teriam a oportunidade de, se fosse necessário, acrescentar outros lugares que em sua opinião também eram importantes, mas que não constavam entre as fotos oferecidas, podendo, da mesma forma, desconsiderar algum.

Já para a amostra 2 era solicitado que esta ordem fosse colocada tendo como base o conhecimento: da foto mais conhecida ou familiar para a menos conhecida ou desconhecida. Também era questionado o que se sentia em relação a estes lugares. Da mesma forma o respondente teria a oportunidade de, se fosse necessário, acrescentar

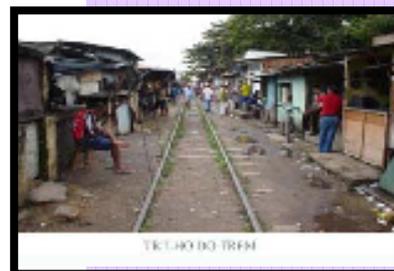


Figura 29: material da pesquisa de campo

outros lugares do bairro que para ele eram pontos de referência e que não constavam nas fotos apresentadas.

Mesmo com uma abordagem diferente, este item tinha o mesmo objetivo. Entender quais eram os pontos conhecidos do bairro, quais desses elementos serviam como forte referência. Considerava-se que para os usuários, devido ao aprendizado com a experiência e com a convivência na área, esses lugares tinham adquirido valor, enquanto para os habitantes da cidade o que era levado em consideração era a associação mental com a área, já que se entendia que a frequência não era tão assídua.

Depois de ter ordenado as fotos, ambas as amostras teriam que escolher três que representassem melhor o bairro no item posterior deste procedimento. O respondente as ordenava da mais representativa para a menos representativa, dizendo o motivo da ordem.

▪ **PROCEDIMENTO 4: ASSOCIAÇÃO DIRIGIDA (VISUAL) / TOPOCEPTIVA**

Este item se relacionava com a legibilidade que embora Lynch associe esta característica fortemente à locomoção, neste trabalho ele se torna importante por sua possibilidade de servir como um vasto sistema de referências, um organizador de atividades, de crença ou do conhecimento (LYNCH, 1960). Assim, foi desenvolvido neste procedimento um único item: um mapa do bairro, onde o respondente deveria localizar os lugares mais representativos. Para a pesquisa piloto, em ambas as amostras, os lugares eram aqueles que haviam sido escolhidos como os que melhor representavam o bairro.

Aparentemente fácil, este item foi o mais demorado e difícil de ser executado, porque os respondentes apresentavam uma certa resistência quando achavam que não iam acertar todas as localizações. No entanto foi essencial, pois por meio dele se conseguiu entender algumas percepções e sensações. Como enquanto tentava localizar os lugares o respondente ia descrevendo o caminho que estava sendo feito (mentalmente) em voz alta, também se tinha o auxílio de um gravador. Um outro ponto de difícil acesso dizia respeito à leitura do mapa. Grande parte das pessoas não tinha paciência ou experiência de ler um mapa e por isso não conseguiam responder, sobretudo porque após utilizar o material visual passavam a achar este procedimento pouco atrativo.

Diante dos elementos e aspectos interessantes que fundamentaram muitas respostas, achou-se válido repetir este procedimento na pesquisa final, sendo que este deveria apresentar um caráter mais interativo. Foi confeccionado um mapa que se apresentasse de forma mais didática e lúdica, onde os respondentes o utilizariam como um jogo. A principal solicitação ainda era localizar os lugares mais representativos – os doze do procedimento anterior, só que desta vez eles eram “colados” em um mapa do bairro. A partir deste momento, este procedimento deixou de despertar resistências por parte dos entrevistados (figura 30).

De uma forma geral, pôde-se perceber que nestes procedimentos a complementaridade entre imagem e linguagem foi de grande importância, afinal, ambas supriram entre si as necessidades expressivas, comunicativas e informativas, limitadas pelas suas naturezas. Segundo Joly (2004), as palavras também se apresentam para nos provar até que ponto as imagens podem nutrir a imaginação. Desta forma, torna-se evidente afirmar que as imagens juntamente com as palavras, se complementam, se interagem, se revezam e se esclarecem.

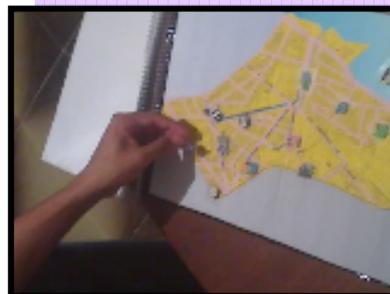


Figura 30: seqüência de fotos que mostram a aplicação do procedimento 4

Fonte: arquivo pessoal

4. A IMAGEM DO BAIRRO

4.1. RESULTADOS

De posse do instrumental criado, foi-se a campo realizar as entrevistas, levantar os dados necessários para subsidiar o objetivo principal desta investigação, que era entender quais são os elementos formadores da imagem de um bairro, tanto sob a ótica de que de seus usuários como da cidade. A grande quantidade de itens e os quatro procedimentos que compuseram os formulários permitiram confirmações das respostas, já que uma etapa estabelecia um elo com a seguinte.

A primeira pesquisa – a pesquisa piloto - durou em torno de quase três meses, e envolveu em torno de cinquenta entrevistados para cada amostra, entre os quais além de reconhecimento do bairro, explorou-se também as possibilidades ressaltadas pelas outras metodologias. Esta pesquisa de campo foi realizada com duas amostras distintas, um grupo formado pelos usuários do bairro e um outro grupo formado por pessoas de outras partes da cidade. Já a segunda pesquisa de campo – pesquisa final – durou em torno de quatro meses, envolvendo mais quarenta entrevistados. Da mesma forma que a primeira pesquisa, foram contempladas duas amostras, sendo que neste caso o estudo foi mais dirigido a um certo perfil e os formulários foram aplicados em uma área delimitada dentro do bairro. Como foi evidente que ambas as pesquisas foram primordiais para a análise da imagem do bairro e conseqüentemente para os resultados, pois a primeira fundamenta a segunda, os resultados expressos neste trabalho estão baseados tanto na pesquisa piloto como na pesquisa final.

4.1.1. A IMAGEM DA LEVADA: OS USUÁRIOS DO BAIRRO

Diante das duas amostras envolvidas neste trabalho, existiram alguns aspectos verificados importantes para os resultados. Em se tratando da amostra 1, inicialmente se percebeu dois pontos que poderiam ser salientados. O primeiro é que devido a esta amostra corresponder aos usuários do bairro, ainda nas primeiras visitas de campo, o

seu caráter heterogêneo foi muito mais ressaltado devido à existência dos três grupos que a compuseram - comerciantes, freqüentadores e moradores – do que pelo perfil dos entrevistados. Neste sentido, foi evidenciada a existência de imagens divergentes nesta amostra, principalmente quando os procedimentos verbal e visual eram associados, pois os elementos identificados eram mencionados de formas tão variadas que dificultavam o entendimento dos considerados mais importantes. Contudo, conforme Lynch (1999) isto é um aspecto que deve ser esperado na análise de uma imagem, pois é provável que existam elementos variados, já que por ser uma sobreposição de muitas imagens individuais, sempre existe algum conteúdo que nunca ou raramente é comunicado.

Apesar de ser um aspecto comum no estudo da imagem, no caso deste trabalho, as divergências se revelaram de forma inesperada, principalmente porque através delas foi ressaltado um segundo ponto a ser relevado para o entendimento da imagem da Levada: em vez de única imagem abrangente para todo ambiente, o que existia eram grupos de imagens. Para Lynch (1999) a existência desses grupos caracteriza que o ambiente em questão seria grande e complexo, necessitando assim que a imagem estudada fosse mais detalhada. Ou seja, a imagem deveria ser analisada a partir destes grupos, pois eles a representam em diferentes níveis. Neste trabalho, este detalhamento implicaria em explorar elementos associados a imagem o freqüentador, do morador e do comerciante, o que poderia ocasionar em conclusões que não estariam diretamente associadas aos objetivos almejados. Assim, optou-se por explorar apenas alguns momentos, aqueles entendidos como fundamentais, pois eram interessantes para a compreensão da “imagem do lugar”.

Através dos aspectos interessantes que se destacaram diante desta amostra, observou-se que as divergências ilustraram a maneira como cada grupo constrói uma imagem associada à experiência do lugar. Quando se trata principalmente do bairro esta constatação ganha maior sentido, pois as percepções, devido a seu caráter seletivo, aparecem associadas às opções de uso e as práticas sociais do mesmo (GONÇALVES, 2005). E de fato, após uma revisão das entrevistas, verificou-se que as divergências ocorriam devido à percepção do lugar que estava fortemente vinculada à relação desenvolvida com o bairro: o morador associava o bairro enquanto moradia, o comerciante enquanto comércio e assim por diante. Tal aspecto se tornou evidente quando os respondentes da amostra 1 foram questionados sobre o que o nome “Levada” associava. Observou-se diante das respostas que era o uso que se fazia do bairro que direcionava a maioria das respostas. Assim, enquanto para os comerciantes o trem

correspondia ao primeiro fator mais marcante, visto a sua localização próxima às áreas de comercialização, para os moradores eram as lembranças que se destacam em um primeiro momento, enquanto para os frequentadores era a feira (gráfico 11).

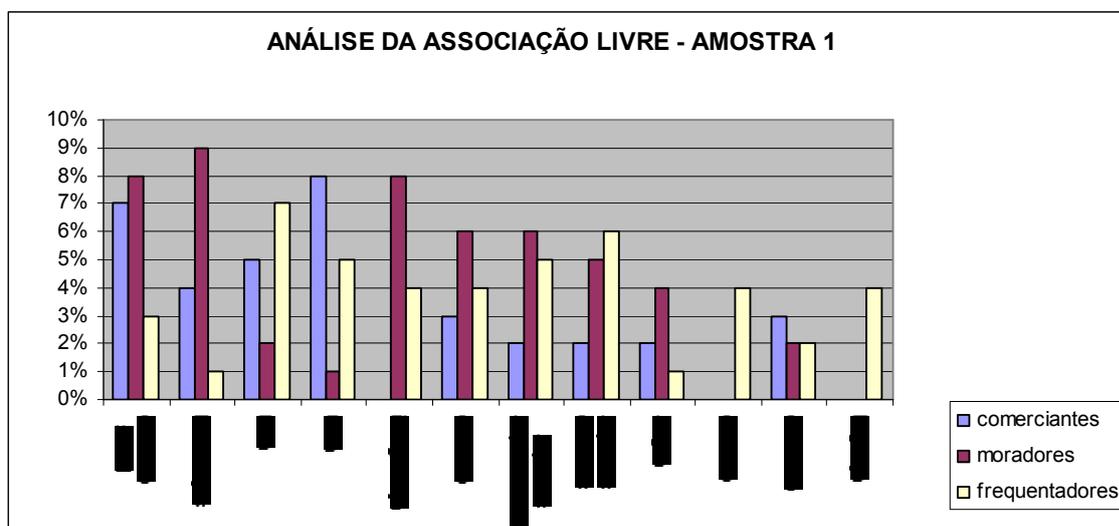


Gráfico 11: Análise da associação livre dos três grupos integrantes da amostra 1

Embora no bairro em estudo a experiência do lugar para a amostra 1 aparecesse associada a elementos divergentes, ao mesmo tempo se percebeu que eles eram derivados ou relacionados entre si. Em outras palavras, as imagens dos grupos mais ou menos se sobrepunham e se inter-relacionavam. Este fato foi entendido ainda nas visitas de campo, pois a maioria dos entrevistados não eram apenas moradores, frequentadores ou comerciantes: em sua grande maioria, os respondentes que residiam na área também possuíam comércio. Da mesma forma também foi notado que parte dos frequentadores mencionaram que já haviam morado ou comercializado no bairro. Mas, mesmo com imagens divergentes, entendeu-se que o motivo pelo qual a maioria das sensações e dos elementos eram mencionados nos três grupos, era que mesmo sendo usuários do bairro, todos aprenderam em graus variados a diferenciar o que consideravam familiar e estranho do lugar (TUAN, 1980). A questão da feira, por exemplo. Para os três grupos para a amostra 1 em geral ela é considerada importante, mas por motivos diferentes. Para os frequentadores ela é relevante porque reúne uma variedade de mercadorias onde tudo pode ser encontrado. Neste caso, ela também se torna um diferencial para os comerciantes, pois se torna uma espécie de núcleo atrativo de clientes. Já para os moradores a feira está apenas associada à história e a origem da Levada, sendo este o único motivo que ainda a faz ser considerada importante, uma vez que hoje reúne um comércio de produtos roubados que torna o bairro inseguro em algumas áreas.

Mesmo sendo este apenas um exemplo constatado nos resultados, a partir dele, compreendeu-se que os elementos eram ressaltados de formas diferentes em cada grupo (gráfico 11) construindo imagens divergentes, mas que segundo a pesquisa de campo eram decorrentes principalmente da hierarquização dos elementos que mesmo sendo coletivos no contexto da Levada eram valorizados diante do universo consensual (MOSCOVICI, 2003) de cada grupo constituinte da amostra 1. No que se refere a feira, este universo consensual se evidenciava principalmente nos motivos de escolha. Assim, embora possa ser dito que para os usuários do bairro ela é importante de uma forma geral, ela se destaca por motivos diferentes. Quando avaliados, estes motivos podem gerar questionamentos acerca da consideração de sua importância, aspecto de grande valia para a compreensão do lugar e de sua realidade. Nesta perspectiva, notou-se que realmente seria importante a exploração dos resultados desta amostra de maneira mais detalhada em alguns aspectos e momentos, pois só assim poderia os elementos poderiam ser melhor analisados, auxiliando principalmente na compreensão da força e da influência de cada um na construção da imagem do bairro da Levada.

A exploração dos resultados da amostra 1 de forma detalhada foi de grande valia pois ao possibilitar entender o morador, o comerciante e o freqüentador ilustrou que o bairro da Levada possui uma dinâmica que confere diferentes contextos e, conseqüentemente, variados significados aos lugares. A imagem construída pelos usuários demonstrou uma forte relação com esta dinâmica do bairro, manifestando-se principalmente através dos diferentes graus de aproximação entre os usuários e alguns lugares da Levada.

Depois de compreender que o bairro era expresso de formas variadas para cada indivíduo, que por sua vez era bastante influenciado pela dinâmica em que estava inserido, foi possível identificar os elementos que realmente eram reconhecidos diante da coletividade. E de fato, ao se fazer uma análise das repostas dos entrevistados em geral, entendendo a Levada de forma mais completa, foi possível identificar quais eram os principais elementos e sensações que segundo os usuários mais se associavam ao nome do bairro através da associação livre. Entre os usuários o mais mencionado foi o convívio social (13%) que o bairro proporciona. Após este, outros elementos como as lembranças (11%), a feira (11%) e trem (11%) aparecem equivalentes ocupando um segundo lugar (gráfico 12).

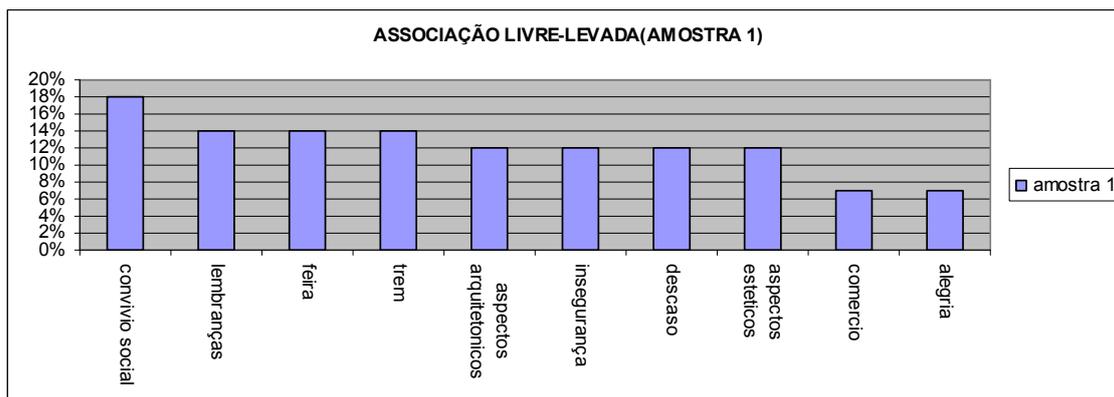
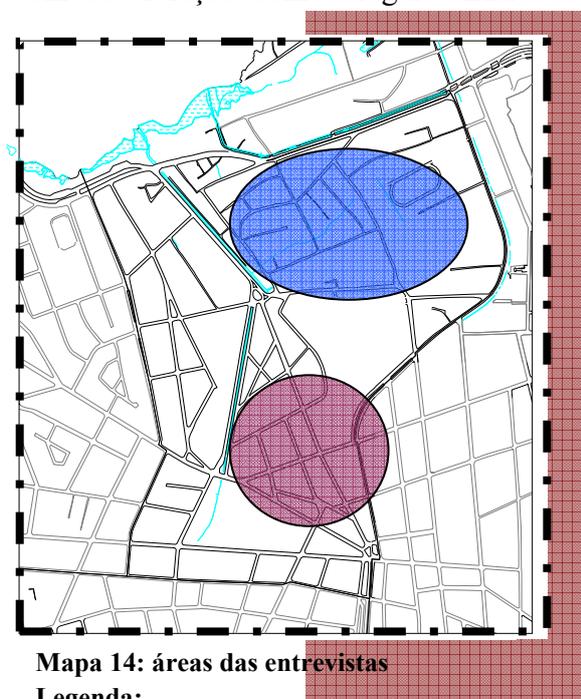


Gráfico 12: Associação livre – Amostra 1

Percebeu-se também que outro fator que influenciou bastante a análise das imagens dizia respeito às regiões usufruídas pelo indivíduo dentro do bairro. A Levada se constitui como vários bairros em um só, pois além de muito extenso, possui diversas atividades que vão desde moradia e comércio até feira livre, expressando através do caráter seletivos da percepção diferentes delimitações que são pautadas diante desses diversos usos (GONÇALVES, 2005). Em meio à variedade de práticas que dinamizam o bairro, observou-se que os elementos adquiriam força ou relevância à medida que se faziam presentes na vida dos respondes e em sua relação com o lugar. Entre os exemplos constatados, a lagoa é um bastante interessante. Notou-se que ela era mencionada por quase todos os respondentes, mas só se destacava como o elemento mais importante apenas para os entrevistados que moram ou passam próximo a ela. Assim, a lagoa aparece com maior frequência, e em um primeiro momento, nas respostas das pessoas que se encontravam, principalmente, nas adjacências da Vila Brejal (mapa 14 e gráfico 13). Para estes mesmos entrevistados o trem se torna um dos últimos elementos mencionados, colocando-se em uma posição posterior ao



Mapa 14: áreas das entrevistas

Legenda:

- Entrevistados da área 3 (vila Brejal) 
- Entrevistados da área 1 (área comércio) 

Mercado da Produção e a Feira do Passarinho que, por sua presença mais marcante na dinâmica do bairro, aparecem respectivamente em segundo e em terceiro (gráfico 13).

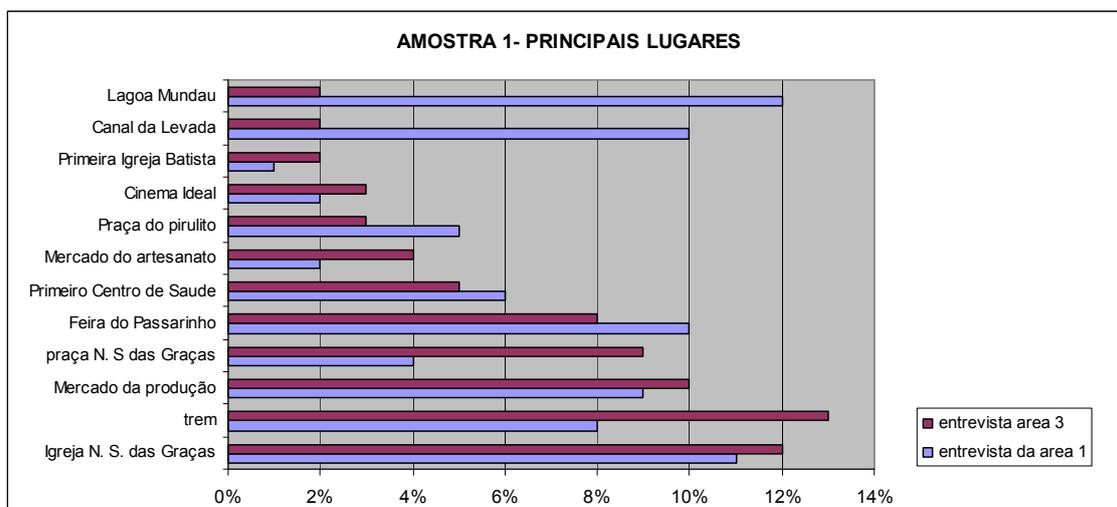


Gráfico 13: Comparação entre os principais lugares do bairro da Levada – Amostra 1

Já para os comerciantes a lagoa foi uma pequena ocorrência, assim como para alguns moradores, sobretudo aqueles que residem perto das áreas de comércio mais intenso como a feira livre, o Mercado da Produção e o Centro da cidade (mapa 13 e gráfico 13). Neste sentido, entende-se que a significação atribuída não é a mesma para todas as pessoas da amostra, inclusive devido a influência do ambiente que as cerca. Por isso, embora os locais das entrevistas tivessem sido escolhidos de forma aleatória nas primeiras vistas de campo, nas visitas posteriores se tentou também contemplar áreas distintas dentro do bairro como uma maneira de entender a Levada em sua totalidade, como foi ressaltado na explicação das amostras.

Um outro fato bastante interessante foi a ocorrência dos aspectos arquitetônicos nesta amostra. Embora apareçam em terceiro lugar no modo geral, foram bastante mencionados tanto pelos moradores como pelos comerciantes. Entretanto foi entre os freqüentadores que estes aspectos apresentaram uma maior força, colocando-se em segundo lugar (gráfico 14). A explicação desta constatação aparece vinculada, sobretudo ao pouco contato com a área pela grande maioria, onde a assimilação pelo freqüentador ocorre muito mais pela ação do pensamento do que pela ação em si mesma (PIAGET, 1978). Além disso, Lynch (1999) afirma que aspectos arquitetônicos são considerados importantes, pois são grandes influenciadores da estética do lugar (LYNCH, 1999). Entende-se, então, que realmente o olhar do visitante sempre está voltado para os aspectos estéticos, pois o que lhe chama atenção é o estímulo (TUAN,

1980), que no caso destes entrevistados, correspondeu a este item, visto que a pesquisa de campo evidencia que tanto os aspectos estéticos quanto os arquitetônicos aparecem como um segundo fator principal (ambos com 12% conforme gráfico 12). Neste grupo também foi constatado que algumas sensações despertadas pelo bairro, principalmente negativas como descaso e sujeira estão relacionadas às suas construções ou áreas públicas como as praças. Porém, ainda a pesquisa de campo, observou-se que quando não estavam relacionados à estética, alguns aspectos arquitetônicos eram mencionados pelos frequentadores como pontos essenciais, que garantiam uma orientação em meio ao ambiente do bairro da Levada que eles consideram confuso. Na grande parte das respostas eles conseguiam identificar de forma correta os lugares próximos às áreas de comércio, feira livre ou de grande fluxo como paradas de ônibus. Esta constatação só ressalta o ponto de vista de Lynch (1999) onde a relevância dos aspectos arquitetônicos na construção da imagem de um lugar, não se relaciona só a estética, mas também constituem pontos de orientação.

Quanto aos moradores, os aspectos arquitetônicos também envolveram questões interessantes. Observou-se no procedimento de associação visual que a maior parte dos entrevistados que residem no bairro reconhecem cada parte dele, identificando na maioria das vezes de forma correta e pontual até a rua ou as adjacências de onde as fotos foram tiradas. Devido a grande facilidade de reconhecimento, percebeu-se ainda ao longo das primeiras visitas de campo que as fotos eram analisadas muito mais a partir de construções e áreas livres (gráfico 14) do que das pessoas presentes nas mesmas, com um maior interesse concentrado nas fachadas das construções (figura 31) ou em algumas características relacionadas aos aspectos arquitetônicos como desníveis, presença de jardim e de árvores, recuos, platibandas e grades. Quando indagados acerca dos acertos, a grande maioria respondeu que gosta de andar à pé pelo bairro, já que o comércio ambulante dificulta a circulação de veículos e que por isso conheciam cada ponto.



Figura 31: fotos mais escolhidas na associação visual amostra 1

Fonte: arquivo pessoal

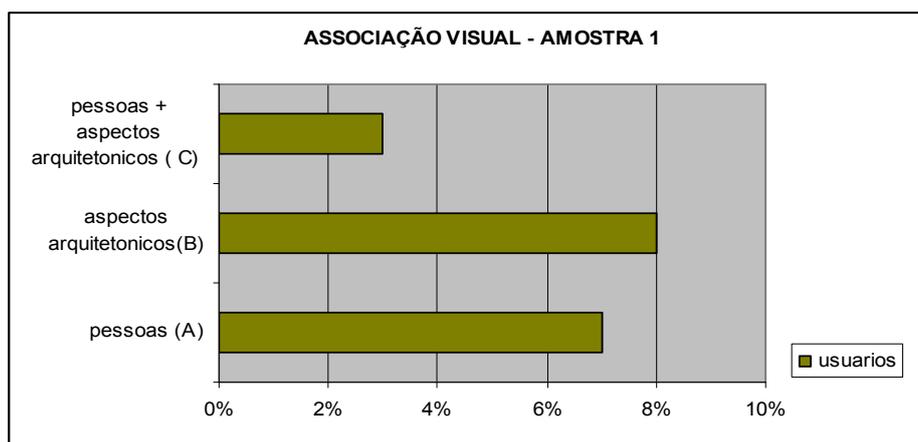


Gráfico 14: Resultados da associação visual (amostra 1)

Um outro aspecto identificado como importante para o reconhecimento de partes do bairro pelos usuários é que a maior parte dos moradores trabalha ou possui um estabelecimento comercial na própria Levada, como foi demonstrado no perfil da amostra. Através de percursos diários e repetitivos seriam estabelecidos reconhecimentos visuais acerca dos lugares do bairro, elementos de familiaridade que segundo Lynch (1999) seria a principal maneira pela qual seriam atribuídos os significados dos lugares. Desta forma, tornou-se mais compreensível o motivo pelo qual as imagens do bairro construídas pelos usuários aparecem vinculadas fortemente a alguns lugares do bairro, principalmente aqueles que despertam lembranças. Em sua grande maioria eram lembranças coletivas, relacionadas à época em que o bairro era bastante requisitado: construções deste período, locais de encontro e de lazer da população. Mas também eram lembranças individuais, recordações de um cotidiano, do trajeto que se faz até o trabalho, do vizinho na porta ou da criança brincando, do caminho que se percorre de casa até a feira ou até a igreja.

Para os usuários o bairro seria agradável por propiciar um convívio social intenso que associado à boa localização, proporciona o acesso a diversos serviços, entre eles de transportes e médico. Assim, entre os aspectos positivos a localização se evidencia como a segunda mais citada, visto que, segundo os entrevistados, a proximidade com o Centro da cidade favorece o bairro com serviços que outros não dispõem. Quanto aos aspectos negativos, estes são os que podem ser chamados de desagradáveis e correspondem àqueles elementos que incomodam ou se sente falta Nasar (2006). No caso da Levada, a ausência fez com que as áreas de lazer e a infraestrutura se destacassem entre os aspectos mais negativos. Notou-se também que para os usuários existiram mais fatores positivos do que negativos, entretanto estes últimos

se sobrepõem à qualidade do bairro. Ou seja, a falta de área de lazer e infra-estrutura superariam a boas sensações e as possibilidades relacionadas ao convívio e a boa localização. Da mesma forma ocorreria com o descaso e a sujeira que antecedem aos outros aspectos positivos. Nesta perspectiva, entendeu-se que mesmo sendo considerado um bom lugar, os aspectos negativos do bairro da Levada seriam os mais evidenciados (gráfico 15).

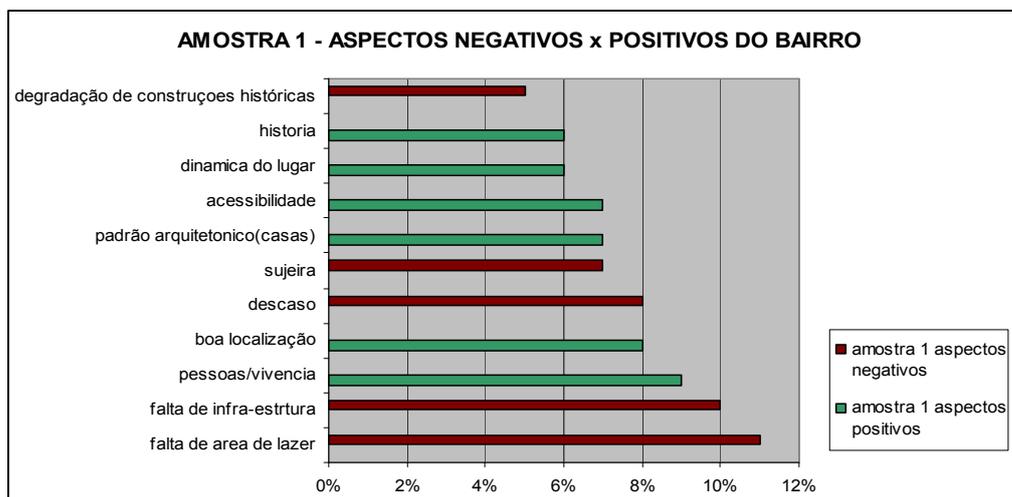


Gráfico 15: Aspectos positivos e aspectos negativos do bairro da Levada – Amostra 1

Segundo os usuários, o bairro também apresentaria elementos de grande valor e que seriam importantes referenciais. Ainda através das primeiras entrevistas esses elementos eram ressaltados, principalmente por sua significação histórica e por sua influência no cotidiano do bairro. Entre os vários elementos citados, percebeu-se que as primeiras informações surgiram ainda por meio da aplicação da História Oral, como foi o caso da antiga construção que abrigou a Primeira Igreja Batista. Outros foram citados como relevantes meios de orientação dentro do bairro, como o trilho do trem, por exemplo. Também existiram aqueles que possuem uma relação histórica com a área, mas que ainda hoje exercem um papel importante, como a Lagoa Mundaú, que garante a obtenção de alimento através da pesca, o Mercado da produção e a “Feira do Passarinho”, atividades comerciais que constitui um dos principais aspectos do bairro. Desta forma, pode-se dizer que os principais elementos que fazem parte do bairro da Levada apresentam diferentes relações com o lugar que vão deste significados históricos, importância no cotidiano do bairro até referências para deslocamento e orientação.

Para a amostra 1 esses lugares seriam no total de doze, variando de importância diante da relação que este estabelece com o entrevistado e com a dinâmica do bairro.

Após uma análise valorativa (gráfico16), foi identificado que o lugar mais importante para os usuários era o Mercado da Produção. Esta principal referência se ressalta, sobretudo por ser importante na história da Levada e na consolidação do comércio, atividade fortemente associada à ocupação inicial do bairro. Para Certeau (1996) a presença do mercado em um bairro seria na verdade uma referência sociológica, pois através dele se poderia compreender melhor as relações humanas na pratica do bairro já que nele se revelaria a sua complexidade e sua estrutura social. “A prática do mercado significa a força social do bairro, pois é onde os usuários reconhecem a dinâmica interna do lugar” (CERTEAU, 1996: 158)

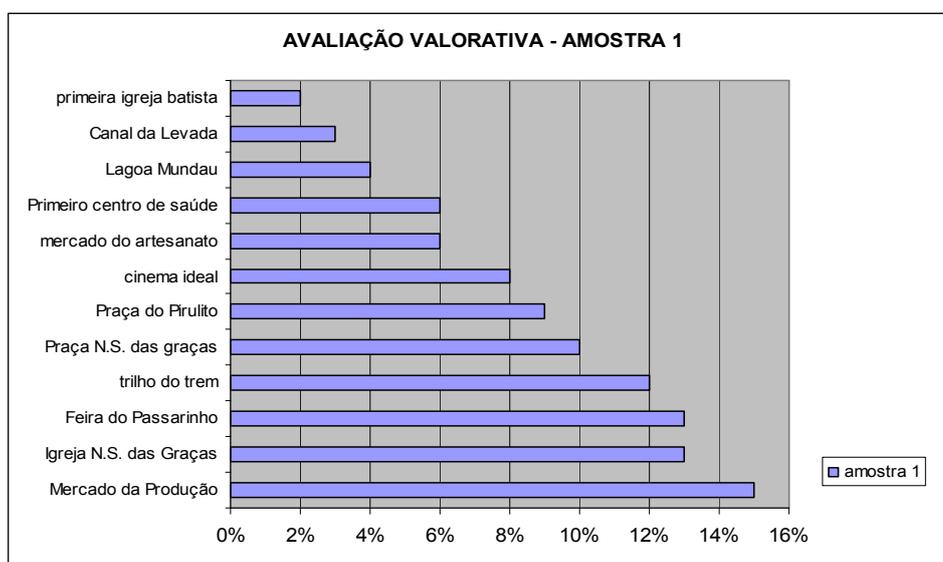


Gráfico 16: Avaliação valorativa- Amostra 1

Em segundo lugar ainda se destaca a atividade comercial, mais especificadamente a “Feira do Passarinho”. Todavia, deve-se salientar que neste sentido, para os usuários devido à relação com atividades ilícitas a feira foi mencionada pela necessidade de revitalização, já que é um aspecto importante no bairro por sua relação com o seu surgimento. Na verdade se percebe que atualmente seria a sua localização que a torna um lugar importante em dois sentidos. O primeiro diz respeito às lembranças já que parte de sua extensão - um “camelódromo” - ocupou a Praça Emílio de Maya considerada a mais bonita do bairro, local de muitas festas que hoje são tão nostálgicas para os usuários. O segundo ponto seria a sua relação com o trilho do trem, que foi mencionado em terceiro lugar. Nesta amostra estes dois elementos são colocados como dependentes um do outro. O trem destaca a “Feira do Passarinho”, dando-lhe o caráter peculiar de comércio sobre os trilhos, onde além de demonstrar a

insistência e a permanência desta atividade da área e seu caráter – venda aos gritos e a céu aberto - lembra a evolução do bairro, sua época de auge e de modernização.

Para a amostra 1, tanto o trilho do trem, como a feira do Passarinho e o Mercado da Produção são importantes, pois exprimem idéias acerca do bairro, de sua dinâmica e de sua origem. Contudo, percebeu-se nas respostas que a Igreja de Nossa Senhora das Graças também é bastante mencionada, tanto quanto a feira. Na verdade estes quatro elementos – o mercado, a feira, o trilho e a igreja - seriam signos para os usuários. De acordo com Peirce (apud JOLY, 2004) o signo seria aquilo que sob determinado aspecto, representaria alguma coisa para alguém. No caso do bairro da Levada seriam estes quatro lugares, pois para os mesmos eles marcam o perfil peculiar da Levada onde tanto residência como comércio compartilham o mesmo espaço, dinamizando a realidade do lugar na cidade de Maceió.

Mesmo sendo aparentemente desordenado, o bairro apresenta legibilidade para seus usuários, sobretudo em sua partes menos ordenadas. Na localização de alguns pontos no mapa, os lugares próximos às áreas menos ordenadas - como o comércio ambulante - eram encontrados facilmente (gráfico 17). Neste procedimento foi possível observar que todo o trajeto feito - mentalmente – tinha como ponto inicial o trilho do trem. Entende-se que por ser um limite entre dois bairros (Centro e Levada) este adquire uma maior visibilidade na imagem de um lugar (LYNCH, 1999).

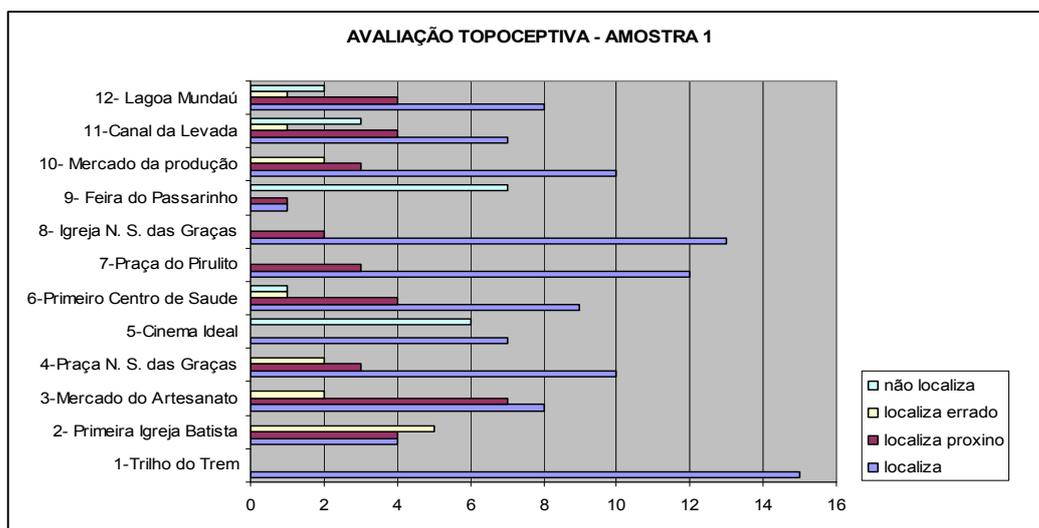


Gráfico 17: Resultados dos elementos localizados (mapa – amostra 1)

Entre os comerciantes tanto a legibilidade quanto a orientabilidade são mais fortes. Sobretudo para aqueles que possuem comércio ambulante, foi verificada uma grande facilidade de deslocamento. Nesta amostra, notou-se que além de localizar de

forma pontual e correta elementos principalmente situados nas áreas de maior aglomeração, os entrevistados entendiam exatamente os principais limites do bairro.

Assim, diante destes resultados, pode-se afirmar que a imagem do bairro da Levada por parte de seus usuários tem identidade, estrutura e significado, sobretudo moradores e comerciantes. Este último se deve principalmente a história do bairro e o grande número de construções que remetem ao significado do lugar ao longo do tempo e de seu dia a dia. Ao mesmo tempo, entende-se que, diante aos resultados expostos, existe uma grande variação e riqueza de elementos que ainda podem ser explorados, principalmente em torno da imagem do freqüentador, do comerciante e do morador. Entretanto, salienta-se que embora a amostra 1 seja constituída a partir destes três grupos de entrevistados, ela na verdade constitui uma só pois ilustra uma imagem coletiva, decorrente destas diferentes praticas que fazem da Levada o bairro de moradia, comércio e feira livre.

Desta forma, foi compreendendo esta amostra como uma totalidade que, para considerá-la com tal, foi necessária a exploração destes resultados de maneira detalhada. Este detalhamento serviu principalmente para se entender que para os usuários a imagem construída tem um forte grau de aproximação com o bairro e com sua dinâmica que confere diferentes lugares e contextos onde, ao mesmo tempo em que seriam expressos individualmente também seriam reconhecidos diante da coletividade. Assim, pode-se dizer que a força desta imagem está baseada em seu processo de formação onde, por meio da experiência do lugar, os elementos que nela se apresentam teriam origem sensitiva, perceptiva, mas principalmente cognitiva, sobretudo para seus moradores.

4.1.2. A IMAGEM DA LEVADA PARA A CIDADE

Assim como a amostra de usuários, pode-se dizer que a amostra 2 também se caracterizou por um caráter heterogêneo. Entretanto, esta heterogeneidade não se expressou através da existência de grupos variados como na amostra 1 que por compreender os usuários do bairro da Levada em geral, envolvia freqüentadores, moradores e comerciantes. Para os outros habitantes da cidade, ou seja, as pessoas que em geral não mantinham um contato freqüente ou até direto com o bairro da Levada, as

variações eram demonstradas através de seu perfil, aspecto que deve ser considerado no estudo da imagem já que as atitudes em relação à vida e ao meio ambiente também seriam reflexos de variações individuais como sexo, idade e as fases da vida (TUAN, 1980).

Mas, no que diz respeito a este estudo, foi observado que era também importante a abrangência da área em que seria realizada pela entrevista, pois este aspecto exercia muita influência na análise da “imagem do lugar”. Este fato foi constatado, sobretudo nas visitas de campo ao bairro da Levada, onde foi compreendido que para entender a “imagem de um lugar” se deveria também entender o mesmo em uma totalidade. E mesmo assim, embora cada local precise ser reconhecido em sua singularidade, ele não poderia ser analisado de modo isolado, pois está contínua e intimamente interligado a outros setores da cidade (ELALI, 2007). Neste sentido, da mesma forma em que se explorou o bairro através de formulários aplicados em diferentes partes da Levada, também se seguiu este pensamento em torno da imagem dos outros habitantes que embora não possuíssem relação direta com o bairro em estudo, compartilhavam do mesmo no contexto da cidade de Maceió.

Ao se percorrer a cidade, constatou-se que o local da entrevista foi um ponto de diferencial na construção da imagem do bairro em estudo pela amostra 2. Na verdade, não era o local da entrevista em si, ou seja, não era o ambiente do shopping, da praia, ou da praça em que o respondente era abordado, mas o ambiente ao qual este entrevistado estava habituado interagir mais intensamente. Assim, quando se tratava de questões acerca da noção de bairro em geral, era o bairro em que se morava que se destacava fortemente e não o que se trabalhava ou freqüentava, embora estes últimos servissem de parâmetro para avaliação deste primeiro. Segundo Tuan (1980) isto poderia ser explicado através da forma pela qual o indivíduo se relaciona com o lugar. As pessoas tendem a estruturar o espaço com elas no centro, pois os valores e os aspectos em relação ao espaço são considerados a partir de uma idéia de “centro” e “periferia” (TUAN, 1980). Esta idéia variaria conforme a sensação de familiaridade despertada em cada indivíduo, dependendo tanto do grupo social no qual ele está inserido (MOSCOVICI, 2003) quanto do ambiente que o envolve (TUAN, 1980) como pôde ser observado nas entrevistas na Levada. Esta idéia de “centro” e “periferia” ainda se refletiria no processo de assimilação e acomodação (PIAGET, 1978).

Conforme Certeau (1996), em se tratando do bairro, o “centro” seria o local de moradia. O bairro, sob esta ótica, ganharia maior destaque por nele se encontrar

organizado um conjunto de símbolos nos quais o indivíduo se reconhece em meio ao contexto da cidade mais diretamente, um território, enquanto “periferia” estaria associada a idéia de tudo aquilo que se afasta dele. (CERTEAU, 1996) Um exemplo desta afirmação foi encontrado nas entrevistas realizadas fora do bairro da Levada. Na amostra 2, quando uma pessoa era abordada e aceitava responder as questões, percebia-se de forma evidente uma comparação entre o bairro da Levada e o bairro em que estava sendo feita a entrevista, o qual em grande parte dos casos era também o bairro em que residiam. Já em outros casos, em que os respondentes eram abordados no bairro em que não moravam, estando ali por outros motivos como trabalho ou lazer, também se percebia claramente que sempre se fundamentavam na realidade de seu bairro de moradia e de seu cotidiano para responder as questões e explicar os motivos de suas escolhas.

De fato, a questão do bairro de moradia era um parâmetro de grande influência, mas foi percebido que neste sentido a imagem também estava associada, principalmente em torno do nível de apreciação. Para os entrevistados que residiam em bairros requisitados, por exemplo, seus bairros eram descritos como exemplos a serem seguidos. Esta influência da imagem era mais evidente, sobretudo nas respostas aqueles que moravam em um bairro de classe baixa e freqüentavam um bairro de classe média alta. Embora nestes casos o bairro de moradia também fosse o principal parâmetro, foi observado que a imagem dos bairros mais requisitados que era o principal parâmetro desejado para a sua realidade vivida. Neste contexto, entendeu-se que o que se buscava através da experiência de um lugar estava fundamentado muito mais na imagem de um lugar ideal do que na própria realidade. Assim a imagem se mostrou de grande importância, pois além de ser algo com o qual efetivamente se mantinha sempre proximidade e contato, comprovou que por meio dela realmente deixou de existir distinções entre a coisa representada e a representação em si mesma (BAUDRILLARD, 1981).

Frente a tais resultados, pode-se dizer que foi necessário compreender a idéia de bairro por parte dos maceioenses. Só a partir deste entendimento seria possível adquirir respaldos nos quais os procedimentos verbais e visuais poderiam realmente se complementar e auxiliar no entendimento da imagem do bairro da Levada. Foi partindo deste princípio que primeiramente, a amostra 2 era questionada a cerca de exemplos de bairros da cidade de Maceió que em sua opinião correspondessem a um bom bairro e de seu oposto. Após os exemplos, os respondentes deveriam mencionar os principais

aspectos positivos e negativos que segundo os mesmos eram primordiais nesta classificação.

Para a maioria dos entrevistados, um bom bairro é aquele que garante a segurança e o convívio social, aspectos que segundo Nasar (2006) fazem parte dos elementos de agradabilidade. Atrelado a este fator estaria à localização, a beleza, lazer e o contato com a natureza (gráfico 18), tornando evidente que a significação do bairro poderia variar profundamente de um meio social para o outro: para uns seria a unidade de vizinhança onde se organizaria toda a vida e se estabeleceriam às redes de relações, como é o caso dos usuários, enquanto para outros seria um ponto de referência a ser seguida no contexto citadino (GONÇALVES, 2005). Quase que de forma unânime as pessoas apontaram para a estrutura de um condomínio fechado - exclusivamente residencial, com casas espaçosas, jardim e murado - como uma configuração de um bom bairro. Este aspecto se tornou evidente, sobretudo porque em meio aos exemplos de bairros solicitados que apresentavam estas características foi mencionado com grande ocorrência alguns nomes de condomínios fechados (gráfico 19).

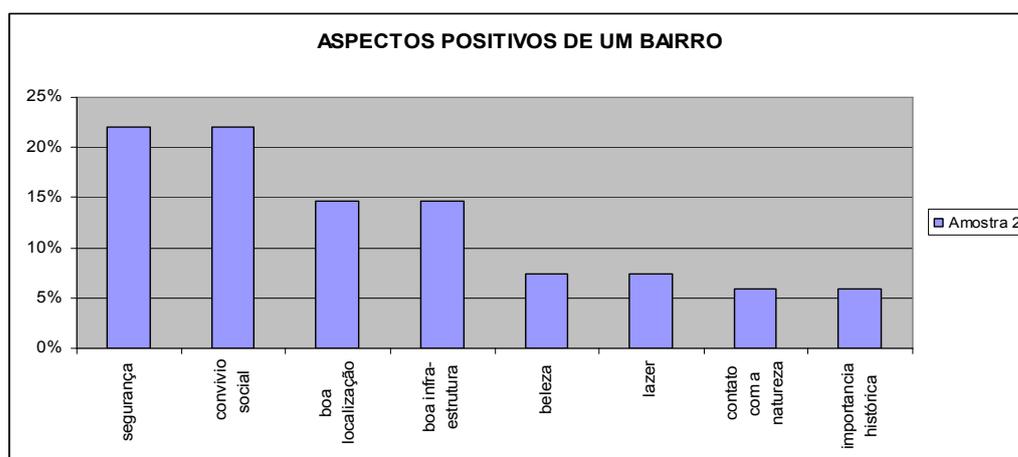


Gráfico 18: Aspectos positivos de um bairro segundo a amostra 2

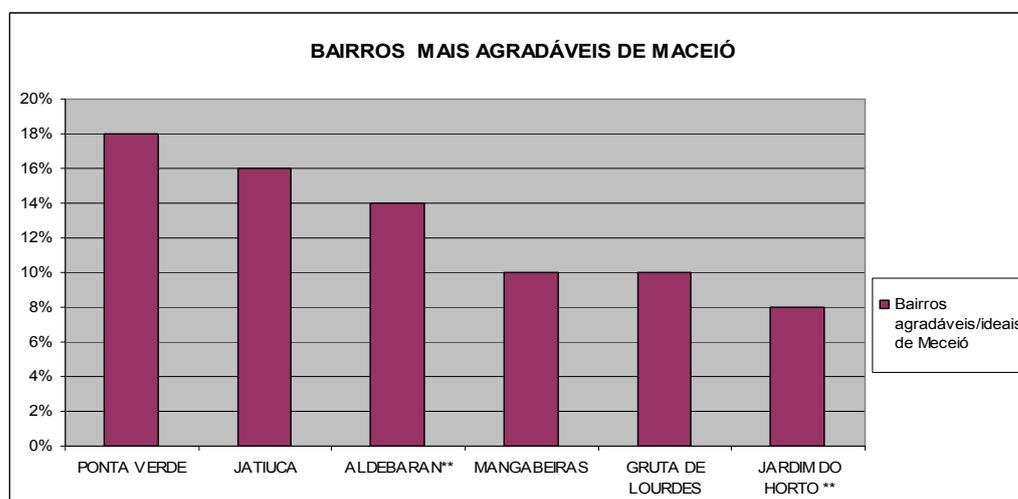


Gráfico 19: Melhores bairros de Maceió, segundo a amostra 2. Com asterisco (**) os condomínios fechados

Quanto aos aspectos negativos, a poluição sonora e ambiental aparecem em primeiro lugar seguida da violência e da falta de infra-estrutura (gráfico 20). Quando questionados acerca de exemplos de bairro que têm essas características aparecem em primeiro lugar bairros de classe baixa³¹, muitos dos quais foram mencionados como parecidos com a Levada (gráfico 21). Torna-se evidente, neste caso que a realidade social é um ponto que seria considerado na imagem externa acerca de um lugar. Ao mesmo tempo, percebe-se que realmente as representações efetuam um papel de aprendizado, principalmente porque é partir delas que o conhecimento é estruturado e transmitido (MOSCOVICI, 2003), como ficou exemplificado nas opções de bairro que segundo a amostra 2, lembrariam a Levada através de suas imagens

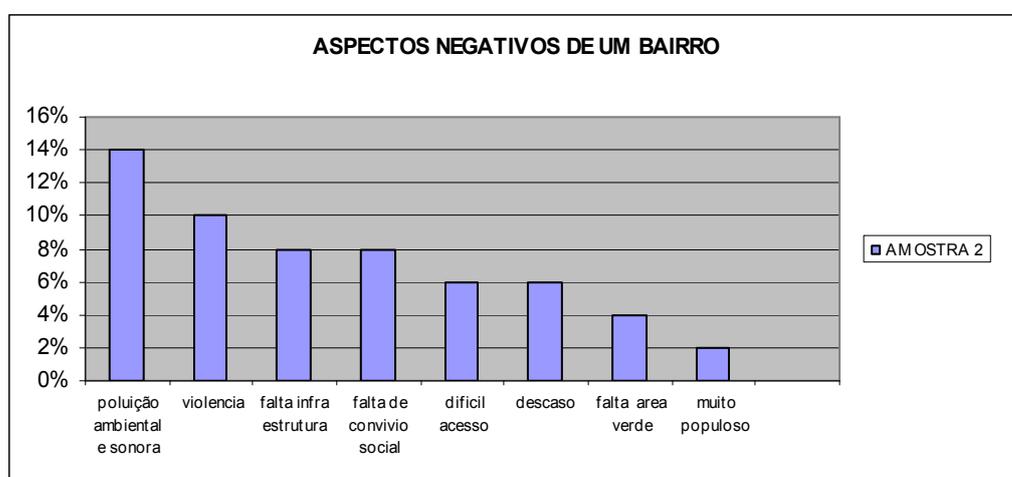


Gráfico 20: Aspectos negativos de um bairro segundo a amostra 2

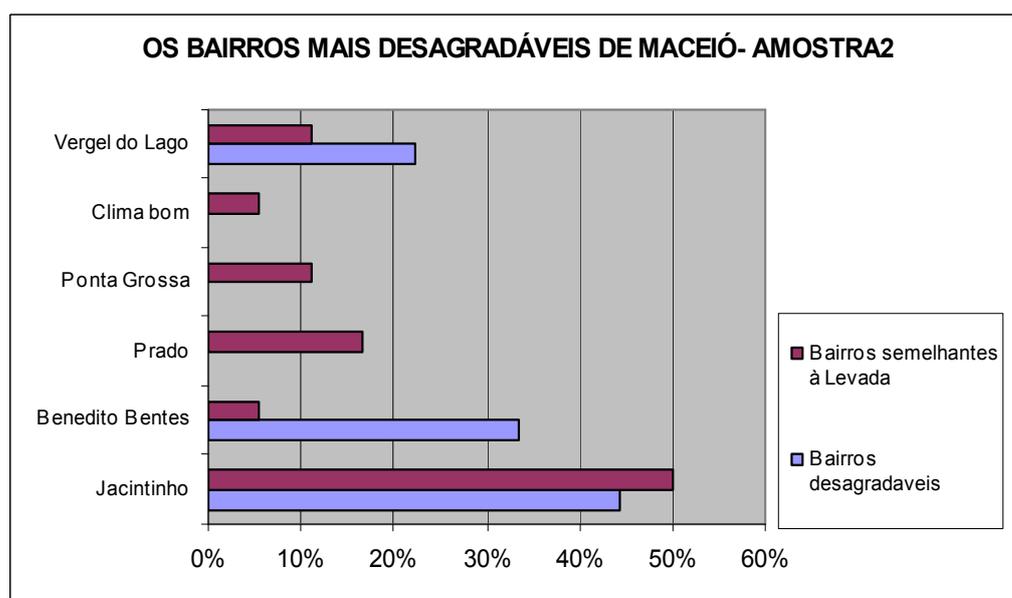


Gráfico 21: Bairros considerados desagradáveis segundo a amostra 2

³¹ Afirmação considerada de acordo com as estatísticas do IBGE – CENSO 2004. Bairro com a maioria de sua população em torno de dois salários mínimos: classes D e E (massa trabalhadora e trabalhadores com renda ínfima) em [www. Ibge-al.gov. br](http://www.Ibge-al.gov.br)

Para os habitantes da cidade, a palavra Levada é associada ao grande número de pessoas, ao Mercado da Produção e ao barulho, onde este último se destaca devido ao comércio existente e principalmente a “Feira do Passarinho” e o transporte ferroviário. No entanto, percebeu-se na complementação entre os procedimentos verbais e visuais que a grande parte dos entrevistados se referem a esses elementos como negativos, pois são sinônimos de caos, desordem (gráfico 22), aspectos geralmente relacionados a um lugar desagradável (NASAR, 2006).

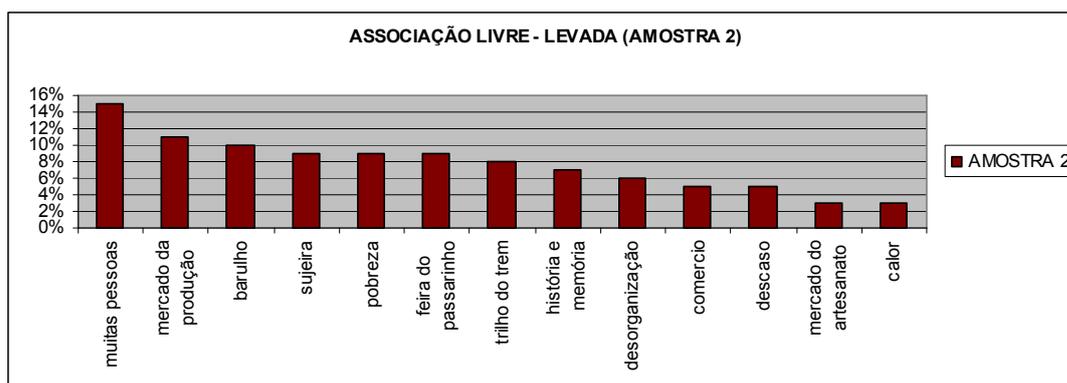


Gráfico 22: Associação livre (amostra 2)

Porém, analisando as características de um bom bairro e da Levada, ambas atribuídas pela amostra 2, percebe-se que o bairro possui duas das três primeiras características primordiais: a localização e o convívio social (gráfico 23). A análise dessas respostas leva a compreender que quando questionados acerca de um bom bairro, a experiência é colocada como fundamental (PIAGET, 1978). As pessoas respondem as respostas baseadas em suas vivências e em suas expectativas (TUAN, 1980), pois são destes elementos que decorrem as características de denominam um bairro agradável ou desagradável diante da experiência de cada um.

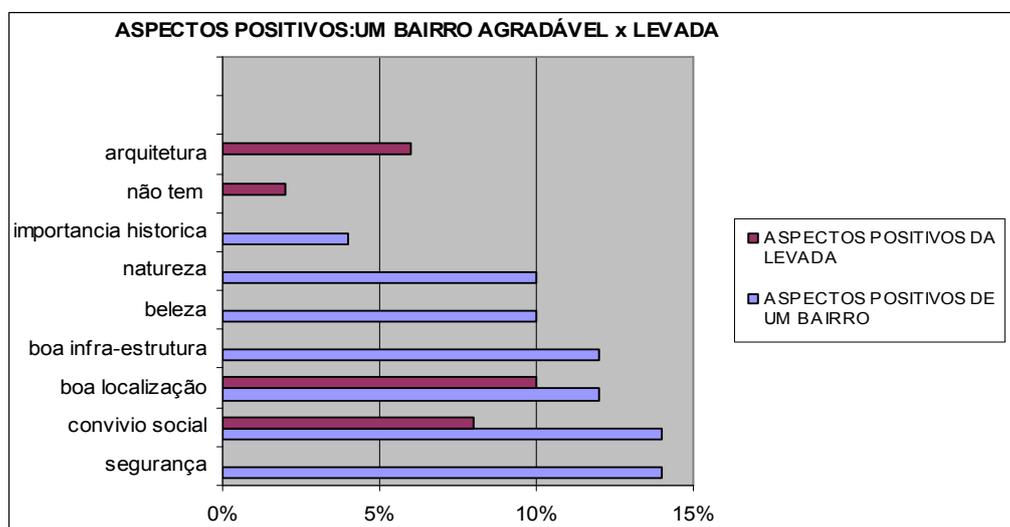


Gráfico 23: Aspectos positivos de um bairro e da Levada (amostra 2)

Mas, quando se reportaram acerca do bairro da Levada, mesmo se buscando na amostra 2 uma variedade que contemplasse imagens tanto construídas como veiculadas, constatou-se que todos os entrevistados já tinham estado ou passado pelo bairro. Assim, entendeu-se que os entrevistados relataram um conhecimento que em sua grande maioria foi assimilado apenas no mínimo por uma primeira impressão acerca do lugar. E de fato, entre às perguntas, as quais também deveria relatar o contato com o bairro, não foi mencionado nenhum conhecimento que fosse ocasionado apenas através da mídia. A maior parte dos respondentes desta amostra afirmou conhecer o bairro porque já estiveram lá, sobretudo porque o lugar desperta curiosidade através de suas peculiaridades, dentre as quais o comércio sobre os trilhos e que vende de tudo. Um outro aspecto mencionado foi a localização do bairro, que permite acesso ao Centro da cidade, pois é bem servido de transportes públicos. Além disso, não se deve esquecer a história da Levada, que traz em si lembranças que envolvem um período de auge do bairro onde as atividades e espaços de lazer ainda hoje fazem parte da memória de muitos habitantes de Maceió.

Assim, pode-se dizer que a imagem do bairro construída pelos maceioenses demonstra um conteúdo baseado na coletividade (MOSCOVICI, 2003), ilustrada através de alguns lugares de seu passado significativo, de suas raízes, de suas peculiaridades e de alguns elementos que também fazem parte do imaginário e da história da cidade. Ainda que as pessoas que tenham um primeiro contato com o mundo de uma maneira mais ou menos igual, elas o estruturam de uma forma muito diferente. As pessoas constroem sistemas para manejar o mundo, ou seja, formulam hipóteses; e predizem assim o seu cotidiano de acordo com elas (GIBSON apud DEL RIO, 1996). Desta forma, compreende-se porque o espaço apreendido e vivido como bairro apresenta dimensões muito variáveis cuja significação deste espaço é também muito diversificada, variando desde e sua função até seu “status” na cidade (BAROWSKY, 2000). Mas, mesmo possuindo elementos considerados primordiais, quando se confrontou as respostas ficou evidente que para a amostra 2 o bairro possui mais características negativas do que positivas, constituindo-se assim um bairro desagradável (gráfico 24).

Através do grande número de aspectos negativos – em comparação com os positivos - foram destacados alguns pontos primordiais no entendimento da imagem construída pela cidade acerca da Levada. O primeiro é que a imagem da amostra 2 apresentava algumas divergências que além da localidade do entrevistado também era

influenciada por sua faixa etária. Os entrevistados com faixa etária acima de 50 anos, por exemplo, apontavam aspectos fundamentados no passado do bairro, como lugares de lazer e diversão que já não funcionam mais. A grande parte desses entrevistados com esta faixa etária já morou no bairro ou em suas adjacências ou conheceu alguém que morou, ou seja, freqüentou assiduamente em sua juventude, sobretudo devido às festas e procissões realizadas ali. Quanto maior era a faixa etária – próxima aos 75 anos - mais mias evidente se tornava este fato, pois a maioria das sensações estavam baseadas em lembranças relatadas. Neste sentido, notou-se também que os entrevistados mostravam afeto pelo lugar.

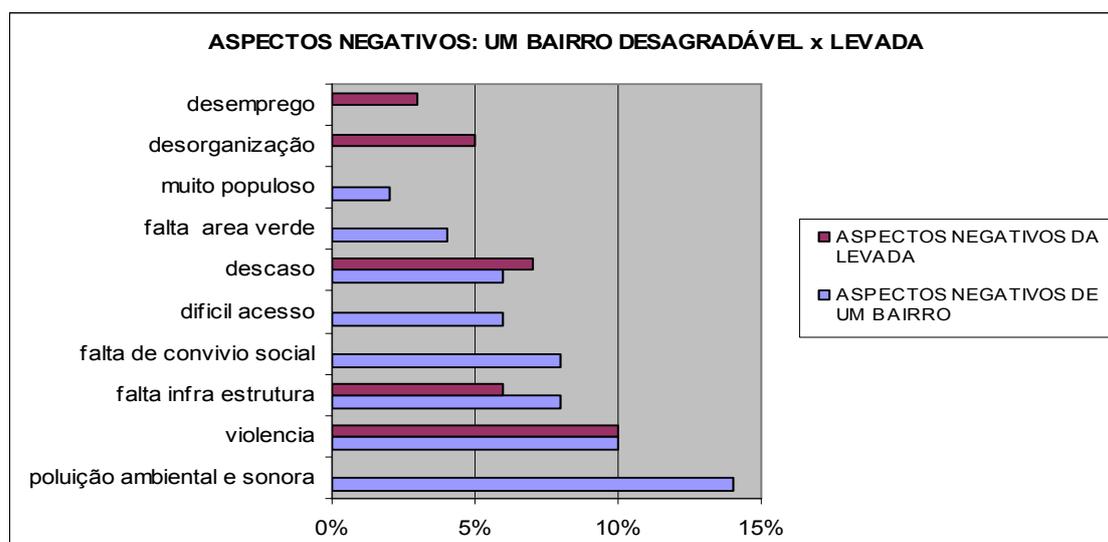


Gráfico 24: Aspectos negativos de um bairro e da Levada (amostra 2)

O ponto interessante diz respeito aos entrevistados que residiam em bairros de classe alta. Embora já tivessem freqüentado o bairro, quando solicitados a relatar características da Levada, estes entrevistados mencionavam muito mais aspectos negativos. Sobre este aspecto, foi constatado que devido ao pouco contato com o lugar, estes respondentes apontavam características que se baseavam em aspectos estéticos, e que como não correspondiam à suas realidades eram relatadas como negativas. Este fato já não acontecia em relação aos entrevistados que residiam em bairros mais populares. Segundo os mesmos, a realidade de seus bairros de moradia é muito mais próxima ao bairro da Levada, pois ainda se percebe uma atmosfera de cordialidade, conversas na porta de casa e crianças brincando na calçada, ou seja, existiriam valores similares vinculados às práticas do bairro em estudo. O mesmo ocorre para o bairro das adjacências que de forma interessante constrói uma imagem parecida com a dos freqüentadores, inclusive com as mesmas sensações.

De uma forma geral, pode-se dizer que diante dos resultados da amostra 2 que o bairro da Levada se faz ainda hoje bastante presente na vida dos maceioenses. Para os entrevistados desta amostra, o bairro expressa uma atmosfera de convívio social. Este aspecto foi comprovado através da associação visual, onde entre as fotos descritas como “parte do bairro da Levada” pela amostra 2, quase 60% eram aquelas em que aparecia algum tipo de convívio social: crianças na calçada, multidões (gráfico 25 e figura 32). Já as fotos que não eram do bairro, a sua grande maioria tinha relação com a arquitetura, o contrário do que acontece na amostra 1. Observa-se que para esta amostra a presença de pessoas é um elemento importante na imagem da Levada, pois a maneira que a sociedade se materializa em um espaço seria um dos principais elementos determinantes de suas características físicas (LYNCH, 1999).

E de fato, a associação livre reafirma esta colocação já que para a grande maioria da cidade a primeira coisa que vêm a mente sobre o bairro seria a imagem de muitas pessoas. Já os aspectos arquitetônicos, conforme os motivos relatados, tornavam - se um dos aspectos evidentes de algo que não pertencia ao lugar, sobretudo porque era associado padrões estéticos de beleza, já que é a avaliação do meio ambiente pelo visitante é essencialmente neste sentido. É a visão de quem julga pela aparência, por algum critério formal de beleza (TUAN, 1980). Por isso as poucas casas que eram associadas ao bairro, em sua grande maioria eram casas de taipa sem nenhum requinte estético ou com características históricas, mas com aspecto de abandono.



Figura 32: fotos mais escolhidas amostra 2

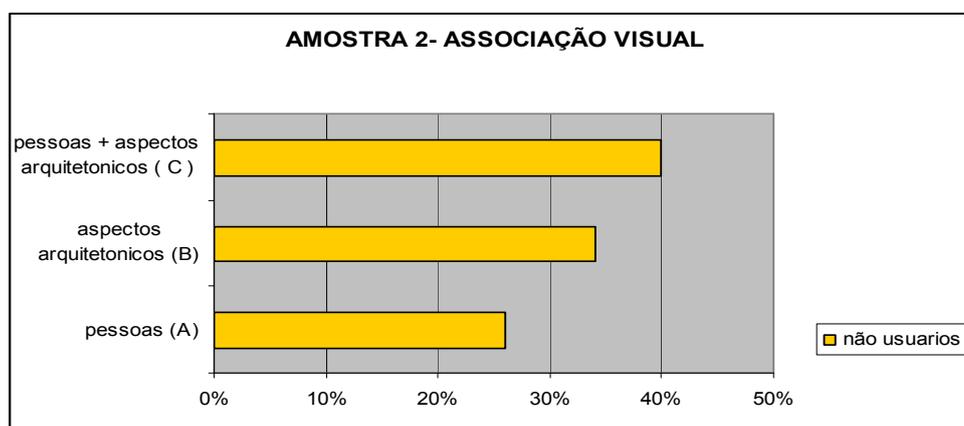
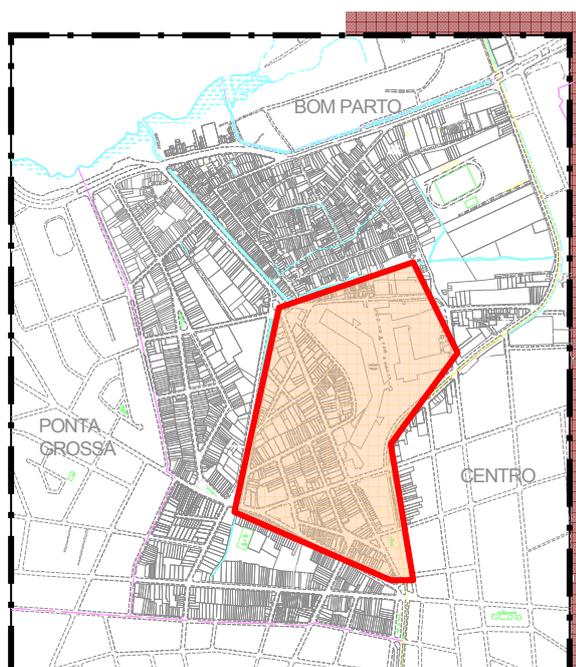


Gráfico 25: Resultados da associação visual da amostra 2

Conforme a amostra dois, o lugar que mais representa o bairro é o Mercado da Produção (gráfico 26). Pode-se dizer que ele também seria o mais conhecido, pois nele aparecem associados os principais elementos do bairro: barulho, comércio, caos. Na verdade no imaginário coletivo a atividade comercial é tão forte que para esta amostra o bairro é visto apenas como uma área de comércio, com quase nenhuma residência. De fato, a prática comercial é tão forte no bairro que em segundo lugar ainda se destaca a atividade comercial, mais especificadamente a “Feira do Passarinho”. Esta ocorrência pode ser verificada através da avaliação valorativa, onde foi possível perceber que se entre os lugares apontados de maior valor dentro do bairro para esta amostra foram destacados os que se encontram dentro do perímetro comercial (gráfico 26, mapa 15). Outros elementos que não estavam situados neste limite como a Lagoa Mundaú que se localiza muito mais próxima a área predominantemente residencial, segundo a amostra dois não eram relevantes, pois não faziam parte da área comercial e conseqüentemente do bairro da Levada. A mesma coisa foi observada em algumas construções históricas como a que abrigou a Primeira Igreja Batista, que enquanto para os usuários tinha era um referencial de lembranças, para a amostra dois não era nem reconhecida. Já o cinema ideal, foi um ponto de referência bastante citado, um marco dentro do bairro não só por sua importância arquitetônica e um antigo local de lazer, mas principalmente porque hoje é uma parada de ônibus, o que o destacou de forma valorativa por possibilitar orientabilidade para esta amostra.

A imagem da amostra 2 delimita o bairro remetendo principalmente aos limites da feira livre e, sobretudo do trilho do trem que é uma barreira que estabelece fronteira entre a Levada e o bairro do Centro. É normal nas imagens aparecerem limites ou até um núcleo forte muitas vezes determinado por uma configuração ou atividade. No caso do bairro da Levada é o comércio que constitui grandes áreas de referência, pois são pontos nodais, que em meio a região o mercado parece confuso e disforme para a cidade tanto em seu lado



Mapa 15: área delimitada pelos entrevistados com sendo o bairro da Levada

interno como externo. As sensações físicas das atividades do mercado se mesclam com a feira livre se tornando marcantes, da mesma forma que a sua imagem é imprecisa devido a sua diferenciação visual dentro do bairro (LYNCH, 1960). Na medida em que este núcleo comercial vai desaparecendo aos poucos, a imagem do lugar vai se tornando menos legível (LYNCH,1960). Consequentemente, a Levada vai diminuindo, apresentado uma imagem cuja a construção para a amostra 2 corresponderia a uma área restrita em que a atividade comercial apresentaria maior influência (mapa 14).

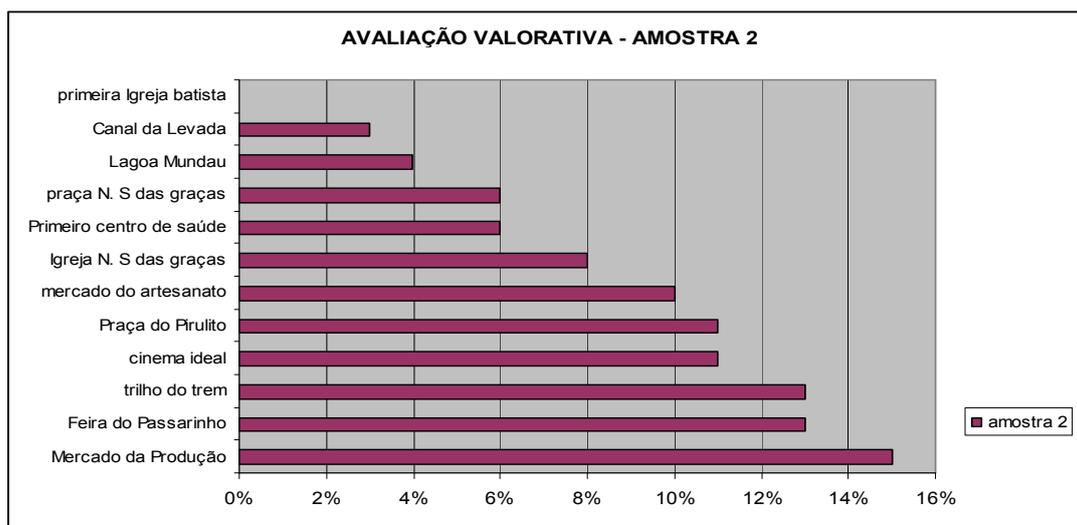


Gráfico 26: Resultados da avaliação valorativa amostra 2

É por todas essas considerações que neste ponto, quando foram verificados os resultados último procedimento, nota-se que o bairro da Levada não é legível para a amostra 2, pois seus limites compreendem o que eles consideram como tal: a área de grande influência do comércio ambulante, da feira livre e do Mercado da Produção, com muita gente e barulho. Da mesma forma, foi verificado que os únicos elementos localizáveis no mapa, são os que se concentram nesta área: mercado, o trilho do trem, o canal da Levada, a praça do pirulito e a lagoa (gráfico 27). Os dois últimos, embora não estejam nesta área de comércio seriam de fácil localização, pois ambos são pontos de referência para o deslocamento: a lagoa seria um marco enquanto a praça do pirulito por ser também parada de ônibus seria um ponto nodal (LYNCH. 1999). Em se tratando dos dois primeiros, fica evidente que possuem imaginabilidade, pois não são apenas vistos, mas também presente aos sentidos. Pode-se dizer que para esta amostra eles são signos do bairro já que as principais características do meio são atribuídas por estes elementos. Neste aspecto, entende-se que para os habitantes da cidade que não freqüentam assiduamente o bairro, a imagem se tornaria uma forma de acesso ao conhecimento. No

entanto, devido a natureza das informações que formam esta imagem -sensações e percepções- o conhecimento de tornaria ainda muito superficial. Neste sentido, compreendeu-se que essa imagem seria influenciada por outros fatores, como as representações sociais da área, que não condizem em grande parte com a experiência da amostra 1. Diante de tais considerações, seria correto afirmar que a aparência física da Levada, para a amostra 2 seria influenciada outros aspectos, como os sociais e arquitetônicos que fazem parte da imagem do lugar.

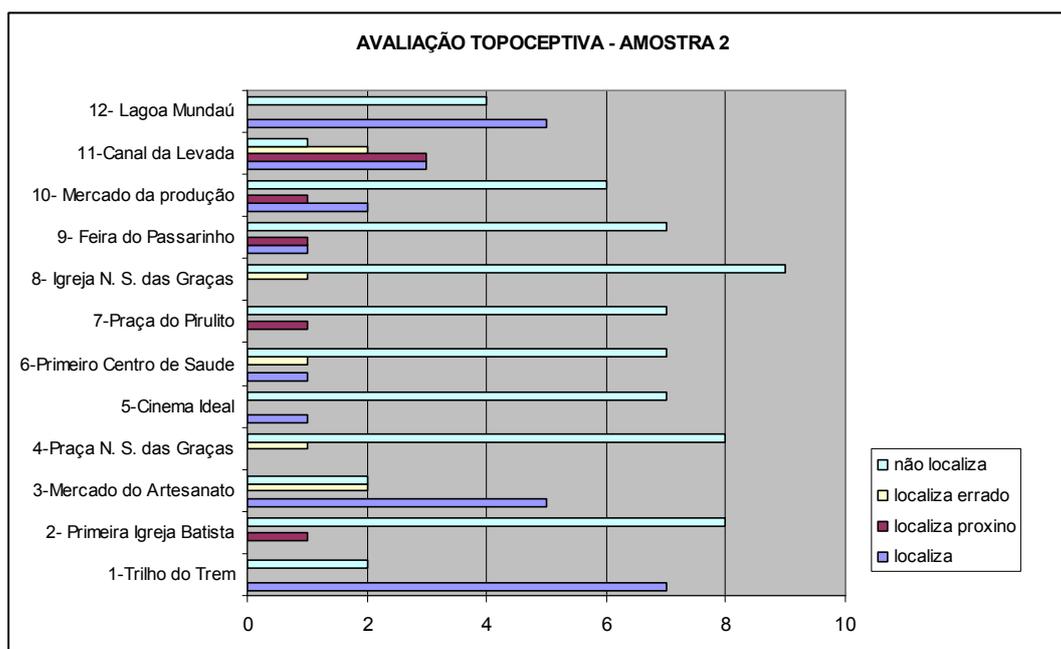


Gráfico 27: Resultados dos elementos localizados (mapa – amostra 2)

4.2. RESULTADOS FINAIS: A IMAGEM DO LUGAR

Ao se estudar a imagem do lugar, que neste trabalho corresponde ao bairro, está se considerando o espaço imediato da vida e das relações cotidianas mais próximas. Estas seriam relações que Carlos (1996) descreve como de vizinhança, de encontro com dos conhecidos, ou seja, de pequenos atos corriqueiros que, mesmo aparentemente sem sentido, criam os laços profundos entre identidade - habitante -lugar. Este bairro enquanto lugar seria um espaço no qual homem habita dentro da cidade que diz respeito ao seu dia a dia (CARLOS, 1996), como foi exemplificado através da Levada. O estudo deste bairro possibilitou entender que a relação diária entre homem e espaço se expressaria através de diversas formas de apropriação representadas pelo uso, pelos

sentidos, pela memória, meios pelos quais os espaços também ganhariam significado. E de fato, diante dos resultados expostos, tornou-se evidente que a existência desses meios de apropriação também estariam associados a diversos elementos que influenciariam na construção da “imagem do lugar”.

Conforme Elali (2007), para que esta imagem existisse seria necessário não que apenas o objeto fosse percebido em sua individualidade, mas principalmente em um contexto. O seja, não se deve apenas considerar a imagem sob uma ótica interna do bairro, mas seria relevante também uma ótica externa, dos habitantes da cidade. E de fato, até este ponto este trabalho vem seguindo esta linha de raciocínio, explorando a imagem não só do bairro – morador, freqüentador e comerciante – mas também da cidade. Tais resultados foram de grande auxílio para o entendimento desta área, principalmente devido a sua dinâmica onde suas atividades ganham diferentes graus de destaque tanto para seus usuários como para a cidade como um todo. Assim, entendeu-se que a heterogeneidade presente no grupo de usuários do bairro não poderia ser desconsiderada já que ela constituiu um parâmetro que ajudou na compreensão da realidade do bairro e conseqüentemente de sua imagem.

Entretanto, segundo Lynch (1999) seria impossível entender a imagem do lugar deste lugar, pois em meio à heterogeneidade das amostras, sobretudo a amostra 1, não se chegaria a um consenso. Quanto mais homogêneo for o grupo em que se analisa a imagem, mas próximo se chegará a uma imagem mental, comum a vários habitantes. Na verdade seria uma “imagem pública” que expressa “áreas consensuais que surgem da interação de uma única realidade física e de uma cultura comum” (LYNCH, 1999:8) Neste sentido, entende-se que neste estudo, tanto a amostra 1 como a amostra 2, deveria seguir um padrão, onde a análise dos resultados deveria ser feita entre respostas de entrevistados que tivessem o mesmo perfil. Foi em busca de explorar a partir deste ponto uma imagem consensual que expresse a noção de bairro e os principais aspectos que o tornam um lugar, que este estudo privilegia a partir deste momento o ponto de vista do morador e do não morador. Considera-se que a partir do morador se torna possível entender melhor o bairro como um lugar, pois o morar reflete onde cada um se situa no espaço. Além disso, o bairro onde se mora seria uma referência a ser relevada já que segundo Certeau (1990) estaria intimamente ligado aos anseios individuais e coletivos do ser humano, desempenhando assim um papel importante na compreensão e na construção da “imagem do lugar”.

4.2.1. A QUESTÃO MORADOR x NÃO MORADOR

Diante às diversas formas de construção imagética evidenciadas no estudo do bairro da Levada, percebe-se diferentes significados que variam conforme o uso, os sentidos e a memória. Diante dos resultados provenientes das duas amostras, pode-se dizer que estes três aspectos são os que mais conotam ao bairro e aos seus lugares dimensões e considerações diversas.

Enquanto usuários do bairro, percebe-se que as imagens dos moradores se mesclam com as imagens de comerciantes e freqüentadores, características próprias de ambientes grandes e complexos como o em estudo (Lynch 1999). Ao mesmo tempo, pode-se dizer que estes três grupos de imagem expressam diferentes graus de aproximação com o lugar, onde a maior proximidade seria dos moradores. Entretanto como grande parte destes também são comerciantes, esta aproximação varia, pois se relaciona com outras necessidades e anseios, principalmente em torno da imagem do freqüentador. Ou seja, em linhas gerais, o morador – comerciante constrói sua imagem com elementos pautados também no olhar do freqüentador, considerado basilar para a existência de sua atividade comercial. Para parte destes moradores entrevistados a persistência na área ocorre devido a possibilidade de comércio, sobretudo aqueles que residem em áreas de intensa atividade comercial. No entanto, mesmo que o morador construa uma imagem que esteja fundamentada também em elementos que vão além da moradia, esta ainda permanece como ponto fundamental em sua relação com bairro. No entanto, da mesma forma que o não-morador, o comércio existente na Levada exerce um importante papel na construção de sua imagem, principalmente porque o lugar é associado ao grande fluxo de pedestres desencadeado por esta atividade. Assim, tanto para os moradores e não - moradores participantes da pesquisa, quando se menciona a palavra Levada, a primeira coisa que lhe vem à cabeça é grande número de pessoas que se deslocam pelo bairro (gráfico 28). Para os moradores este aspecto é um ponto positivo, pois além de proporcionar o convívio social, também proporciona um grande número de vendas. Já para os não moradores é um ponto negativo porque está fortemente associado à feira, despertando sensações de confusão, barulho e caos.

Em meio ao destaque do comércio como um elemento presente na imagem síntese, entre os diferentes lugares que representam esta atividade, as pessoas indicam majoritariamente a “Feira do Passarinho”, mais até do que o Mercado da Produção. No entanto, foi constatado que a feira livre foi muito mais mencionada devido a sua relação

com o trilho do trem, o que destaca a sua importância muito mais que a própria atividade.

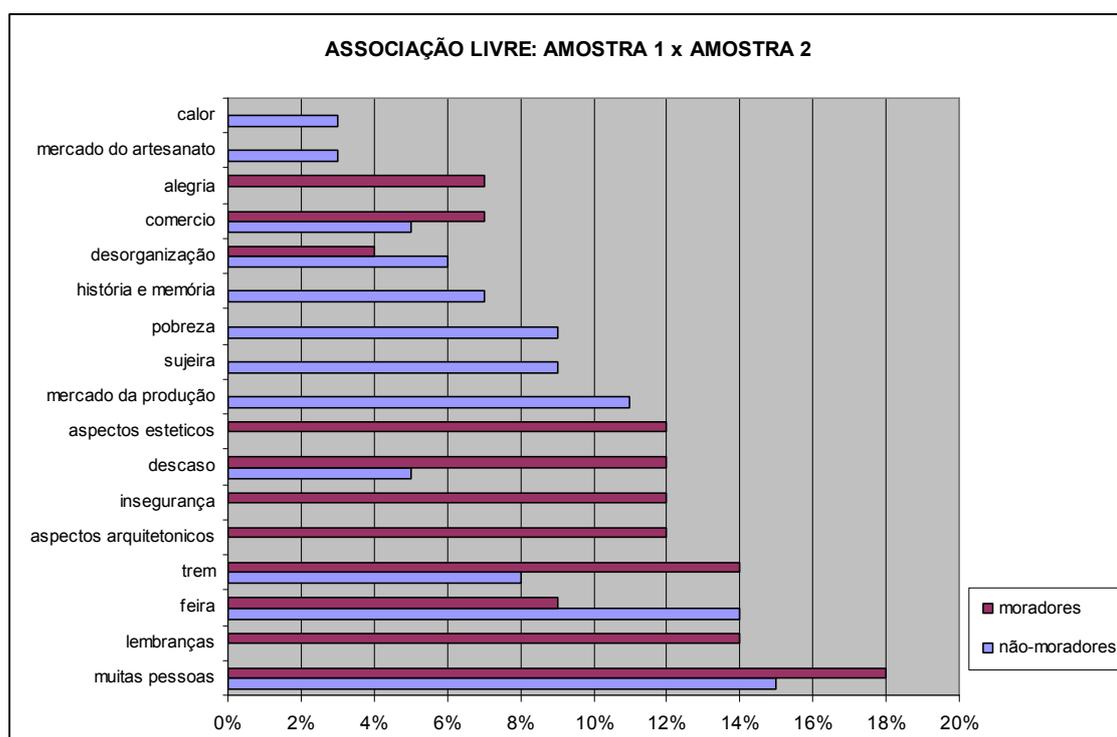


Gráfico 28: Resultado da associação livre: moradores e não moradores

De fato, a influência desta feira na imagem é tão evidente que para os não-moradores, são seus limites que delimitam o bairro da Levada (mapa 16). Em linhas gerais, na imagem dos não-moradores o bairro é quase exclusivamente comercial, chamando-se também “Bairro do Mercado”, e pequeno, se comparado com sua delimitação oficial. Ainda segundo estes entrevistados, as residências que hoje estão situadas nas imediações do Mercado e da feira livre são parte dos bairros vizinhos como Prado, Ponta Grossa e Vergel do Lago. Nestas localidades, a maioria das construções seria de caráter histórico ou quando próximos à lagoa, barracos de papelão.

Já para os moradores, esta área delimitada pela amostra 2 constitui o “coração do bairro”. Para estes entrevistados esta área detém muitas construções de importância histórica que são significativas para o bairro como a Igreja Nossa Senhora das Graças (figura 33), o antigo Mercado Público, com sua torre e seu relógio, hoje Mercado do artesanato, o primeiro templo da primeira Igreja Batista.

Neste perímetro também se destacam construções com traços modernistas, dentre as quais o Cinema Ideal (fechado) e o Primeiro Centro de Saúde (figura 34). Em meio a esses elementos, ainda em algumas situações os moradores mencionaram

elementos urbanos também presentes nesta área que seriam visualmente não significativos, alguns até que não existem mais, mas essenciais à vivência urbana (sorveteria popular, panificação Rio Branco) e a memória do lugar (Macarronada Eureka, Bar Grací, Praça Emilio de Maya)³², reforçando assim a importância desta área no contexto do bairro. Assim, de uma forma geral, torna-se evidente que esta área é destacada tanto para moradores como para os não moradores. Neste sentido, pode-se dizer que este perímetro seria o melhor representante da imagem do bairro da Levada, onde além dos aspectos relatados como importantes, também se consolida como a área a mais freqüentada dentro do bairro, como foi constatado nas visitas de campo ³³ (mapa 16).

Tal constatação também está presente no procedimento de associação valorativa. Embora neste procedimento os moradores tenham apontado um número superior de lugares importantes para o bairro aos não-moradores, ambas as amostras responderam que o consideram o Mercado da Produção o de maior destaque, inclusive com a mesma porcentagem (15% conforme gráfico 29). No mesmo caso se destacam a Lagoa Mundaú e canal da Levada que embora



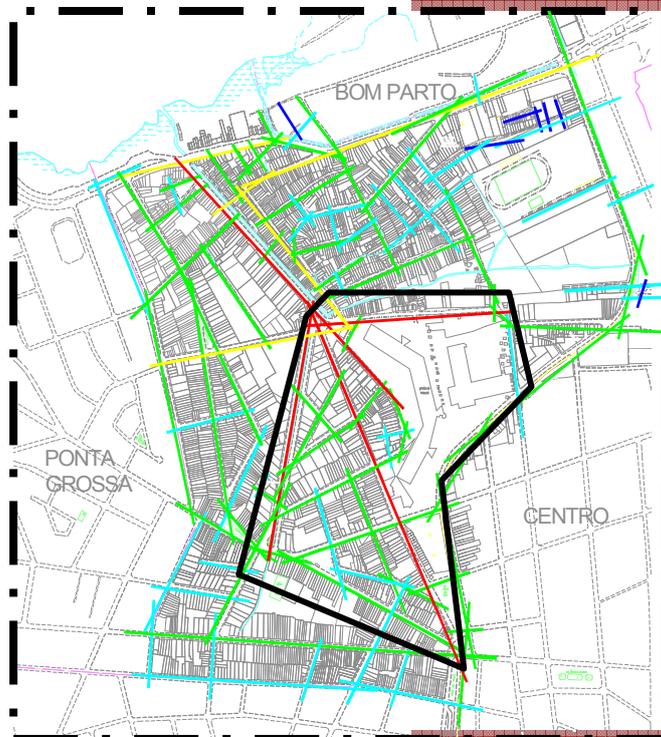
Figura 33: Igreja Nossa Senhora das Graças

Fonte: arquivo pessoal



Figura 34: Primeiro Centro de Saúde

Fonte: arquivo pessoal



Mapa 16: Integração global – Bairro da Levada sobreposto ao mapa de localização dos elementos

Fonte: Mesquita, 2006: Redesenhado sob base originária de PMM,2003

³² Estes lugares não existem mais, mas continuam sendo mencionados pelos moradores como essenciais ao bairro.

³³ Conforme resultados da aplicação da sintaxe espacial

considerados pelos não – moradores uma parte que pertenceria a um outro bairro, foram destacados como essenciais para a orientabilidade. Neste sentido a maioria descreveu que este dois elementos são fundamentais para se chegar até o bairro (se referindo a área delimitada).

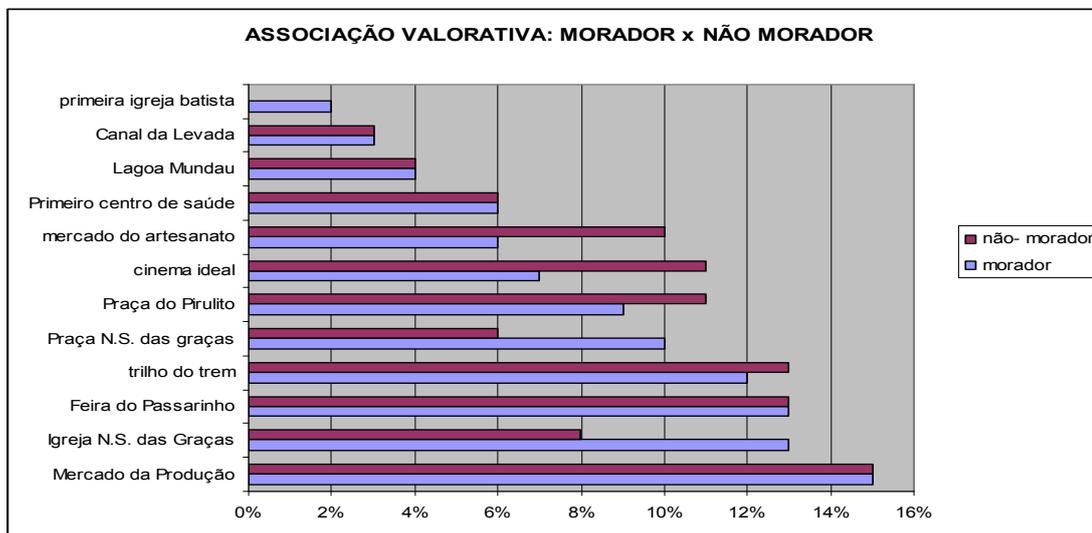


Gráfico 29: Resultados da associação valorativa (morador x não - morador)

Por outro lado, quando solicitados a indicar espacialmente os lugares considerados principais, os não-moradores sentiram muita dificuldade em identificar estas localizações no mapa. Já os moradores, quase 85% localizaram com muita facilidade, detalhando verbalmente até caminhos alternativos que facilitavam o deslocamento nas áreas consideradas confusas pelo o outro grupo. Eles também identificavam no mapa as regiões com diferentes tipologias residenciais, áreas de maior insegurança dentro do bairro e com maior potencial de comércio em 90% dos casos.

Na avaliação das principais características do bairro, usando a associação livre, os moradores se referiram tanto a aspectos positivos quanto negativos, dentre os quais este último dizia respeito, sobretudo a falta de infra-estrutura e de áreas de lazer. Neste mesmo procedimento, os não-moradores se referiram em sua maioria a aspectos negativos. Assim, mesmo compreendendo que a imagem dos não-moradores é construída através de um contato direto com o bairro, sendo esta em menor proporção do que dos usuários, nota-se um pouco de influência da mídia no aumento da incidência desses aspectos. Isto é, sabia-se dos aspectos negativos do bairro da Levada, mas estes eram exagerados quando comparados com os bairros negativamente veiculados, que em grande parte nunca foram freqüentados pelos entrevistados. A falta de segurança é um

exemplo evidente desta afirmação. Os respondentes mencionavam este aspecto como negativo no bairro da Levada, pois já tinham estado lá e se sentido inseguros por algum motivo. Entretanto, quando solicitados a exemplificar um bairro parecido com a Levada recorriam a bairros que segundo a imprensa, apresentavam altos índices de criminalidade, isto é, os mais violentos da cidade.

Um outro fator que exemplifica a influência da mídia em torno da valorização dos aspectos é a existência da “Feira do Passarinho”. Para os moradores, parte da feira que ocupa hoje a Praça Emilio de Maya deveria ser retirada. Porém, como esta parte é exatamente a região cortada pelo o trilho do trem, para os não- moradores ela deveria ser mantida, mesmo sendo considerada a pior área do bairro. Para estes últimos o comércio “sobre os trilhos” seria uma potencialidade turística da área já que foi alvo de reportagens em nível nacional.

É devido a existência de fatos curiosos, como é o caso da “Feira do Passarinho” e “do Rato”, na qual os comerciantes vendem seus produtos sobre os trilhos nos intervalos de passagem do trem, que na opinião dos não- moradores o bairro apresenta grande potencial turístico. Neste ponto, embora os moradores concordem com investimentos que estivessem direcionados à esta atividade, para os mesmos as principais potencialidades estariam muito mais vinculadas à paisagem natural da área, sobretudo nas adjacências da Lagoa Mundaú. Um outro ponto que poderia ser explorado neste sentido, conforme grande parte dos entrevistados seria a história da área que ainda se encontra representada por muitos casarões do início do século passado (figura 35).



Figura 35: Casarões na Levada
Fonte: arquivo pessoal

No que se refere à aparência do bairro – ruas, praças, construções - foram notadas algumas concordâncias entre moradores e não-moradores. Entre as opiniões, de modo geral, o bairro foi descrito em meio a níveis que variavam de muito bonito (10) a muito feio (0) como regular por 23% dos entrevistados (nota 4-5, conforme gráfico 30). Tal concordância se relaciona principalmente em torno de aspectos estéticos e

arquitetônicos, que embora Tuan (1980) se relacionem em diferentes graus para o nativo e visitante (morador e não-morador) estão associados às impressões de descaso e abandono que os entrevistados relataram sentir em relação ao bairro. Esta concordância também se repete em torno das principais características do bairro. Embora os não-moradores relatem um maior número de aspectos negativos, quando se trata de aspectos fundamentais, tanto moradores como não- moradores destacam a boa localização da Levada.

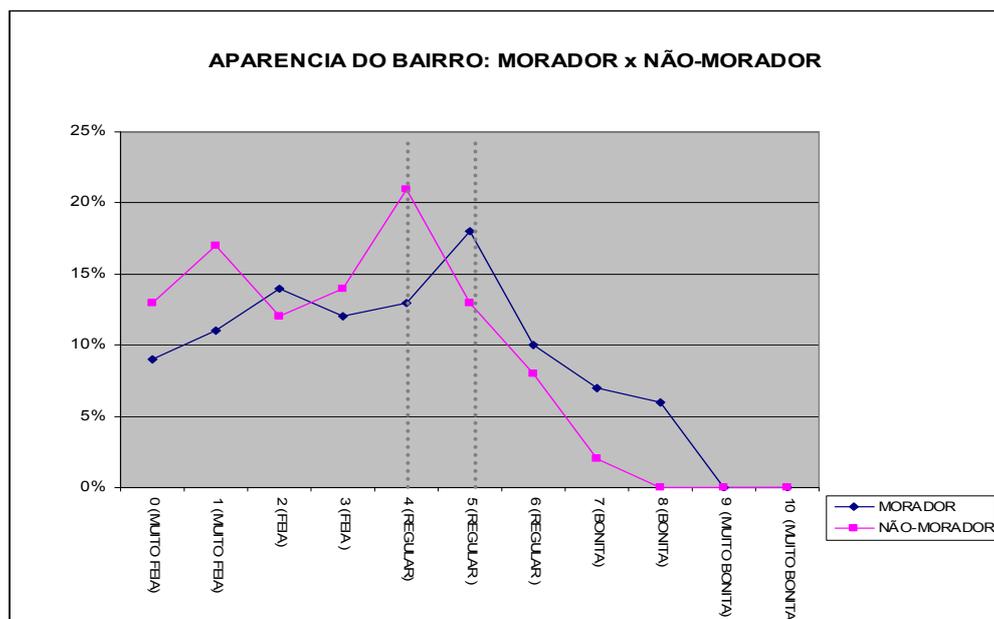


Gráfico 30: Aparência do bairro segundo moradores e não-moradores

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entre as práticas comuns do bairro, representadas pelas conversas entre vizinhos, jogo de baralho na calçada, as lembranças de antigos lugares e itinerários que o descrevem de forma tão simples, é revelada uma complexidade que segundo Certeau (1996) resiste qualquer abordagem que o englobe como um todo. No caso do bairro da Levada esta afirmação ganha sentido, torna-se uma constatação que se evidencia principalmente através do estudo de sua imagem construída por seus usuários.

De fato, foi analisando o bairro através de sua imagem que se entendeu que tal complexidade está associada a sua dinâmica. Enquanto forma de conhecimento, compreende-se que a imagem pode ser considerada bastante prática, sobretudo quando destinada para a compreensão de uma realidade. Como sua formação consiste na criação de um modelo abstrato do meio ambiente e de tudo o que nele ocorre, através dela se torna possível perceber as formas pelas quais as pessoas constroem sistemas para manejar o mundo, ou seja, formulam hipóteses. No caso da Levada, nota-se que sob o ponto de vista dos indivíduos, o bairro pode ser estruturado de uma forma muito diferente, mesmo para aqueles que estabelecem um primeiro contato com o bairro em estudo de maneira parecida, como no caso desta pesquisa onde todos os entrevistados já haviam freqüentado o lugar.

Foi observado que ninguém apreende o bairro totalmente, mesmo para os que afirmam um vasto conhecimento acerca do lugar. Mas todos compartilham dele de uma maneira ou outra: seja comerciante, morador,



Figura 36: seqüência de fotos sobre a Levada

Fonte: arquivo pessoal

ou até não-morador, expressando diferentes graus de apreensão e de aproximação com o lugar. Assim, em vez de ser única e abrangente para todo ambiente, a imagem se consolida através de grupos, o que revela diferentes maneiras pelas quais o bairro pode ser organizado.

Em se tratando deste trabalho, a relevância da imagem se concentrou no fato que ela é uma representação. Por corresponder a teorias que, ao serem construídas, refletem visões distintas de mundo, ideologias, através dela podem ser encontradas informações. Quando consideradas do ponto de vista do indivíduo estas informações consistiam em representações individuais, as quais possibilitaram explorar o bairro nas mais variadas perspectivas.

Diante dos comerciantes a Levada aparece muito mais associado ao uso. Já para os moradores são as lembranças, enquanto os frequentadores são muito mais suscetíveis às sensações. No entanto todos mostram uma certa afetividade com o lugar. O mesmo ocorreu com os não-moradores, que vincularam estes três aspectos em diferentes níveis: os jovens relacionavam o bairro ao uso enquanto os idosos às lembranças.

Mesmo divergentes, as imagens mais ou menos se sobrepunham e se inter-relacionavam, organizando em torno si as diversas significações que existem acerca do lugar. Neste contexto, buscou-se também a compreensão do ponto de vista das representações coletivas, ou seja, aquelas elaborações que surgem a partir de sujeitos sociais a respeito de objetos socialmente valorizados. Conforme Moscovici (2003) este também seria um processo de construção de conhecimento, já que funciona através do senso comum. Assim, como este tipo de representação pode ser destinada à comunicação e à compreensão do contexto social e material de um certo grupo, seu entendimento também foi considerado neste trabalho.

Frente dos resultados obtidos nesta investigação, verificou-se que mesmo existindo muitos aspectos em torno da construção da imagem da Levada, foi possível entender aqueles ditos consensuais, principalmente para moradores e não-moradores através de uma imagem consensual, ou seja, sua imagem pública (LYNCH, 1999). Em se tratando do bairro da Levada, os elementos desta imagem se concentram em torno da atividade comercial do lugar, mais precisamente no mercado, que tradicionalmente é um ponto de referência que nenhuma cidade pode prescindir sem ele. Ele é tão importante que pelo menos uma vez na vida o habitante sentirá a necessidade de ir até lá (CERTEAU, 1996), o que explica, de certa forma, a inexistência de entrevistados que nunca tivessem ido pelo à Levada na amostra dimensionada fora do bairro.

Entre os aspectos mencionados por ambas as amostras, o mais interessante foi a delimitação de uma certa área do bairro como principal representante da imagem da Levada. Nesta área, além de lugares visualmente significativos, também guardaria em si, segundo 75% dos entrevistados principalmente os mais idosos, a lembrança de alguns lugares, hoje em sua maioria inexistentes, mas que ainda marcam uma época em que o lugar era bastante requisitado. Esta delimitação, segundo os moradores seria “o coração do bairro”, tanto para jovens como idosos. No entanto, para este último também se percebeu que esta delimitação estava associada a uma forte relação de afetividade que envolvia o bairro como um todo.

Na verdade, pode-se dizer que esta área seria um ponto nodal, já que é considerado um lugar estratégico, um foco intenso onde observador pode entrar. Para os moradores este ponto nodal reúne várias junções, meras concentrações que adquirem importância de forma diferenciada para o comerciante e para o freqüentador assíduo. Contudo, tanto para o morador como para o não morador a área é foco e síntese do bairro, sobre o qual a influência se irradia a ponto de se tornar um símbolo, sobretudo para este último (LYNCH, 1999).

Em meio as observações, nota-se que a área corresponde a uma delimitação associada, sobretudo ao comércio. Sobre este aspecto o que mais se destacou para ambos os grupos entrevistados foi a prática do mercado. Este é um aspecto tão marcante no bairro que grande parte dos elementos que ancoram a imagem deste lugar estão associados direta ou indiretamente a esta atividade. Por exemplo, para os moradores esta prática aparece relacionada à história do lugar, cuja origem remete à esta atividade principalmente a venda de produtos alimentícios à céu aberto. Além disso, foi constatado que atividade comercial está associada a algumas sensações como caos, alegria, confusão, relatadas pelos entrevistados. No entanto, conforme os mesmos, tais sensações estariam muito mais vinculadas à prática do comércio informal da área. Desta forma, pode-se dizer que a área considerada como o “coração do bairro”, também é detentora de lembranças e lugares significativos tanto visualmente como para a vivência do lugar.

A importância da atividade do mercado também se destaca diante do contexto comercial da área como um todo, tanto para moradores como não-moradores. Em meio aos resultados, nota-se que a existência do Mercado da Produção é bastante evidente na imagem construída da Levada, sobretudo porque ele é considerado o núcleo da atividade comercial. Mas, na imagem dos moradores este núcleo é reforçado pelas

atividades que se concentram ao seu redor, mais precisamente pelo comércio informal. Já para os não moradores, é a extensão da configuração deste comércio e sua área de influência – ruas adjacentes - que delimitam o bairro. Neste caso, não existiria distinções entre a “Feira do Passarinho”, “Feira do Rato”, camelódromo e Mercado da Produção, ao contrário dos moradores. Mesmo estando cientes da existência de tais atividades, para os não-moradores, estes seriam apenas nomes que podem ser empregados na a região em torno do Mercado, onde o principal destaque fica para a “Feira do Passarinho”.

Um outro ponto interessante que diz respeito a relação entre o comércio e a Levada é que mesmo aparentando uma relação distante com o bairro, pois atualmente feira livre não existe mais em seu formato original - apenas a comercialização de produtos alimentícios - nota-se ainda uma grande influência no presente. Esta influência se evidencia principalmente na configuração da área, onde ainda hoje comércio e moradia compartilham um mesmo lugar. Além disso, ela também pode ser percebida através de alguns elementos os quais ao mesmo tempo em que na construção da imagem aparecem intrinsecamente ligados à dinâmica e prática do bairro, em sua análise demonstra outros sentidos que se relacionam com a prática do mercado. Entre as localidades mencionadas como principais pelos entrevistados, por exemplo, percebe-se a configuração da feira livre: meio da rua, com barracas na “Feira do Passarinho” e a comercialização de alimentos no Mercado da Produção. Um outro ponto que se destaca, tanto no Mercado da Produção como na Feira do Passarinho seria a forma de vender, onde os vendedores são obrigados, pela sua profissão a chamar seus fregueses pela forma de venda típica “quase aos gritos”. Esta necessidade que os comerciantes expressam em atrair a freguesia também poderia estar associada à preocupação que alguns entrevistados demonstraram com a imagem que o freqüentador possui da área.

Mesmo com a importância do comércio ambulante, o Mercado da Produção ainda é considerado pelos entrevistados de maneira geral como o lugar mais importante para o bairro. A relevância é tamanha, que foi observado em certos momentos que as qualidades associadas ao mercado são também consideradas como pertencentes ao bairro, consolidando-o como símbolo da área. Percebe-se, assim, que a prática do mercado favorece uma utilização do espaço que não é apenas funcional, mas também simbólica. Sob esta ótica foi possível observar a existência de algumas sensações que aparecem ligadas a esta atividade. Os mercados são ambientes sociais pouco controláveis por causa da extrema complexidade das relações aleatórias que aí se

misturam (CERTEAU, 1996). Assim, ao mesmo tempo em que ele se consolida como um símbolo do bairro, ele se relaciona muito mais com algumas sensações desagradáveis como barulho e confusão relatadas pelos entrevistados. Este seria um fato tão evidente que os não- moradores descrevem o bairro como “o bairro do Mercado”, cabendo o nome Levada apenas para a parte de moradias. Como as residências hoje são consideradas quase inexistentes para esta amostra, este se torna o antigo nome do lugar, de quando ele ainda era requisitado, com diversas residências e festividades que caracterizaram o bairro “quando ainda era o bairro da Levada”.

Também é devido a esta presença forte na imagem na Levada, que o bairro é considerado desagradável para a maioria dos entrevistados. Neste sentido, o estudo de caso se tornou um aspecto interessante, pois ao possibilitar entender a forma de como o bairro é visto, auxiliou também na identificação de alguns elementos fundamentais para a noção de bairro dos maceioenses. Através do estudo da imagem do lugar, constatou-se que aspectos como localização, acessibilidade, segurança, paisagem natural, comodidade e convívio social são os principais elementos que fazem parte de um bairro agradável. Já a falta de segurança e infra-estrutura, falta de áreas de lazer são os principais aspectos de um bairro desagradável.

Mesmo apontando o comércio como principal aspecto do bairro e construindo uma imagem associada a seus elementos, para mais da metade dos entrevistados (60%), ele é considerado próprio para moradia, mesmo para aqueles que negam a existência de residências. Além disso, na opinião dos entrevistados o bairro tem potencial turístico que poderia ser explorado tanto por sua paisagem natural segundo os moradores como pela dinâmica de seu “comércio sob os trilhos”, principalmente para os não- moradores.

De uma sintética, pode-se dizer que o bairro possui diferentes significados que estariam pautados em três aspectos. O primeiro seria o uso, no qual se destaca o comércio. O segundo seria os sentidos, onde as sensações agradáveis e desagradáveis do lugar seriam despertadas pela presença de sua atividade comercial, mais precisamente o informal. Quanto ao último aspecto, mas não menos importante, estaria a memória, a lembrança despertada tanto pelos lugares do bairro como por ações simples e corriqueiras que ao mesmo tempo em que delimita seus limites geográficos dentro da cidade, o constrói imageticamente.

Diante de tais resultados, pode-se afirmar que a imagem do bairro da Levada construída pelos não- moradores não é tão forte como a os moradores, já que é pautada em sensações. Mesmo sendo manifestações da realidade as sensações não são

suficientes para explicá-la já que são apenas o primeiro contato com o meio. Assim, o que se percebe é uma influencia dos parâmetros almejados para viver o espaço do próprio bairro, onde a estrutura do condomínio fechado também serve de comparativo com o bairro da Levada. Esta comparação estaria baseada em aspectos estéticos e arquitetônicos, focos para onde se deslocam o olhar do visitante (TUAN, 1980) e que quando não correspondidos, transformam o lugar em desagradável.

Foi perceptível que a realidade do bairro da Levada também o mostra de forma desagradável, sobretudo devido aos constantes assaltos, sujeira e descaso. No entanto, foi constatado que mesmo possuindo aspectos positivos, os primeiros pontos mencionados sempre eram de caráter negativo. Este aspecto foi evidenciado quando os respondentes externos ao bairro ressaltaram a importância do convívio social como algo que precisava ser mais incentivado na realidade de grande parte dos bairros. Entretanto, mesmo mencionado em primeiro lugar este aspecto no bairro da Levada, não o ressaltavam como um aspecto positivo do mesmo.

De fato, por meio dos resultados obtidos foi compreendido que a noção de bairro agradável muito importante. Segundo os não moradores, o bairro agradável é o que pode ser considerado ideal, cuja representação está baseada na estrutura na imagem de condomínios fechados. Observa-se, assim que esta seria uma ideologia dominante que guiaria e controlaria a produção e o uso do espaço enquanto bairro. Neste contexto, o condomínio fechado seria um o espaço produzido (LEFEBVRE, 1981), pois apresenta uma lógica que o determina como produto das ações coletivas no espaço. Além disso, este espaço produzido, assim, seria codificado, mesmo que não explicitamente, de modo a manter a ordem prevista na visão que molda o mundo real, servindo também como parâmetro almejado para viver o espaço do próprio bairro, compreendê-lo e produzi-lo. É através de sua ideologia que as formas físicas e as ordens de poder e convívio deste espaço passam a exercer influência e a reger a vida de uma coletividade.

Esta influência estaria principalmente associada sua imagem, já que quando solicitados a exemplificar bairros ideais, os entrevistados mencionavam nomes de alguns condomínios fechados de Maceió. Mesmo que neste ambiente fechado exista a possibilidade de convívio social e segurança, aspectos essenciais para um bairro, conforme os entrevistados ele aparece muito mais através de uma imagem de prestígio social e ao “status” oferecido aos seus moradores. Compreende-se, assim, que quando se analisa o bairro o olhar é o mesmo, os valores são os mesmos, só os objetos mudam através de suas idéias e concepções, seja por meio da saturação de imagens ou pelo

excesso de informações e conteúdos com os quais os indivíduos se deparam na vida cotidiana (CONNOR, 1993). Assim, entende-se que se trata de algo que não se encontra fundamentado na experiência em si, mas sim, constituído na conjunção de imagem, realidade e ideologia, sem que os dois últimos possam servir de garantias para a explicação do primeiro, já que são reflexos da imagem do lugar.

Já para os moradores, esta realidade foi diferente. Em suas respostas ficou evidente uma forte relação com o bairro, inclusive de afetividade. A dinâmica confere diversos significados para diferentes lugares e contextos onde ao mesmo tempo em que seriam expressos individualmente também seriam reconhecidos diante da coletividade. Enquanto imagem individual, observou-se que a faixa etária a partir dos 50 anos também fundamenta o lugar em lembranças e em lugares que já não existem mais. E isto se torna mais visível para os idosos, já que quando o real já não é o que era, fica evidente que é a nostalgia que assume todo o sentido do lugar (BAUDRILLARD, 1981).

Mesmo com as variações individuais, próprios da visão de mundo de cada um, foi constatado que a força da imagem dos usuários mais assíduos do bairro, principalmente moradores, está baseada em seu processo de formação onde, por meio da experiência do lugar, os elementos que nela se apresentam teriam origem sensitiva, perceptiva, mas principalmente cognitiva. Neste ponto, destaca-se a importância do entendimento da imagem do lugar e de sua construção, sobretudo como um parâmetro que pode ser utilizado para a compreensão de importantes referências espaciais. Estes aspectos são elementos fundamentais que quando levados em conta, podem auxiliar na revalorização de lugares degradados como é o caso da Levada. Em se tratando deste bairro, fica evidente a necessidade de intervenções que não apenas melhorem as condições das atividades comerciais, mas que em sua área de influência sejam destinadas ações que contemplem os moradores da área como a construção de praças e áreas de lazer e uma maior segurança.

Desta forma, entende-se que como qualquer lugar, a compreensão do bairro ultrapassa os seus aspectos físicos e concretos, pois agregada a sua visibilidade existe uma dimensão invisível, uma “atmosfera” composta de valores, significados, sentimentos, concepções e idéias. Esta atmosfera confere um caráter distinto ao lugar, e pode ser influenciada e moldada por diversos fatores tanto visíveis como invisíveis. (RIBEIRO, 2004).

Em meio ao exposto compreende-se que, enquanto lugar da coletividade, o bairro expõe a relação entre uma pessoa e sua cidade em diferentes perspectivas. O estudo empírico do bairro da Levada demonstrou que compreender esta atmosfera do bairro da Levada significa conhecer a sua vocação, que corresponde à constelação de significados vinculados a sua visibilidade. Entretanto, esta vocação não é intrínseca a ele como valor único e absoluto, que em se tratando da Levada seria estritamente comercial. É próprio do lugar ser aberto a associações e a possibilidade de significados, pois sua atmosfera está em constante movimento (RIBEIRO, 2004). Assim, se vocação de um lugar é significar a do arquiteto é interpretar e compreender esta significação, destacando assim a importância do estudo da “imagem do lugar”.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Cristina Benamor de; ALBUQUERQUE, Jorge Nei Pereira de; MACEDO, Tatiane Maria. **A auto produção do espaço: Vila Brejal – Um estudo de caso.** Maceió, 1983 (Grau de Bacharel, Arquitetura e Urbanismo).

ARGAN, Giulio Carlo. **Arte Moderna.** São Paulo: Cia das Letras, 1999.

_____. **História da arte como história da cidade.** São Paulo: Martins Fontes, 2004.

AUMONT, Jacques. **A imagem.** São Paulo: Papirus, 1997.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo.** São Paulo: Martins Fontes, 1977.

BARKOWSKY, Thomas. **Mental processing of geografic Knowlegde.** www.unige.ch/fapse acesso em 15/08/2007

BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e simulação.** Lisboa: relógio d'água, 1981

BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas II - Rua de mão única.** São Paulo: Brasiliense, 1987.

BOURDIEU, Pierre. **O poder Simbólico.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

BRACONS, José. **Saber ver a arte gótica.** São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BRANDÃO, Ludmila Lima. **A casa subjetiva.** São Paulo: perspectiva, 2002.

CANTER, D. BROWN, J. GROAT, L. **A Multiple Sorting Procedure for Studying Conceptual Systems** – IN: the research Interview, 1985.

CARDOSO, Ana Cláudia Duarte; NASSAR Flavio Sidrim. **Landi e o século XVIII na Amazônia** em www.forumlandi.com.br/bibliotecaArqpobreza urbana.pdf acessado em 20/12/2005

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo.** São Paulo: Hucitec, 1996.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano 1: artes de fazer.** Petrópolis: vozes, 1994.

CERTEAU, Michel; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano 2: morar e cozinhar.** Petrópolis: vozes, 1996

- CHASKIN, Robert. **Defining neighbourhoods** em [www. Scielo.com.br](http://www.Scielo.com.br) acesso em 20/06/07
- CHOAY, Françoise. **O urbanismo: utopias e realidades**. São Paulo: perspectiva, 1995
- CONNOR, Steven. **Cultura Pós-moderna: Introdução às teorias do contemporâneo**. São Paulo: Loyola, 1993.
- COSTA, Craveiro. **Maceió**. 2ª edição. Maceió: SERGASA, 1981.
- DEL RIO, Vicente; OLIVEIRA, Livia (org) **Percepção ambiental: a experiência brasileira**. São Paulo; Nobel, 1996.
- DEL RIO, Vicente; DUARTE, Cristiane Rose; RHEIGHANTZ, Paulo Afonso (org). **O projeto do lugar**. Rio de Janeiro: contracapa, 2002.
- DOMINGUES, Diana. **As imagens na era do século XXI**. São Paulo: EDUSP, 2005
- DUARTE, Fábio. **Crise das matrizes espaciais**. São Paulo: perspectiva, 2002.
- ELALI, Gleice Azambuja. **Imagem sócio-ambiental de áreas: um estudo na Ribeira, Natal-RN Brasil**. *Psicol.Am.Lat* em www.scielo.com.br
- FERRARA, Lucrecia D'aleccio. **Os significados urbanos**. São Paulo, EDUSP, 2000.
- FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina (org) **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1996.
- GONÇALVES, Antonio Custódio. **Os bairros urbanos como lugares de praticas sociais** em [www. Scielo.com.br](http://www.Scielo.com.br) em 20/06/2007
- HALL, Edward T. **A Dimensão Oculta**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2005.
- HAUSER, Arnold. **História social da arte e da literatura**. São Paulo: Martins Fontes, 1999
- JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. 7ª ed. São Paulo: Papyrus, 2004.
- KOHLSDORF, Maria Elaine. **A apreensão da forma da cidade**. Brasília: UNE, 1996.
- LEFEBVRE, Henri. **La production de l'espace**. Paris, Anthropos, 1981.
- LEITE, Adriana Filgueira. **Duas acepções de lugar**. Anuário do Instituto de Geociências do Rio de Janeiro, vol.21, 1998.
- LIMA JÚNIOR, Felix. **Maceió de Outrora**. Publicação conjunta do Departamento de Assuntos Culturais e de Arquivo Público de Alagoas: 1976. p. 114-131.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MARTINS, Silvana Andréia. **Diretrizes ambientais e paisagísticas para a ocupação e uso do solo do Dique- estrada**. Maceió, 1999. (Grau de Bacharel, Arquitetura e Urbanismo).

MASSEY, Doreen. Um sentido global do lugar In ARANTES, Antonio A (org). **O espaço da diferença**. São Paulo: papirus, 2000.

MCLUHAN, Marshal. **Os meios de comunicação com extensão do homem**. São Paulo: Cultrix, 1974

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins fontes, 1999

MOSCOVICI, Serge. **As representações sociais: investigação em psicologia social**. Rio de Janeiro: Vozes, 2003

MUMFORD, Lewis. **A cidade na história**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

NASAR, Jack. **The evaluative image of the city**. Estados Unidos: Sage, 2006

NASCIMENTO, Bárbara Thomaz Lins. **Fragmentos da história e da memória urbana. A Praça de Emílio de Maia e seus arredores**. Maceió, 2004 (Grau de Bacharel, Arquitetura e Urbanismo).

NOSCHIS, Kaj. **Signification affective du quartier**. Paris: Librairie des Méridiens, Coll. Sociologies du quotidien, 1984

PA KE SHON, Jean-Louis. **La representation des habitants de leur quartier**. em www.sielo.com.br acesso em 20/06/07

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica e filosofia**. São Paulo: CULTUIV, 1972

PIAGET, Jean. **Aprendizagem e conhecimento**. Rio de Janeiro: Freitas bastos, 1978

PREFEITURA MUNICIPAL DE MACEIÓ. Secretaria Municipal de Planejamento e Desenvolvimento. **Centro: Requalificação Urbana**. Relator Diretoria de planejamento Urbano, Maceió, 2001

RAMALHO, Joaquim. **Geografia de Alagoas**. 4ª edição. Casa Ramalho, 1945. p.68-72.

RAMALLO, Gérman. **Saber ver a arte românica**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

RAPPAPORT, Clara Regina (org). **A psicologia da percepção**, São Paulo, EPU, 1985.

RIBEIRO, Claudia R. Vial. **A dimensão simbólica da arquitetura: parâmetros intangíveis do espaço concreto**. Belo Horizonte: c/arte, 2004.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa Social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1985.

ROBALINHO, Verônica Cavalcante. **La production de l'espace à Maceió (1800-1930)**. Tese de doutorado, Paris, 1998.

RYKWERT, Joseph. **A sedução do lugar**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

SABOYA, Renato. **Conceitos básicos da Sintaxe Espacial** em [http:// urbanidades. Arq.br / 2007/091/ sintaxe-espacial](http://urbanidades.Arq.br/2007/091/sintaxe-espacial)

SANTAELLA, Lúcia. **Culturas e artes do pos- humano: das culturas das mídias à cibercultura**. São Paulo: Paulus, 2003

_____ **O que é semiótica?** São Paulo: Brasiliense, 2000.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do Espaço Habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988.

SAOUTER, Catherine. Imagem, semiótica e interpretação. em www.unige.ch/fapse/ acesso em 27/06/2007 (dissertação de doutorado)

SHYE, Samuel; ELIZUR, Dov; HOFFMAN, Michael. **Introduction to Facet Theory: content Design and Intrinsic Data Analysis in Behavioral Research**. Califórnia: SAGE, 1994

SILVA, Elvan. **Arquitetura e Semiologia: notas sobre a interpretação lingüística do fenômeno arquitetônico**. Porto Alegre: Sulina, 1985.

_____. **Matéria, Idéia e Forma: uma definição de arquitetura**. Porto Alegre:UFRGS, 1994.

SILVA, Maria da Glória. **A imagem da cidade turística: promoção de paisagens e de identidades culturais** em www.vitruvius.com.br acesso em 25/05/2006

SIXSMITH, Judith; MURRAY, Carolin. **Transitions in home experience in later life**. International Journal of Social Research Methodology; theory and Pratices, 1991

TENÓRIO, Douglas Apratto. **As ferrovias em Alagoas: Estudo da Implantação do Transporte Ferroviário nas Alagoas Durante o Período Imperial e até o Alvorecer do Período Republicano**. Recife, 1977. (Grau de Mestre, História). P. 132-138.

TUAN, Yi-fu. **Topofilia**. São Paulo: Difel, 1980

ANEXOS

**ANEXO
01**



PESQUISA: A IMAGEM DO LUGAR

Estamos interessados em saber o que acha deste bairro. Por isso é muito importante que responda com a sua opinião.
 NOTA: Este questionário faz parte de uma pesquisa junto a Universidade Federal de Alagoas e não tem relação com pesquisa de órgão público ou privado

1. IDENTIFICAÇÃO : Fale um pouco sobre você

- 1.1. Nome: _____
- 1.2. Sexo: (01) feminino (02) masculino
- 1.3. Idade: (01) 20 a 30 anos (02) 40 a 59 anos (03) acima de 60 anos
- 1.4. Origem: (01) Maceió
 (02) Outro: _____
 Tempo em Maceió: _____
- 1.5. **GRAU DE ESCOLARIDADE**
 (01) .nenhum (02) escreve o nome (03) fundamental (04) médio (05) universitário
 (06) superior completo (07) nível técnico
- 1.6. **PROFISSÃO:** _____
- 1.7. **RELAÇÃO COM O BAIRRO** (marque o numero e responda a coluna correspondente)

01	COMERCIANTE			
	Tipo de comercio	(01) ambulante	(02) atacado	(03) feira
		(04) serviços	(05) indústria	(06) outros
1.7.5 Sempre trabalhou aqui?		(01)SIM (pule para 1.7.6)		(02) NÃO (pule para 1.7.5.2)
1.7.5.2. Onde trabalhou antes e porque decidiu vir para cá?				
1.7.6. Em que bairro mora?				
1.7.7. Quanto tempo trabalha aqui?		(01) 6 meses -1ano	(02) 1-5 anos	(03) 5-10 anos
				(04) + de 10 anos

02	MORADOR			
	1.7.1 Sempre morou aqui?	(01)SIM (pule para 1.7.2)	(02) NÃO (pule para 1.7.1.1)	
1.7.1.1. Se não em qual bairro morava antes?				
1.7.2. Porque se mudou para cá?				
1.7.3. Quanto tempo mora aqui?		(01) 6 meses -1ano	(02) 1-5 anos	(03) 5-10 anos
				(04) + de 10 anos

03	FREQUENTADOR			
	Atividade	(01) compras	(02) passeio	(03) estuda
		(04) outros:		
1.7.9. Com que frequência vem aqui?		(01) raramente	(02) primeira vez	(03) frequentemente
				(04) sempre
1.7.10. Em que bairro mora?				
1.7.11 Como chegou aqui?		(01) pé	(02) ônibus	(03) carro
				(04) trem
		(04) outros:		

2. PROCEDIMENTO 1: ASSOCIAÇÃO LIVRE – O LUGAR

2.1. **Vou lhe mostrar um cartão e gostaria que respondesse com o que lhe vier a cabeça. É bem livre?**

2.2. **Gosta daqui? (01) sim (02) não, porque?**

2.3. **Gostaria que você pensasse neste bairro e me dissesse...**

TRÊS ASPECTOS POSITIVOS	TRÊS ASPECTOS NEGATIVOS

2.4. **Ao caminhar por este lugar você acha a paisagem vista** (ruas, praças, construções, áreas verdes, etc)
 (01) . Muito feia (02) . Feia (03) . Regular (04) . Bonita (05) muito bonita

PESQUISADOR: _____ DATA: _____

PESQUISA: A IMAGEM DO LUGAR

Estamos interessados em saber o que acha deste bairro. Por isso é muito importante que responda com a sua opinião.
NOTA: Este questionário faz parte de uma pesquisa junto a Universidade Federal de Alagoas e não tem relação com pesquisa de órgão público ou privado

2.5. Tem outro lugar da cidade que você acha parecido com este, por quê?

2.6. Se pudesse mudar alguma coisa neste lugar o que mudaria? Por quê?

2.7. Se você fosse um guia tivesse que mostrar os principais lugares que representam a Levada, aonde você o levaria um visitante que estava conhecendo pela primeira vez este bairro (por ordem de importância) e por quê? (no mínimo quatro)

01	
02	
03	
04	
05	
06	
07	
08	
09	
10	
11	
12	

2.8. Se você tivesse a oportunidade que fazer um cartão postal sobre seu bairro, de quais lugares tiraria foto?Porque ? (no mínimo dois)

No	local	Por que
01		
02		
03		
04		

3. PROCEDIMENTO 2: ASSOCIAÇÃO DIRIGIDA/VISUAL

SIM	NÃO	PARTE RESERVADA AO PESQUISADOR
01	01	
02	02	
03	03	
04	04	
05	05	
06	06	
07	07	
08	08	
09	09	
10	10	
11	11	
12	12	
13	13	
14	14	
15	15	
16	16	
17	17	
18	18	
19	19	
20	20	

3.1. Vou lhe mostrar algumas fotos do seu bairro e gostaria que separasse as que correspondiam em dois grupos: são e não são deste bairro, dizendo o porquê.

4. PROCEDIMENTO 3: ASSOCIAÇÃO DIRIGIDA (VISUAL)/TOPOCEPTIVA

4.1. Agora olhe o mapa da próxima pagina. É um mapa deste bairro. Você consegue localizar algum destes lugares que você considerou importantes para um visitante conhecer?E os que você sugere para ser cartão postal do bairro? (Instruções: circule o local e use a numeração dos itens 2.7 e 2.8)

PESQUISADOR: _____ DATA: _____



PESQUISA: A IMAGEM DO LUGAR

Estamos interessados em saber o que acha deste bairro. Por isso é muito importante que responda com a sua opinião.
 NOTA: Este questionário faz parte de uma pesquisa junto a Universidade Federal de Alagoas e não tem relação com pesquisa de órgão público ou privado

Fale um pouco sobre você

1. Identificação

Nome: _____

Sexo: (01) feminino (02) Masculino

Idade: (01) 20 a 39 anos (02) 40 a 59 anos (03) acima de 60

Origem: (01) Maceió (02) outro: _____

há quanto tempo mora em Maceió? _____ Já morou em outra cidade
 : (01) não (02) sim, qual? _____ tempo? _____

2. Grau de escolaridade:

(01)nenhum (02) sabe escrever apenas o nome (03) fundamental (04) médio (05) universitário (06) superior (07) técnico

3. Profissão: _____ Em qual bairro mora? _____

PROCEDIMENTO 1: ASSOCIAÇÃO LIVRE – O LUGAR

1.1. Gostaria que você pensasse na cidade de Maceió e me dissesse...

Um nome de um bairro que você gosta	Três coisas positivas/que lhe agradam	3. _____ 4. _____ 5. _____
Um nome de um bairro que você não gosta	Três coisas negativas/ que não lhe agradam	1. _____ 2. _____ 3. _____
Você conhece alguns destes dois bairros? (01) não (pule para a pergunta 1.2) (02) sim qual?		
Porque... (01) moro (02) morei (03) freqüente(ei) bastante () passo(ei) várias vezes por lá		

1.2. Veja o cartão com o nome de um bairro... Escreva sem pensar coisas que lhe vem a mente.... Pode ser qualquer coisa: sensações, lembranças, o que quiser. Não precisa pensar muito nem criar frases. É livre...

--	--

1.3. Sobre o bairro do cartão... (marque uma alternativa e responda as perguntas da linha que você marcou)

(A)	CONHEÇO	Porque.... () freqüente(ei) (moradia, estudo, trabalho, compras, lazer, transporte) () passo(ei) (transporte) () ouvi falar () moro nas adjacências () outros	Quanto tempo faz que esteve lá ? () dias () semanas () meses () anos () décadas () não me lembro (se respondeu esta alternativa pule p/ o item 3)
(B)	NÃO CONHEÇO	Mas já ouviu falar? () sim, () por outros () por meios de Comunicação () não (vá para o item *** no final do questionário)	O que acha deste lugar? (após responder vá para o item *** no final do questionário)
(C)	NÃO SEI NADA (vá para o item *** no final do questionário)		

1.4. Sobre o lugar que estamos falando, acha próprio para...? (marque sim ou não para cada número)

1. moradia () sim () não 2.comércio () sim () não 3. lazer () sim () não
 4. industria () sim () não 5. turismo () sim () não

1.5. Mencione 4 características que o lugar que estamos falando tem na sua opinião

1. _____	2. _____
3. _____	4. _____

1.6. Em sua opinião, qual é o aspecto mais positivo deste lugar? E o mais negativo?

Positivo	Negativo
----------	----------

PESQUISADOR: _____ DATA: _____

PESQUISA: A IMAGEM DO LUGAR

Estamos interessados em saber o que acha deste bairro. Por isso é muito importante que responda com a sua opinião.
 NOTA: Este questionário faz parte de uma pesquisa junto a Universidade Federal de Alagoas e não tem relação com pesquisa de órgão público ou privado

1.7. Para você tem outro lugar da cidade que se parece com este? Qual? Por quê?

PROCEDIMENTO 2: ASSOCIAÇÃO DIRIGIDA(VISUAL) /LIVRE

Atenção: Para este procedimento utilize o instrumento auxiliar e o material contido nele. Só responda os espaços em branco. Os espaços são de uso do pesquisador

2.1. Agora você vai ver uma série de fotos. Gostaria que olhasse todas com atenção e classificasse da seguinte forma: SIM, são fotos da Levada ou NÃO, não são fotos da Levada. Depois diga o porquê das suas escolhas (usar as cartelas de sim ou não colocando-as no instrumento auxiliar correspondendo a foto)

PARTE RESERVADA AO PESQUISADOR. Marque a escolha da foto e a justificativa

sim	não	motivo
01	01	
02	02	
03	03	
04	04	
05	05	
06	06	
07	07	
08	08	
09	09	
10	10	
11	11	
12	12	
13	13	
14	14	
15	15	
16	16	
17	17	
18	18	
19	19	
20	20	

2.2. Ao olhar para estes cartões, que contém as faces das principais localidades do bairro, quais destes lugares você conhece? (usar as cartelas de sim ou não colocando-as no instrumento auxiliar correspondendo a foto) Quais as sensações ou recordações você tem ao olhar para os cartões? Não precisa pensar muito...É livre

PARTE RESERVADA AO PESQUISADOR. Coloque a referencia da foto e a justificativa

foto	sim	não	sensação
01			
02			
03			
04			
05			
06			
07			
08			
09			
10			
11			
12			

2.3. Qual dos cartões você escolheria como o que representa melhor o bairro em que estamos falando? Por quê?(no mínimo 3 cartões)

PARTE RESERVADA AO PESQUISADOR. Coloque a referencia da foto e a justificativa

3. Agora olhe para este mapa ao abaixo. É um mapa de uma área do bairro do qual que estamos falando e onde foram tiradas as fotos acima. Você consegue localizar no mapa no mínimo 4 (quatro) destes lugares? (use as fotos imas para localizar no mapa ao lado)
 PARTE RESERVADA AO PESQUISADOR. Coloque a referencia da foto e a justificativa

PESQUISADOR: _____ DATA: _____

PESQUISA: A IMAGEM DO LUGAR

Estamos interessados em saber o que acha deste bairro. Por isso é muito importante que responda com a sua opinião.
NOTA: Este questionário faz parte de uma pesquisa junto a Universidade Federal de Alagoas e não tem relação com pesquisa de órgão público ou privado



PESQUISADOR: _____ DATA: _____

Obrigada por responder este questionário!!!! Em um outro momento estaria disposto (a) a colaborar com a continuação desta pesquisa () sim () não



PESQUISA: A IMAGEM DO LUGAR

Estamos interessados em saber o que acha deste bairro. Por isso é muito importante que responda com a sua opinião.
NOTA: Este questionário faz parte de uma pesquisa junto a Universidade Federal de Alagoas e não tem relação com pesquisa de órgão público ou privado

MODELO FORMULÁRIO PESQUISA FINAL (AMOSTRA 1)

1. IDENTIFICAÇÃO: Fale um pouco sobre você

- 1.1. Nome: _____
- 1.2. Sexo: (01) feminino (02) masculino
- 1.3. Idade: (01) 20 a 30 anos (02) 40 a 59 anos (03) acima de 60 anos
- 1.4. Origem: (01) Maceió
(02) Outro: _____
Tempo em Maceió: _____

1.5. GRAU DE ESCOLARIDADE

- (01) nenhum (02) escreve o nome (03) fundamental (04) médio (05) universitário
(06) superior completo (07) nível técnico

1.6. PROFISSÃO: _____

1.7. RELAÇÃO COM O BAIRRO (marque o numero e responda a coluna correspondente)

01				
MORADOR				
1.7.1 Sempre morou aqui?		(01) SIM (pule para 1.7.2)	(02) NÃO (pule para 1.7.1.1)	
1.7.1.1. Se não em qual bairro morava antes?				
1.7.2. Porque se mudou para cá?				
1.7.3. Quanto tempo mora aqui?	(01) 6 meses -1ano	(02) 1-5 anos	(03) 5-10 anos	(04) + de 10 anos
1.7.4. Também tem comercio ou trabalho na área?		(01) empregado	(02) serviços	
(01) NÃO (pule para 2.1)		(03) ambulante	(04) atacado	
(02) SIM (marque ao lado qual)				

2. PROCEDIMENTO 1: ASSOCIAÇÃO LIVRE – O LUGAR

2.1. Vou lhe mostrar um cartão e gostaria que respondesse com o que lhe vier a cabeça. É bem livre?

2.2. Gosta daqui? () sim () não

2.3. Se (pudesse) (tivesse) que morar em outro lugar você iria?

NÃO	
SIM	ONDE
	PORQUE

2.4. Gostaria que você pensasse neste bairro e me dissesse...

TRÊS ASPECTOS POSITIVOS	TRÊS ASPECTOS NEGATIVOS

2.5. Ao caminhar por este lugar você acha a paisagem vista (ruas, praças, construções, áreas verdes, etc.).

- (01). Muito feia (02). Feia (03). Regular (04). Bonita (05). Muito bonita

2.6. Tem outro lugar da cidade que você acha parecido com este, por quê?

2.7. Se pudesse mudar alguma coisa neste lugar o que mudaria? Por quê?

PESQUISADOR: _____ DATA: _____



relu

PESQUISA: A IMAGEM DO LUGAR

Estamos interessados em saber o que acha deste bairro. Por isso é muito importante que responda com a sua opinião.
NOTA: Este questionário faz parte de uma pesquisa junto a Universidade Federal de Alagoas e não tem relação com pesquisa de órgão público ou privado

3. PROCEDIMENTO 2: ASSOCIAÇÃO DIRIGIDA(VISUAL) /LIVRE

3.1. Vou lhe mostrar algumas fotos do seu bairro e gostaria que separasse as que correspondiam em dois grupos: são e não são deste bairro, dizendo o porquê.

SIM	NÃO	PARTE RESERVADA AO PESQUISADOR
01	01	
02	02	
03	03	
04	04	
05	05	
06	06	
07	07	
08	08	
09	09	
10	10	
11	11	
12	12	
13	13	
14	14	
15	15	
16	16	
17	17	
18	18	
19	19	
20	20	

4. PROCEDIMENTO 2: ASSOCIAÇÃO DIRIGIDA (VISUAL) / VALORATIVA

4.1. Vou lhe mostrar alguns cartões as principais faces do bairro e gostaria que os ordenasse segundo ordem de importância no instrumento auxiliador. Tem algum lugar que não aparece nos cartões que você acha importante para o bairro?

PARTE RESERVADA AO PESQUISADOR.

01		07	
02		08	
03		09	
04		10	
05		11	
06		12	

4.2. Qual dos cartões você escolheria como o que representa melhor o bairro em que estamos falando? Quais as sensações ou recordações você tem ao olhar para o cartão que você escolheu?

PARTE RESERVADA AO PESQUISADOR. Coloque o numero da foto e a justificativa

5. PROCEDIMENTO 2: ASSOCIAÇÃO DIRIGIDA (VISUAL)/TOPOCEPTIVA

5.1. Agora olhe o mapa do instrumento auxiliador. É um mapa de uma área do bairro do qual que estamos falando e onde foram tiradas as fotos anteriormente vistas (cartões com as principais faces). Você consegue localizar algum destes lugares? (use as fotos imas para localizar no mapa)

PESQUISADOR: _____ DATA: _____



PESQUISA: A IMAGEM DO LUGAR

Estamos interessados em saber o que acha deste bairro. Por isso é muito importante que responda com a sua opinião.
NOTA: Este questionário faz parte de uma pesquisa junto a Universidade Federal de Alagoas e não tem relação com pesquisa de órgão público ou privado

1. IDENTIFICAÇÃO: Fale um pouco sobre você

- 1.1. Nome: _____
- 1.2. Sexo: (01) feminino (02) masculino
- 1.3. Idade: (01) 20 a 30 anos (02) 40 a 59 anos (03) acima de 60 anos
- 1.4. Origem: (01) Maceió
(02) Outro: _____
Tempo em Maceió: _____
- Já morou em outra cidade? (01) não (pule para 1.5)
(02) sim, qual? _____ tempo _____

1.5. GRAU DE ESCOLARIDADE

- (01) nenhum (02) escreve o nome (03) fundamental (04) médio (05) universitário
(06) superior completo (07) nível técnico

1.6. PROFISSÃO: _____

2. PROCEDIMENTO 1: ASSOCIAÇÃO LIVRE – O LUGAR

2.1. Gostaria que você pensasse na cidade de Maceió e me dissesse...

Um nome de um bairro que você gosta	Três coisas positivas/que lhe agradam	6.		
		7.		
		8.		
Um nome de um bairro que você não gosta	Três coisas negativas/ que não lhe agradam	4.		
		5.		
		6.		
Você conhece alguns destes dois bairros?	(01) não (pule para a pergunta 1.2)			
	(02) sim qual?			
Porque...	(01) moro	(02) morei	(03) freqüento(ei) bastante	(04) passo(ei) várias vezes por lá

2.2. Veja o cartão com o nome de um bairro... Escreva sem pensar coisas que lhe vem a mente.... Pode ser qualquer coisa: sensações, lembranças, o que quiser. Não precisa pensar muito nem criar frases. É livre...

2.3. Sobre o bairro do cartão... (marque uma alternativa e responda as perguntas da linha que você marcou)

(A)	CONHEÇO	Porque.... <input type="checkbox"/> freqüento(ei) (moradia, estudo, trabalho, compras, lazer, transporte) <input type="checkbox"/> passo(ei) (transporte) <input type="checkbox"/> ouvi falar <input type="checkbox"/> moro nas adjacências <input type="checkbox"/> outros	Quanto tempo faz que esteve lá ? <input type="checkbox"/> dias <input type="checkbox"/> semanas <input type="checkbox"/> meses <input type="checkbox"/> anos <input type="checkbox"/> décadas <input type="checkbox"/> não me lembro (se respondeu esta alternativa pule p/ o item 3)
(B)	NÃO CONHEÇO	Mas já ouviu falar? <input type="checkbox"/> sim, () por outros <input type="checkbox"/> por meios de Comunicação <input type="checkbox"/> não (vá para o item *** no final do questionário)	O que acha deste lugar? (após responder vá para o item *** no final do questionário)
(C)	NÃO SEI NADA (vá para o item *** no final do questionário)		

2.4. Sobre o lugar que estamos falando, acha próprio para...? (marque sim ou não para cada número)

1. moradia () sim () não 2. comércio () sim () não 3. lazer () sim () não
4. industria () sim () não 5. turismo () sim () não

PESQUISADOR: _____ DATA: _____



PESQUISA: A IMAGEM DO LUGAR

Estamos interessados em saber o que acha deste bairro. Por isso é muito importante que responda com a sua opinião.
NOTA: Este questionário faz parte de uma pesquisa junto a Universidade Federal de Alagoas e não tem relação com pesquisa de órgão público ou privado

2.5. Mencione 4 características que o lugar que estamos falando tem na sua opinião

1.	3.
2	4.

2.6. Em sua opinião, qual é o aspecto mais positivo deste lugar? E o mais negativo?

Positivo	Negativo
----------	----------

2.7. Para você tem outro lugar da cidade que se parece com este? Qual? Por quê?

3. PROCEDIMENTO 2: ASSOCIAÇÃO DIRIGIDA/ VISUAL

Atenção: Para este procedimento utilize o instrumento auxiliador e o material contido nele. Só responda os espaços em branco. Os espaços são de uso do pesquisador. Só escreva nos espaços em branco

3.1. Agora você vai ver uma série de fotos. Gostaria que olhasse todas com atenção e classificasse da seguinte forma: SIM, são fotos da Levada ou NÃO, não são fotos da Levada. Depois diga o porquê das suas escolhas (usar as cartelas de sim ou não colocando-as no instrumento auxiliador correspondendo a foto)

PARTE RESERVADA AO PESQUISADOR. Marque a escolha da foto e a justificativa

SIM	NÃO	PARTE RESERVADA AO PESQUISADOR
01	01	
02	02	
03	03	
04	04	
05	05	
06	06	
07	07	
08	08	
09	09	
10	10	
11	11	
12	12	
13	13	

16	16	
17	17	
18	18	
19	19	
20	20	

3.2. Ao olhar para estes cartões, que contém as faces das principais localidades do bairro, quais destes lugares você conhece? (ordene-as em ordem de importância) Quais as sensações ou recordações você tem ao olhar para os cartões? Não precisa pensar muito...É livre

foto	sim	não	sensação
01			
02			
03			
04			
05			
06			
07			
08			
09			
10			
11			
12			

3.3. Qual dos cartões e fotos você escolheria como o que representa melhor o bairro em que estamos falando? Por quê? (no mínimo 3)

PARTE RESERVADA AO PESQUISADOR. Coloque a referencia da foto e a justificativa

4. PROCEDIMENTO 2: ASSOCIAÇÃO DIRIGIDA (VISUAL)/TOPOCEPTIVA

4.1. Agora olhe o mapa do instrumento auxiliador. É um mapa de uma área do bairro do qual que estamos falando e onde foram tiradas as fotos dos cartões com as principais faces. Você consegue localizar algum destes lugares? (use as fotos imas para localizar no mapa ao lado)

O MAPA EM ANEXO E A TABELA ABAIXO SÃO PARTES RESERVADA AO PESQUISADOR. Para responder este procedimento utilize o mapa do instrumento auxiliador

PESQUISADOR: _____ DATA: _____

LEGENDA: PESQUISA PILOTO

AMOSTRA 1

- **ASSOCIAÇÃO LIVRE**

1. Convívio social
2. Segurança
3. Alegria, vida, liberdade.
4. Paisagem bonita, colorida.
5. Comércio variado
6. Feira livre
7. Mercado da produção
8. trem
9. Descaso, esquecido
10. Aspectos arquitetônicos
11. Lembranças, história

- **ASPECTOS POSITIVOS**

1. Boa localização
2. Convívio.
3. Aspecto do bairro: popular, histórico, com boas casas.
4. Lugar dinâmico
5. Ambiente neutro: todo mundo passa por aqui

- **ASPECTOS NEGATIVOS**

1. Falta de áreas de lazer
2. Descaso e abandono
3. Lugar “congelado” com o patrimônio abandonado.
4. Falta de infra-estrutura
5. sujeira

- **VALORATIVA**

- A. Cinema ideal
- B. Primeira igreja Batista
- C. Trilho do trem
- D. Primeiro centro de Saúde
- E. Feira do Passarinho
- F. Praça nossa senhora das graças
- G. Lagoa mundaú
- H. Mercado do artesanato
- I. Igreja nossa senhora das graças
- J. Canal da Levada
- K. Praça do pirulito
- L. Mercado da Produção

LEGENDA: PESQUISA PILOTO

AMOSTRA 2

- **ASPECTOS POSITIVOS DE UM LUGAR** (pergunta 1.1)

1. Tem beleza estética
2. Contato com a natureza
3. Convívio social
4. Segurança
5. Boa localização
6. Tem infra-estrutura, fornece possibilidades
7. Boas lembranças

- **ASPECTOS NEGATIVOS DE UM LUGAR**

1. Violência
2. Falta de infra-estrutura
3. Falta árvores
4. Descaso
5. Difícil acessibilidade
6. Muito populoso
7. Poluição em geral
8. Falta de (um bom) convívio social

- **ASSOCIAÇÃO LIVRE LEVADA** (pergunta 1.2)

9. Sujeira
10. Pessoas populares
11. Bairro populoso.
12. Lembranças, valor histórico.
13. Barulho
14. Pobreza
15. Trilhos do trem
16. Mercado do artesanato
17. Mercado da produção
18. Desorganização, confusão e caos.
19. Descaso
20. Muito sol, calor, suor.
21. Características do interior
22. Comércio, muitas pessoas comprando.

- **NÍVEL DE CONHECIMENTO**

1. Conhece bem/conhece um pouco

- 1.1 Dias
- 1.2 Semanas
- 1.3 Meses
- 1.4 Anos
- 1.5 Décadas
- 1.6 Não se lembra

2. conhece quase nada

- 2.1 mídia
- 2.2 pelos outros

LEGENDA GERAL: PESQUISA PILOTO

AMOSTRA 1 e 2

- **CARACTERÍSTICAS DO LUGAR**

1. Falta de infra-estrutura
2. Falta de segurança
3. Sujeira
4. Moradia precária
5. Comercio
6. Características históricas
7. Desorganizado
8. Pouca arborização
9. Populoso
10. Poucas áreas de lazer
11. População carente
12. Desemprego
13. Discriminação social
14. Criação d animais

- **ASPECTO MAIS POSITIVO**

1. Boa localização
2. Acessibilidade,
3. Comodidade
4. As pessoas
5. O convívio
6. Não tem aspecto positivo
7. Arquitetura diferenciada

- **ASPECTO MAIS NEGATIVO**

1. Violência
2. Desemprego
3. Falta de infra- estrutura
4. Falta de áreas verdes e de lazer
5. Descaso
6. Desorganização

LEGENDA: PESQUISA FINAL

AMOSTRA 1

- **ASSOCIAÇÃO LIVRE**

01. Melancolia
02. Antiguidade
03. Lembranças e nostalgia
04. falta de infra-estrutura
05. movimento
06. pessoas amigas
07. abandono
08. trem

- **ASPECTOS POSITIVOS**

- 1.1. Localização
- 1.2. Acessibilidade
- 1.3. Calma
- 1.4. Bons Serviços

- **ASPECTOS MAIS NEGATIVOS**

- 2.1. Muita Gente
- 2.2. Sujeira
- 2.3. Descaso
- 2.4. Insegurança

- **BAIRROS SIMILARES: MOTIVO DE ESCOLHA POSITIVO**

- 1.1 proximidade e acessibilidade
- 1.2. periferia
- 1.3. muita gente

- **BAIRROS SIMILARES: MOTIVO DE ESCOLHA NEGATIVO**

- 2.1 falta de infra-estrutura

- **MUDANÇAS NECESSÁRIAS**

01. saneamento
02. Retirar a feira do rato
03. Revitalizar a praça do pirulito
04. Volta das festividades

LEGENDA: PESQUISA FINAL

AMOSTRA 2

1. Falta de infra-estrutura
2. lembranças
3. Feira livre
4. pobreza
5. Descaso e abandono
6. CEASA
7. Convívio social
8. sujeira
9. mercado
10. violência
11. comércio
12. Confuso e populoso

- **ASSOCIAÇÃO LIVRE**

1. Comodidade
2. Acessibilidade
3. Calma
4. Lazer
5. Convívio social
6. Boa localização
7. Paisagem

- **ASPECTOS POSITIVOS**

1. Muita Gente
2. Confuso
3. Sujeira
4. Transito
5. Violência
6. Pobreza
7. Falta De Infra-Estrutura
8. Péssima Acessibilidade

- **ASPECTOS NEGATIVOS**

- **PRINCIPAIS CARACTERISTICAS POSITIVAS**

- 1.1 convívio social
- 1.2. bom para comercio
- 1.3. potencial turístico
- 1.4 Acessibilidade
- 1.5. Comodidade
- 1.6. Simples
- 1.7. Famoso

LEGENDA: PESQUISA FINAL

AMOSTRA 2

- **PRINCIPAIS CARACTERISTICAS NEGATIVAS**

- 2.1 sujeira
- 2.2. feio
- 2.3. descaso e esquecimento
- 2.4.falta de infra-estrutura
- 2.5. criminalidade
- 2.6. desorganização, bagunça
- 2.7. pobreza
- 2.8. graves problemas sociais: desigualdade

- **ASPECTOS MAIS POSITIVOS**

- 1.1. CEASA
- 1.2. Comercio
- 1.3. bom convívio social
- 1.4. comodidade
- 1.5. humildade

- **ASPECTOS MAIS NEGATIVOS**

- 2.1. sujeira
- 2.2. alto índice de criminalidade
- 2.3. pobreza
- 2.1. sujeira
- 2.2. alto índice de criminalidade

- **BAIRROS SIMILARES: CARACTERISTICAS POSITIVAS**

- 1.1. aspectos naturais: próximo à Lagoa
- 1.2. Comercio em forma de feira
- 1.3. convívio social
- 1.1. aspectos naturais: próximo à Lagoa

- **BAIRROS SIMILARES: CARACTERISTICAS NEGATIVAS**

- 2.1. Falta de infra-estrutura
- 2.2. alto índice de criminalidade
- 2.3. Descaso

LEGENDA GERAL: PESQUISA FINAL

AMOSTRA 1 e 2

- **PRINCIPAIS REFERÊNCIAS**

- A. Feira do Passarinho
- B. trilho do trem / trem
- C. Lagoa Mundaú
- D. Mercado da Produção
- E. Mercado do artesanato
- F. Canal da Levada
- G. Primeiro Centro de Saúde
- H. Primeira Igreja Batista
- I. Igreja Nossa Senhora das Graças
- J. Praça Nossa Senhora das Graças
- K. Cinema Ideal
- L. Praça do Pirulito

**ANEXO
02**

MATRIZ AMOSTRA 2 - PESQUISA DE CAMPO

IDENTIFICAÇÃO									PROCEDIMENTO 1 : ASSOCIAÇÃO LIVRE											
SUJEITO	SEXO	IDADE	ORIGEM	MOROU EM OUTRO LUGAR	TEMPO ANO/MES	GRAU ESCOL.	PROFISSÃO	BAIRRO MORADIA	BAIRRO AGRADAVEL											
									NOME	01	02	03	04	05	06	07	08	REL.		
01	01	02	01	PASSO CAMARAGIBE	5/0	04	COMERCIANTE	CRUZ DAS ALMAS	JATIUCA	X	X		X							02
02	02	01	01	NÃO	-	04	ESTUDANTE	PONTA VERDE	PONTA VERDE				X		X					01
03	02	01	02	COQUEIRO SECO	12/0	04	PROFESSOR	SANTOS DUMONT	JARAGUÁ	X	X	X	X		X					04
04	01	03	02	SÃO LUIZ QUINTUDE	15/0	02	FAXINEIRA	VERGEL	JATIUCA			X		X						01
05	01	01	01	JEQUIÁ DA PRAIA	3/0	03	RECEPCION.	B.BENTES	B.BENTES	X				X						01
06	02	02	02	NÃO	-	03	SEGURANÇA	SANTOS DUMONT	NOVO HORIZONTE	X	X									04
07	02	01	01	NÃO	-	04	ESTUDANTE	TRAPICHE	TRAPICHE	X	X				X					01
08	01	01	01	NÃO	-	04	ESTUDANTE	JACARECICA	CRUZ DAS ALMAS		X	X	X		X					02
09	02	01	02	PENEDO	9/0	03	ESTAGIÁRIO	PRADO	STELLA MARIS					X	X	X	X			03
10	02	01	01	NÃO	-	03	TECNICO INFOR.	PRADO	PRADO	X	X	X		X						02
11	01	01	01	NÃO	-	01	DOMESTICA	POÇO	POÇO		X			X						01
12	02	01	02	GARANHUNS	3/0	02	PORTEIRO	JARAGUÁ	JATIUCA			X		X						03
13	01	01	01	NÃO	-	02	ESTAGIÁRIO	BARRO DURO	PONTA VERDE		X	X	X							04
14	02	02	01	NÃO	-	01	DESEMPREGAD.	TRAPICHE	JATIUCA			X		X						04
15	01	01	01	NÃO	-	01	CABELEREIRO	POÇO	PRADO		X			X		X	X			04
16	02	01	02	PENEDO	10/0	02	MOTORISTA	CLIMA BOM	JATIUCA	X		X								02
17	01	02	01	PALMEIRA DOS INDIOS	8/0	03	POLICIAL	B.BENTES	B.BENTES		X			X						01
18	02	01	01	NÃO	-	02	ESTUDANTE	PONTA VERDE	JARDIM DO HORTO	X			X	X						03
19	01	02	01	NÃO	-	00	EMPRESARIO	JATIUCA	ALDEBARAN			X		X						04
20	02	03	01	NÃO	-	03	PROFESS.	CRUZ DAS ALMAS	CRUZ DAS ALMAS		X			X		X	X			01
21	01	02	01	NÃO	-	02	ELETRICISTA	TRAPICHE	TRAPICHE			X		X						01
22	02	01	01	NÃO	-	03	TECNICO INFOR.	BARRO DURO	GRUTA DE LOURDES		X			X						04
23	02	01	01	NÃO	-	02	COMERCIANTE	JARAGUÁ	PONTA VERDE	X		X								04
24	01	02	02	SÃO PAULO	7/0	02	SEGURANÇA	VERGEL	JATIUCA			X		X						03

MATRIZ AMOSTRA 2 - PESQUISA DE CAMPO

PROCEDIMENTO 1 : ASSOCIAÇÃO LIVRE

BAIRRO DESAGRADAVEL												ASSOCIAÇÃO LIVRE																CONH.DO LUGAR		POSSIBILIDADES DO LUGAR						
NOME	01	02	03	04	05	06	07	08	09	09	REL.	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	11	12	13	14	15	16	FORMA	TEMPO	01	02	03	04	05	06	
JACINTINHO	X	X	X					X	X	X	04		X				X	X	X				X					05	04	X	X		X	X		
JACINTINHO	X	X						X	X	X	04			X				X		X	X	X	X				X	02	03		X			X		
VERGEL					X	X	X				04	X			X	X			X							X	02	04					X			
V. BREJAL							X	X			04			X	X	X			X	X	X						01	04					X			
JACINTINHO							X	X			04				X		X										02	06	X				X	X		
REGINALDO		X	X		X	X	X				04		X													X	01	03	X	X				X		
CENTRO	X	X					X	X	X	X	03							X	X	X	X						01	01		X				X		
LEVADA					X		X		X		04				X			X	X								01	02		X						
VERGEL					X			X			02	X		X				X	X				X				04	02		X						
JACINTINHO		X		X					X	X	04		X							X							04	04		X	X					
B.BENTES			X								04					X						x		X		X	02	02	X		X			X		
JACINTINHO		X			X	X					03			X				X									02	04	X	X	X					
JACINTINHO				X							02		X						X	X							02	02		X			X	X		
B.BENTES				X							02				X			X	X			X		X			04	03	X	X	X			X		
JACINTINHO				X							03		X							X							X	01	03		X				X	
B.BENTES		X				X					04			X				X								X	01	03	X	X					X	
JACINTINHO				X							04			X						X				X			01	02		X			X			
VERGEL											04							X									X	02	04		X					
B.BENTES		X			X						04			X		X						x	X			X	02	02		X						
JACINTINHO				X							02		X					X		X					X		01	04		X				X		
BREJAL											04			X				X						X		X	04	03	X	X	X					
LEVADA		X							X	X	03			X				X		X							05	02		X						
B.BENTES					X						04				X			X		X						X	05	04	X				X	X		
LEVADA		X		X							03				X			X					X				01	06	X	X	X					
JACINTINHO		X				X					03				X				X	X					X	X	02	06		X				X		

MATRIZ AMOSTRA 2 - PESQUISA DE CAMPO

IDENTIFICAÇÃO									PROCEDIMENTO 1 : ASSOCIAÇÃO LIVRE									
SUJEITO	SEXO	IDADE	ORIGEM	MOROU EM OUTRO LUGAR	TEMPO ANO/MES	GRAU ESCOL.	PROFISSÃO	BAIRRO MORADIA	BAIRRO AGRADAVEL									
									NOME	01	02	03	04	05	06	07	08	REL.
26	02	01	01	NÃO	_	01	CABELEREIRO	JACINTINHO	PONTA VERDE	X	X	X	X	X		X		04
27	02	02	01	NÃO	_	05	MEDICO	MANGABEIRAS	ALDEBARAN		X	X		X	X	X		03
28	01	02	01	NÃO	_	05	ADVOGADO	JACARECICA	JARDIM DO HORTO			X						03
29	01	02	01	NÃO	_	02	MOTORISTA	FEITOSA	GRUTA DE LOURDES	X	X	X		X				04
30	01	02	01	NÃO	_	03	FUNC. PUBLICO	BEBEDOURO	ALDEBARAN	X		X					X	04
31	01	01	01	NÃO	_	03	SECRETARIA	MANGABEIRAS	JARDIM DO HORTO	X		X		X				03
32	02	03	02	MARECHAL DEODORO	15/0	03	APOSENTADO	PONTA GROSSA	PONTA GROSSA			X						01
33	01	01	02	PORTO CALVO	5/0	02	MECANICO	POÇO	JATIUCA		X		X	X				03
34	02	01	02	UNIÃO DOS PALMARES	7/0	01	VIGIA	POÇO	GRUTA DE LOURDES	X		X				X		04
35	02	03	01	NÃO	_	03	POLICIAL	JARAGUÁ	MANGABEIRAS			X		X				03
36	01	03	01	NÃO	_	03	FUNC. PUBLICO	FEITOSA	ALDEBARAN			X			X			04
37	02	03	01	NÃO	_	03	APOSENTADO	MANGABEIRAS	MANGABEIRAS	X	X			X			X	01
38	01	01	02	RIO DE JANEIRO	3/0	01	DESEMPREGADO	VILLAGE	PONTA VERDE			X		X				03
39	02	03	01	NÃO	_	05	ENGENHEIRO	GRUTA DE LOURDES	GRUTA DE LOURDES	X				X		X		01
40	01	02	01	NÃO	_	03	PROFESSORA	GRUTA DE LOURDES	JARDIM DO HORTO	X		X	X	X				04
41	02	03	02	RECIFE	2/0	02	APOSENTADO	JATIÚCA	JATIUCA			X						01
42	02	01	02	PENEDO	5/0	02	ESTUDANTE	VILLAGE	PONTA VERDE		X			X				04
43	02	03	01	RIO LARGO	10/0	01	VENDEDOR	GRACILIANO RAM	PONTA VERDE	X		X					X	03
44	01	02	02	PARAIBA	5/0	05	JORNALISTA	PONTA VERDE	PONTA VERDE					X		X		01
45	02	01	01	NÃO	_	03	RECEPCIONISTA	POÇO	ALDEBARAN	X		X			X			03
46	02	03	01	NÃO	_	03	FUNC. PUBLICO	FAROL	GRUTA DE LOURDES		X			X				03
47	01	03	01	NÃO	_	02	COMERCIANTE	FAROL	ALDEBARAN			X	X	X				03
48	01	01	01	RIO LARGO	7/0	02	COZINHEIRA	GRACILIANO RAM	MANGABEIRAS	X				X			X	04
49	01	02	02	PALMEIRA DOS INDIOS	0/7	01	FAXINEIRA	CLIMA BOM	MANGABEIRAS			X		X				04

ANEXO
03

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)